This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

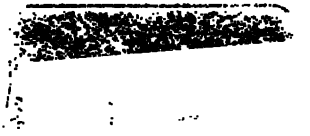
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

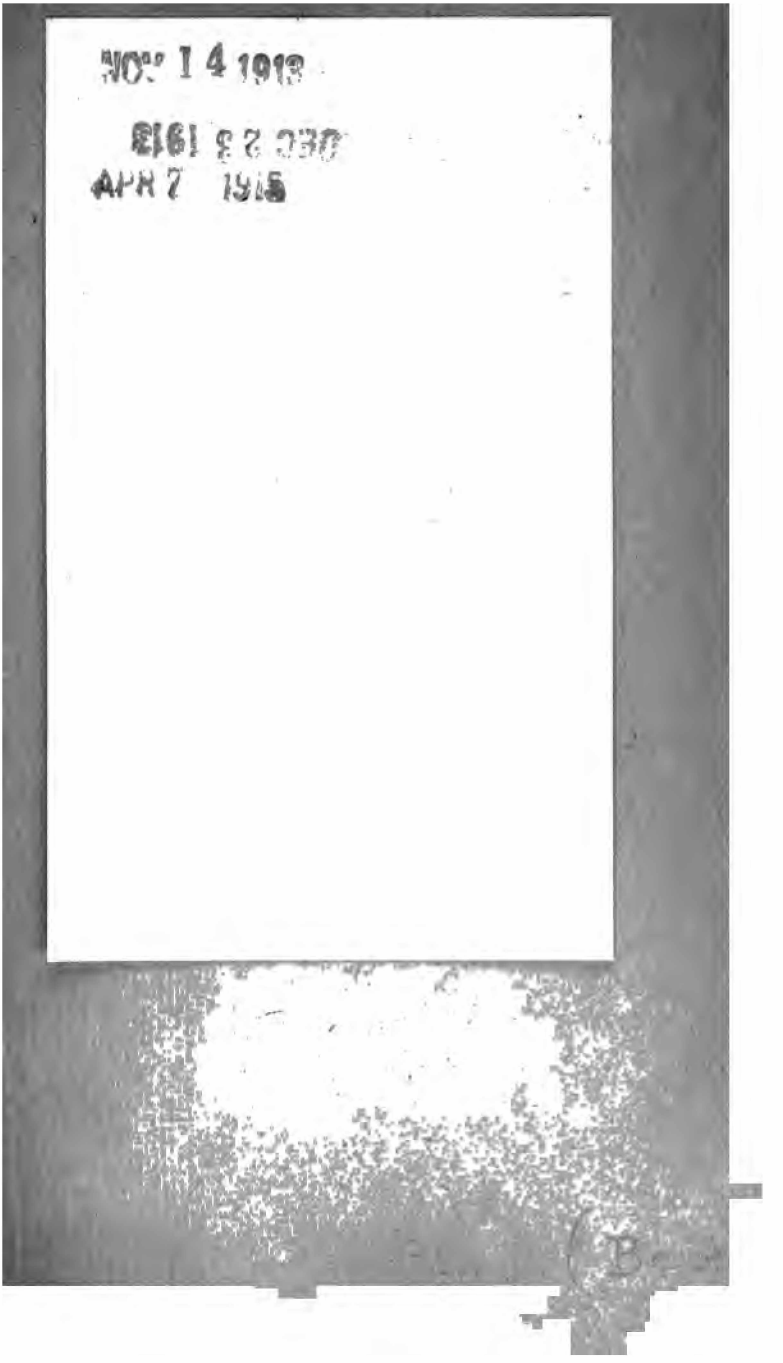
NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437964 9



NOV 14 1913

DEC 23 1930

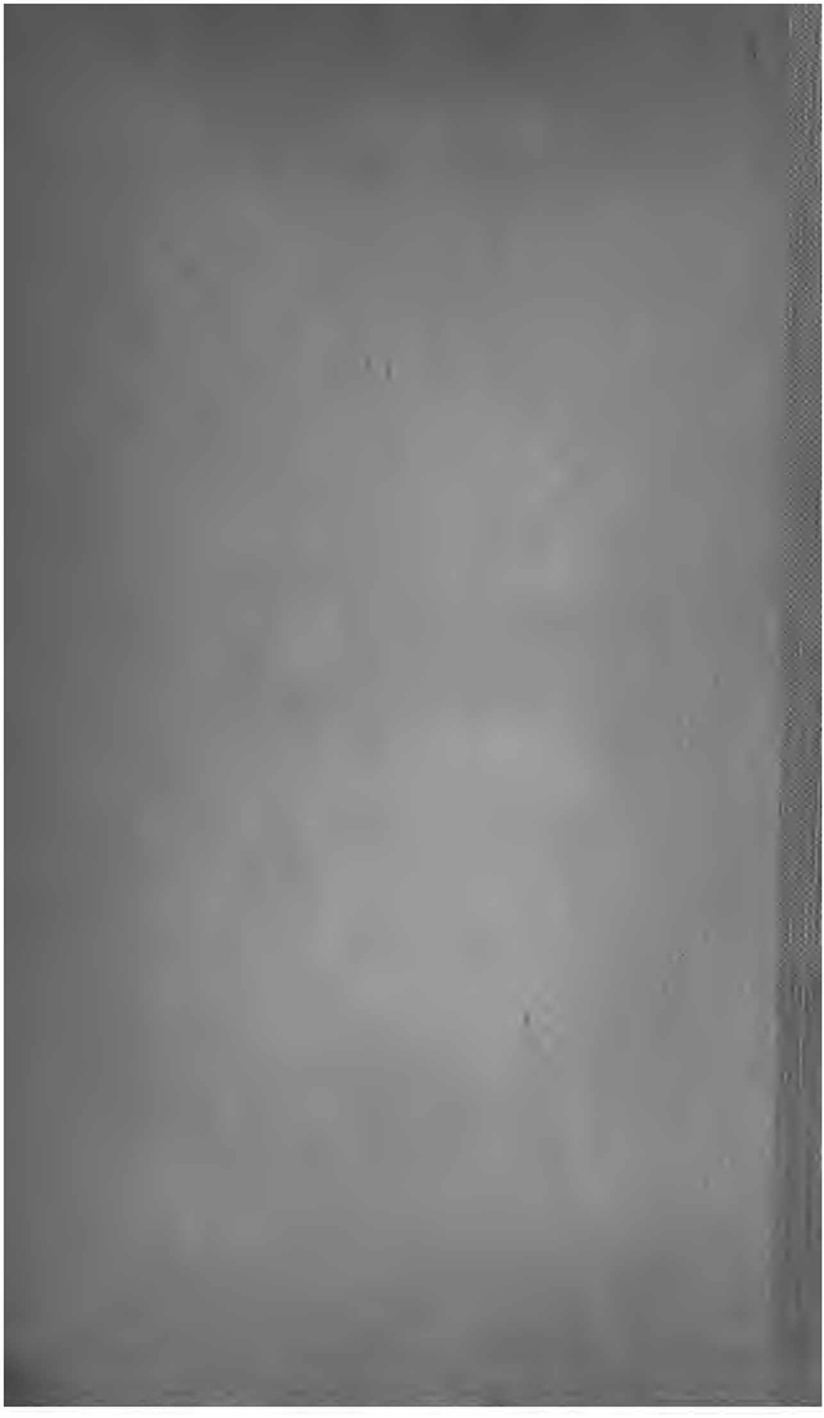
APR 7 1945



NOV 14 1913

DEC 23 1913

APR 7 1915



BENTO MORENO

# COMEDIA

# DO CAMPO

## SCENAS DO MINHO

**VOLUME I**

Historia vulgar — Vingança do morto — O brinco d'Ermelinda
A colera — O criado do cura — O tio Agrella — O ramo d'oliveira — O canto do gallo
O caso de Manuel da Lida

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67 — Praça de D. Pedro — 67
1878

mond de Beaumont
590
Lisbonne.

F. W. Knowles.
Apr. 22, 1886.

# COMEDIA DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

OBRAS DO MESMO AUCTOR

# COMEDIA DO CAMPO

VOLUME II

## AMOR DIVINO

(Estudo pathologico d'uma santa)

VOLUME III

Antonio Fogueira—A morte Negra—O rei Absoluto—O enterro d'um cão
Os ovos do recebedor da comarca

(A publicar)

## OS NOIVOS

# COMEDIA

# DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

POR

BENTO MORENO

La plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.

H. DE BALZAC — *Modeste Mignon.*

VOLUME I

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67, Praça de D. Pedro, 67
1878

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
493841

O proprietario d'esta edição no Brazil é o sr. Lourenço Lins de Hollanda, subdito brazileiro, residente no Pará.

Typ. Editora — Praça de D. Pedro, 67

A

# Camillo Castello Branco

# HISTORIA VULGAR

.....a ambição é o unico
negocio serio da vida.

W. Scott.—*Ivanhoé.*

A senhora Monica faziam-lhe mal os sorrisos da ventura; tomava-se d'um spasmo medroso e perdia o desembaraço, que tambem lhe cabia no temperamento febril. A miragem da riqueza occasionava-lhe melanquerices aristocraticas e tonturas de cabeça. O contacto do luxo, penetrou-a d'um modo insidioso, quando serviu, em casa das *senhoras fidalgas*, a titulo de afilhada.

O mestre Anacleto, seu marido, o bom sapateiro dos arredores, era *um* todo senhor de si. Tinha uma corpulencia vantajosa, cara larga, cabello cerdoso, olho coruscante, gestos decididos e rasgados, finalmente, bons signaes de batalhador. Para elle a sorte era sempre risonha, nunca o fez desesperar um dia infeliz; um dia bom pagava-lhe todas as amarguras. Anacleto era um bom espirito, um espirito saudavel, um homem que vivia do proprio genio e das virtudes do seu caracter.

Porém o demonio inquinou-lhe o coração, com a peçonha da cubiça. Uma voz enganadora, como a da serpente biblica, a voz de Monica, principiou a segredar-lhe, que era vantajoso enriquecer repentinamente, sem o suor do rosto e sem o arfar do cansaço no trabalho.

Ha certos periodos confidenciaes de amisade que se não devem repetir, porque perdem o vigor. Estas insidias de Monica trouxeram, tanto ao seu espirito, como ao do marido, a grande convicção salutar de que podiam encontrar um thesouro. O caso não é raro; muita gente com isto tem levantado cabeça.

Como pertenças da casa, onde moravam os dous conjuges, havia um pequeno quintal onde Anacleto plantava couves, que lhe serviam para nutrir uns coelhos mansos que possuia. Monica embirrava de morte com estes demonios de coelhos que tudo esburacavam; porém o marido queria-lhes como um apaixonado creador. Elle todo se perdia em conjecturas, á Olivier de Serres, observando-lhes a fecundidade, que segundo a affirmativa do sabio Wotten é tal, que um só casal n'uma ilha deserta, poderá, n'um só anno, elevar-se á enorme cifra de seis mil coelhos!

Ora, em certa noite, quando o somno pacifico devia amortecer aquelles corpos, Monica sentiu-se acordada por um estrondo que lhe pareceu metallico. Ella ouviu-o distinctamente, tendo os olhos já abertos. O som encantador vinha do interior d'um penedo, que estava encravado n'uma das paredes da casa. O marido que, na beatidade de um bom somno, roncava largamente, foi acordado pela consorte alterada, exactamente no momento psycologico em que elle sonhava possuir o thesouro desejado.

As palavras de Monica eram uma revelação! Ella era a alma de Facino Cane descobrindo-lhe o segredo das fabulosas riquezas.

Tinham alli sob os olhos a realisação de um sonho querido! Ó cornucopia dos acasos!

E principiaram a discorrer assim:

— Mas que será isto, homem?!

— Não t'o digo eu?... Ou dinheiro, ou o diabo por elle.

— Dinheiro sim... — sorria incredulamente. — Não ha annos de fortuna. Eu bem t'o queria acreditar, mas não sei que é; que não posso...

— Cousa de sorte, não se te mette na cabeça. Umas vezes tudo, outras nada. Quando não sabias onde *dlle* estava, acreditavas; agora é que não acreditas. Vae-te para o inferno que és uma azangada, um mau tempo.

— Ora... não é isso... — oppunha com uma incredulidade alegre.

Anacleto susteve rapidamente a contradita de Monica:

— Então esta minha cabeça não vale nada? Não o sonhei eu? E tu, minha asna, não o ouviste?

E saltando fóra da cama n'uma decencia pouco honesta, concluiu:

— Sempre é preciso ser incredula!

Monica voltava-lhe com doçura:

— Ora homem, como heide acreditar na fortuna? Tu sonhaste-o... Eu ouvi tudo muito bem... mas...

— Não é *más*, nem meio *más*. É dinheiro, é dinheiro e é dinheiro!

A consorte olhava-o com uns olhos humidos de lagrimas.

— É dinheiro — continuou elle. — Eu cá estou n'esta. Ninguem m'a tira da cabeça.

E com um signal de verdadeiro inspirado, accrescentou:

— Ora diz-me cá?! Não viste hontem cahir uma aranha no officio, quando eu trabalhava?

— Vi! — responde automaticamente.

— Então que quer dizer aquella aranha?! — prosegue dilatando as palavras. — Sim, quero que me digas o que quer dizer aquella aranha. Não será dinheiro?!

— Lá isso é que é verdade. Era uma aranha como um touro — considera geometricamente.

— É dinheiro e muito dinheiro, mulher.

— E não se desenterra?

Anacleto teve o ar escarnecedor de um homem *fino*.

— Hade-se desenterra — conclue seccamente.

— E agora é que vem mesmo a calhar. Os filhos do João Bento vendem os campos da veiga. Podem-se comprar.

— Se os derem em conta — rematava com reserva.

— E as casas do Antunes que a justiça leva á praça? Coitado do homem...

— É bem feito, que é um borrachão. Eu não as quero que estão muito velhas.

— O que tu me hasde comprar, é umas arrecadas e uns brincos.

— Lá para o dia da feira.

— E muito gostava eu de um capote de cabeção. Toda a minha vida morri por um capote.

— No domingo vae-se á villa e manda-se cortar.

E depois de um silencio em que Anacleto passeava dramaticamente agitado, continuou:

— Anda ahi esse leguelhé do brasileiro com o luzio na quinta do ribeiro... Havemos de nos ver. É para quem mais der. Cuida que póde comprar tudo; mas engana-se.

Monica sentia agradavelmente o prurido da opulencia e concordava:

— Não que estes senhores cuidam que só elles valem. Fazes tu muito bem. E dá-nos pão e vinho para todo o anno!...

— Se dá!—affirma com um esquerdo olhar levantado.

— Tu deves ser o regedor para o anno, e hade-se fazer a festa do Santissimo, que anda sempre nas casas ricas — opina com sinceridade curiosa.

— Pois então! — concorda o marido levantando a orgulhosa fronte.

## II

E como não socega a imaginação dorida, n'essa mesma manhã vestiram-se com o melhor que tinham e foram dar uma passeata, a lançar olho á quinta do ribeiro. Pavoneando-se, com a roupa domingueira, em dia de trabalho, causaram surpresa nos visinhos. E na verdade, Anacleto ia insultante. O guarda-sol de seda verde, o guarda-sol do casamento, empunhava-o pelo grosso castão osseo, encostando-o seccamente ao hombro direito. A bochecha empolava-se-lhe de orgulho. O labio grosso, tinha vibrações de importancia crescente. E o seu olhar de cima, deprimia os que incautamente lh'o procuravam.

Monica, essa bambaleava-se com a saia listrada do noivado, a qual, contava na sua historia só os *dias de cruz*. No donaire, soberbamente galante, visivel imitação de D. Catharina, uma das *senhoras fidalgas*, mostrava para os visinhos pobres, os pequenos desprezos dos repentinamente ricos.

De boca a boca passou, na visinhança, o cochichar d'um espanto! Inquiria-se d'este caso, com gestos admirativos e suspensos. Porém estes finos invejosos, nada

sabiam explicar e a estranhesa do successo fazia-os emparvecer.

Lindoria, uma mulher de perfil cortante, de palavra sybilina e possuindo um bello olho pequeno de gavião, dispunha-se a sair de casa para saber o que havia, quando viu levantar-se-lhe na soleira a sua amiga Benta, que a procurava.

—Entra, mulher, entra, que temos que fallar. Então não vistes?

—Se vi, mulher!—respondeu Benta abafada em riso.

—Não te iam todos tafules, que nem para uma boda?

—E que me dizes a isto, Lindoria?

—E' o que estamos vendo. Ao dia de semana sempre te iam!... Aquillo era não dar palavra a ninguem.

—Encontrariam elles algum thesouro?—chasqueia Benta cascalhando de riso.

E Lindoria, com um fino olhar penetrante, olhou excentricamente a sua amiga, como se uma ideia lhe tivesse sido sugerida.

Vieram mais visinhas e conversaram muito. Eram umas mulheres de boa compostura e modos beatos. Vinham duas a duas, vagarosamente, fazendo pausas, como velhos militares. Perdiam-se n'uma conversa miudamente gesticulada. Traziam a roca na cinta e ensalivavam os dedos para fiar. Algumas tinham o labio fino, os cantos da boca humidos, a testa lisa, as mãos compridas e ossudas, os pés chatos e sujos. Outras eram mais gordas, mais baixas e tossiam como homens. Tinham grandes massas carnosas sobre as orbitas, os beiços grossos e com cheiro. Andavam compassadamente e quando se firmavam n'um pé diminuiam d'altura d'esse lado, parecendo que pisavam borracha.

N'este conciliabulo tudo disseram, tudo esmerilharam

com phrases apimentadas. Cada opinião era um sinapismo nos lombos de Monica.

Depois sahiram, despedindo-se com olhar saudoso e desconfiado.

Duas que foram juntas iam apreciando:

—Esta Lindoria, tambem é para o que eu prestar.

—E' mel com vinagre. Ainda não conheces bem o bisnáu.

—A quem o vens dizer. E' ensinar o Padre-Nosso ao vigario. Não és mais esperta que as outras.

—A mim é que tu não dás novidade. Conheço-lhe as camisas. É das unhas dos pés, ás pontas dos cabellos.

—Mas com essas espertices, não sabes que o Berimbau lhe deu umas chinellas. Comprou-lh'as na feira.

—Não sei!?... Até sei quem lhe deu uma saia nova de riscado.

—Ora essa!

—É isto.

—Pois Lindoria já não é nenhuma creança.

—Não será; mas deram-lhe uma saia de riscado.

Veiu uma grossa noite escura absorver todos os problemas, e as largas respirações dos que dormiam, no seu amplo ventre sinistro. Accentuava-se mais a bemdita tranquilidade d'aquellas montanhas visinhas, com o leve movimento aerio das folhas e com aquelle zumbido da solidão, que ninguem sabe d'onde vem. As grandes visões phantasticas e as torvas imagens apocaliticas, que no ermo povoam as noites escuras, tinham a infinita amplidão socegada para se espalharem.

Alguem, no meio d'este socego embrutecedor, tinha a alma inquieta. Lindoria sentia no coração afferrada uma excessiva curiosidade. Logo que foi noite, desejando sahir sem que a vissem, principiou a observar o caminho, com o pescoço retorcido, como um pato que presente ao longe uma trovoada. Quando se reconheceu

isolada, deu uma volta cautelosa á chave da porta, e mettendo-se no escuro, dirigiu-se a casa de Monica. Ella caminhava com a subtil reserva de uma pessoa que não deseja ser presentida e tem de caminhar sobre folhas seccas.

Chegando á porta de Anacleto ouviu o ralhar da rama de pinheiro verde, que ardia na lareira. Os estalidos entremeavam-se com vozes, que ora enfraqueciam até ao segredo, ora se levantavam ao natural. Eram os conjuges alongando o projecto de gastar a riqueza e pensando no modo de a desenterrar.

A noctivaga, ajustando o ouvido á fechadura da porta, susteve a respiração, para perceber o que diziam. Com gestos picarescos e graciosos commentava o bom da historia que ia percebendo.

Prevalecia a opinião de Monica, que era de parecer que um thesouro é cousa sagrada e que para o obter é necessario que lhe levante o encanto pessoa que leia a preceito no livro de S. Cyprianb. Se tal não fizerem, em vez de luzentes pedrarias e fulgurantes oiros, encontrarão uns tristes carvões negros. Só assim é que pôde ser vencida a pertinacia de Anacleto que, já n'aquella noite, projectava entrar no ceu das mundanidades.

Homem que lesse bem S. Cypriano, só o padre José Feitosa, que esse até affirmavam que sabia vêr em *agua espelho* e *espada* para encontrar riquezas enterradas. Por isso resolveram ir no dia seguinte, antes de alvorecer, a casa d'este clerigo, que morava a duas leguas de distancia.

. . . . . .

Com fidelidade astuciosa, foi Lindoria contar, quanto ouvira, a Manuel Cosme — o senhorio da casa onde habitava Anacleto.

Este proprietario era um homem apoucado em carnes, com um labio somitico, um queixo ossudo e recur-

vade em telha. Notavam-se-lhe dois signaes curiosos: escutava sempre com as palpebras cerradas e, antes de responder, franzia os beiços, como se franze uma sacca quando lhe puxam os cordões. Indicava isto muita discrição no ouvir e grande reserva nas respostas.

Era um homem rico que aparentava pobreza. Qualquer jornaleiro, d'aquelles que trabalham ao sol, para ganhar o que tem de repartir pelos filhos, se asseava melhor. Porém o Cosme, vendo-os tafular, sorria-se, pois que se lembrava que lhes guardava na sua caixa os cordões das mulheres, os quaes tinham sido empenhados para se valerem em necessidade de doenças. Tinha muitas inimisades e ainda que ninguem dava uma gota de sangue por este Isaac de York, todos o respeitavam como se respeita um homem rico.

A mordente contracção labial de Manuel Cosme, ouvindo a confidencia, era de um expressivo curioso. Tendo pesado bem as palavras de Lindoria, perguntou-lhe com certo modo de incredulidade:

—Mas tens a certeza d'isso, rapariga?

—Olhe, senhor, é com estes, que a terra hade comer, que o ouvi, ha menos tempo do que leva a esfregar um olho.

—E é dentro de casa?!

—Torno a dizer-lhe que sim. Mau raio me parta, ainda a luz dos olhos me falte, se isto não é verdade.

—Veremos essas coisas e se não mentes não perderás nada commigo. Deixa que eu t'o pagarei.

—Isso sei eu! O tio Cosme é o pai dos pobres. Olhe que vim dizer-lhe tudo para seu bem e com a mão na consciencia, como quem se confessa. Aquella riqueza, que está no que é seu, é porque é sua; e não póde ser de Monica.

—Entendes bem, mulher, entendes. Deixa que has-de ter a tua parte. Vem agora d'ahi dar um beijo na infusa, se queres.

—Seja pelas suas alminhas, que está muito frio.

E quando a primeira luz dá manhã espancava as trevas, exactamente na occasião em que Anacleto e Monica se aprestavam para ir a casa do ecclesiastico Feitosa, Manuel Cosme mandava-lhes parar á porta da casa duas carradas de milho e intimava os inquilinos, para que despejassem, pois que precisava d'aquillo para tulha.

## III

Se, n'este mundo, houvesse coisa capaz de abrandar o duro coração de Cosme, se os choros, as desculpas, os rógos e até as ameaças o podessem vencer, Anacleto não teria de expôr na rampa do caminho os seus pobres trastes. Nada porém commoveu o proprietario, e para terminar uma altercação infructifera, veiu a palavra auctoritaria do regedor e a tripeça foi immediatamente substituida pelo celleiro.

Mas a audacia, meus senhores — o grande demonio das almas selvagens e dos corações perdidos — era o mais saliente dos predicados de Anacleto, que nunca desconfiou da sua boa fortuna. N'aquelle mesmo instante de raiva desesperada, planeou vir de noite, á hora dos phantasmas transparentes, para levantar o dinheiro. Elle ouvia n'aquelle momento o corruptor som metalico que o inebriava; elle sentia-se envolvido por uma atmosphera de vozes tetricamente infernaes, que são os cumplices invisiveis dos criminosos de Edgar Poe. E como esta ideia predominava no seu espirito, não deixou de ir, n'esse mesmo dia, como projectara, a casa do padre feiticeiro, para obter a permissão de desenterrar o the-

souro e podel-o vêr com os proprios olhos do corpo. Singular desejo este, que tem estonteado muito sapateiro!

E obtida a permissão, escolheram os conjuges, para levar ao fim a empreza uma noite apropriada. Anacleto quiz ir só, e quando o momento chegou, elle tinha o coração cheio de esperanças e d'inquietações. O seu espirito, naturalmente irreflectivo, perdeu a viveza ordinaria. A hora e o logar eram para trocar abertos risos de creança, em feios medos patibulares. O coração de Anacleto apertava-se ouvindo a voz de um perigo desconhecido. Palavras, com o severo e terrivel d'aquella noite pesada, feriam-n'o. Tinha suffocações e vertigens, fraquejavam-lhe as pernas — sentia-se perdido n'um grande mar. Ao chegar junto da porta da sua antiga habitação, esbofeteavam-lhe o cerebro ideias contradictorias e oppressivas. Estava irresoluto e embrutecido, quasi suspenso pelos cabellos no infinito d'aquella noite escura.

Mas a insidiosa cubiça emprestou-lhe forças, fazendo-lhe antever o paraizo das riquezas. Era ali, muito proximo, a dois passos, que estava a realisação de um sonho luminoso—a providencia amerceando-se d'um passado de provações.

Anacleto tão opprimido se sentia por estas mil ideias extravagantes, que não percebeu que, dentro da nova tulha de Manuel Cosme, estava uma luz que foi apagada, quando lhe persentiram os passos. Os sentidos não o relacionavam com estes factos perceptiveis, e com uma brutalidade diabolica arremetteu contra a porta como um louco, com tal impetuosidade que quasi que a arrombou.

A isto respondeu o rancoroso cão de Manuel Cosme, com grandes arremessos de ferocidade. O usurario e os sobrinhos, que andavam em escavações nocturnas, cor-

reram para abrir. Anacleto, vencido pela surpresa, fugiu cheio de misera cobardia, como um ladrão. Porém o *Rabicho*, assolado por seu dono, apanhou-lhe as calças e fel-o cahir. Os quatro robustos braços dos sobrinhos de Cosme prenderam-n'o. E ao mesmo tempo foi presa Monica que, por desgraça, seguira o marido contra vontade d'este.

O grande alarido fez levantar a aldeia. Compareceu o regedor. Anacleto estava mudo e intorpecido como um idiota. Monica toda lacrimosa provocava espectadores da sua desgraça.

O regedor, inteirado do facto, prégou assim, com muita colera:

— Pouca vergonha! Haviam de dar n'isto. Quem cabritos vende e cabras não tem d'onde lhe vem? A cadeia não é para os cães. A costa d'Africa não se fez para nada. Arrrrreeee... seus ladrões. É trabalhar, que eu tambem trabalho.

E cheio de gestos, arregaçava as mangas da camisa, voltando-se para Monica, que chorava em altos gritos.

— Deixemo-nos de cantigas. É com os ossos na cadeia. Não respeitam ninguem! Ha muito tempo que me faltam as couves! Agora é que eu vejo. É pela barra fóra.

E este homem iroso, com umas grandes barbas e uma voz enorme, reuniu os seus cabos e foi levar os presos ao administrador. Elles não abonavam rasões para se defenderem. Estavam tomados de um emparvecimento resoluto, esperando o soccorro desconhecido, que sempre se promettem os innocentes.

Ao vel-os partir, dizia-se:

— E que te parece Lindoria?

— Que te direi, mulher! A gente vê caras. E eu que punha as mãos n'umas horas...

— As tafulices não podiam ter outra aquella.

— Pois não ouviram os missionarios?!

A beata Genoveva, muito considerada pelos thesouros da sua sabedoria, disse:

— Ouviram, ouviram, que elles bem alto o prégaram; mas é que o demonio ás vezes vence Nosso Senhor, como aconteceu no monte Sinai.

— O senhor regedor é que lh'as disse.

— Não que andou em Braga! Vossês bem se lembram, quando elle vinha a cavallo.

— E as couves que elles lhe furtaram. Como estas coisas se descobrem!...

— Olha, mulher, á Custodia Tenenta,—coitadinha que anda para toda a hora,—roubaram-lhe as gallinhas, que tinha para o seu arranjo.

— Uma gente assim! Olha que faltando o temor de Deus...

Genoveva batia com a mão na bocca para quebrar a soberba:

— Deus me perdoe se pecco; mas com ladrões nem para o ceu.

Benta dizia em confidencia a uma prima, olhando significativamente a beata:

— Dá-lhe d'essas. E as minhas meadas?

Ao que, a preferida, respondeu acertadamente:

— Ninguem falla, senão quem tem que se lhe diga.

## IV

Entraram na cadeia, e, das velhas amisades, ninguem quiz fortalecer estes desgraçados, a não ser Lindoria que veiu logo no dia seguinte. Ella trazia-lhes grandes consolações e com o seu bonito modo aconselhava-os com muita caridade:

— Tem paciencia, homem. Seja tudo em desconto dos teus peccados.

— Qual paciencia, nem meia paciencia — tornava-lhe Anacleto irritado. — Eu sempre fui um homem fiel.

— Cá por mim sempre tens sido defendido; mas vão lá tapar as boccas do mundo? Todos me perguntam, quando fallo a favor de vossês: «o que é que foram, então, fazer para aquelle sitio, áquella hora?»

O sapateiro ficou enleiado, custando-lhe a supportar o olhar anavalhante de Lindoria.

E respondeu simplesmente:

— Um homem póde sahir de casa, quando lhe der na vontade.

— Vai-lhe lá com essas; não t'o acreditam. Cega eu seja, se dou credito a uma só das coisas, que diz aquelle malvado Cosme...

O preso atalhou vivamente:

— É tudo falso!

E Lindoria, com um discreto riso conciliador tornou-lhe:

— Mas que diabo fostes tu fazer para ali por aquella noite escura? O sr. juiz, cá da villa pergunta o mesmo...

Anacleto ficou pensativo... Era necessario uma resposta, uma evasiva, uma mentira...

Lindoria apertou-o mais:

— Quando forem a perguntas, devem dizer pelo mesmo. Não vás tu dizer uma coisa e Monica outra. Se queres que lhe vá dizer alguma coisa, bem sabes que ninguem é mais de vossês.

Anacleto confiou-se á discrição de Lindoria depois de uma pequena pausa reflectiva.

— Pois então vai-lhe dizer, que responda, que iamos vigiar umas nassas ao rio.

— Mas a que ias tu ó Anacleto? — pergunta com graça de compadres.

— Vai, que eu t'o pagarei, com muito dinheiro.

— E d'onde vem esse dinheiro?

— Schiu! é um segredo! Digo-te quando estiver lá fóra.

— Isso não é amisade...

Veiu um d'aquelles momentos em que a gente sente fallar dentro do craneo. São rapidos dialogos incoherentes... O sapateiro trahiu-se.

— Lindoria, muito segredo! Ha um thesouro na casa onde eu morava.

— Em que sitio?

Tanto esmiuçar dava receios de traição. No cerebro de Anacleto passou uma ideia má.

— É debaixo da pedra da lareira — responde mentindo com firmeza.

E depois concluiu:

— Esse thesouro é um encanto. Só eu o posso levantar. Vai dizer a Monica o que te peço, e deixa-me sahir, que te faço feliz.

— Pódes ficar descançado.

E foi.

Depois o preso foi a perguntas. Quando se viu na presença do juiz já tinha perdido muito d'aquella magestade de figura. O seu abatimento denotava o ter supportado uma violenta lucta interior. Mas apesar d'isto, ainda conservava a esperança de possuir a sonhada riqueza, se por meio de respostas bem calculadas, podesse mostrar-se innocente. Com o espirito preparado para esta scena, entrou, acompanhado do official de diligencias, n'uma pequena sala onde o magistrado com o seu ar doutoral dictava a um escrivão, que, n'um papel esverdenhado, espalhava a sua ampla lettra forense.

O severo homem da lei relanceou contra o sapateiro um dos seus bons olhares deprimentes, cheios de despreso e de colera. Profundamente convencido de que todo o preso é um criminoso, este magistrado procurava, com uma logica cheia de enredos e astucias, levar a mesma convicção ao proprio interrogado. Oh! como elle n'este momento tinha fortes desejos de convencer o Seraphico Francisco, ou o proprio Catão d'Utica de que eram dois torvos malfeitores com largos chapeus carregados violentamente á direita e cumplices de Anacleto!

Para intimidar o preso bastou aquelle primeiro olhar obliquo cheio de comica preversidade. O desgraçado impallideceu, seccou-se-lhe a lingua como a de um papagaio, quando ouviu dizer ao juiz:

— Reu, como te chamas?

— Anacleto Pestana, senhor.

— D'onde és natural?

Mencionou a localidade.

— Solteiro ou casado?

— Casado, meu senhor.

— Estiveste mais alguma vez preso?

— Não, senhor.

— Sabes do que te accusam?

— Não, senhor...

— Dize que sabes e não te me faças de novas. Tiveste algum doutor que te aconselhasse as respostas? — tornou-lhe penetrando-o com um frio olhar severo.

— Sei sim, senhor—emendou temeroso.

— Na noite de terça para quarta feira, tentaste roubar o milho das tulhas de um tal Manuel Cosme, procedendo ao arrombamento. E' ou não verdade?

— Não, senhor, eu não queria roubar...

— E' verdade — cortou seccamente — é verdade. Que ias fazer ali áquella hora?

— Ia vigiar umas nassas, que tinha medo que m'as roubassem — respondeu com timidez.

— Não mintas — tornou-lhe com voz reprehensiva.

E depois de curto silencio continuou medindo as palavras:

— Para vigiar as redes, era necessario dares um empurrão á porta da tulha que a ias arrombando?

— Eu senhor não dei...

—Déste. Ha testemunhas. Não venhas para cá mentir que estás mal.

E, depois de se assoar largamente contra um desbotado lenço de paninho vermelho, disse com grande serenidade:

— E para que fugiste, quando te perseguiram, não me dirás? Se estavas innocente...

— E' que aquelle cão, senhor, é tão mau...

— Não é mau, nem meio mau. Tu ias para roubar a tulha.

E perguntou ainda com uma pronunciada expressão mordente:

— E um sacco que se encontrou no caminho? Era para levares o peixe?

Anacleto tinha perdido a coragem e a fallà. Não respondendo, o juiz completou:

— O teu silencio abona a resposta. Era para levares o que roubasses. Póde retirar-se, official. Traga-me a mulher.

D'esta não houve força de argucia, nem intimidação que tirasse uma só palavra. Com um choro prolongado é que respondia, fazendo esforços para se agarrar de joelhos e supplicante ás pernas do juiz. Vendo este que, as suas perguntas cheias d'auctoridade, eram inuteis, mandou-a para a cadeia, promettendo-lhe a costa d'Africa n'esta singela phrase primorosa de concisão:

— Deixai estar que eu vol-o darei.

A cadeia occupava duas lojas contiguas: uma para homens, outra para mulheres. Eram duas casas terreas, humidas, mal arejadas e mal cheirosas. Cada uma tinha a sua unica janella com grades de ferro. As paredes eram escorregadias e a um canto via-se um buraco, onde os presos deitavam aquillo, que lhes repugnava ter junto do corpo. Elles dormiam acamados sobre um estrado de pau, em palha ministrada pelo carcereiro e cobertos com uma manta emprestada pela misericordia. Era sobre aquelle estrado que repousavam a sua ociosidade fatigante.

Ali dentro, confessavam-n'o elles, sentia-se, no inverno, um penetrante frio humido e no verão respirava-se um ar espesso e mal cheiroso. Os ratos, com a sua prudencia instinctiva, já tinham abandonado aquellas paredes velhas.

Os homens que Anacleto lá encontrou, tinham sido creados no bom ar do campo e para lhes não apodrecerem os pulmões, passavam os dias com os narizes contra as grades de ferro da janella. As pautadas descripções dos carceres de Torquilistowe, feitas por Scott,

não produzem o grande desanimo d'estas immundas enxovias.

Os tres companheiros de Anacleto condemnados a degredo perpetuo para a Africa, pensavam em arrombar a cadeia e fugirem. Esta ideia fez com que o marido de Monica reconstruisse os seus castellos, já quasi desfeitos. Pela mulher de um dos presos avisou a consorte d'este plano. Elles abririam primeiro communicação para a cadeia das mulheres e d'ali, arrombando a parede, é que sahiriam para o ar puro.

Anacleto e Monica iriam de noite, com cautellas mais pensadas, desenterrar o thesouro... e o mundo é grande e toda a felicidade está no dinheiro.

Ao vêr estes homens, com a sua côr de limão, os cabellos deseguaes, as barbas grossas e revolucionarias, podia-se affirmar que em breve entrariam na longa fila dos mortos a saciar a voracidade impaciente dos vermes. A má hygiene, mata com mais certeza do que um punhal. Elles, que actualmente pareciam os alevantados phantasmas de Macbeth, foram invejosas organisações, creadas ao fresco ar e na luz vitalisadora. Queriam arrombar uma velha parede, para não terem que andar presos a uma grilheta, com a perspectiva de morrerem, em distantes regiões, roidos por vermes extravagantes.

Alegrava-se-lhes o coração no evento da liberdade de seus membros, de suas vontades e de suas intenções. Tinham uma febre, que tomavam por vigor corporal, quando acreditavam na realisação d'aquella ideia cheia de riscos. Em muitos homens o querer é uma veleidade de espirito, colorida por uma fatalidade de temperamento; n'estes era uma necessidade intensa.

Ha porém individuos que, como o judeu da lenda, são perseguidos por um demonio implacavel. Qualquer simples desejo lhes é contrariado por maquinações mysteriosas, que ninguem sabe d'onde vem. A estes homens,

accusados d'um homicidio praticado em desordem de feira, nenhum meio de defeza lhes tinha aproveitado. A fuga projectada não a poderam realisar; pois que, no mesmo dia em que se aprestavam para isso, uma escolta de soldados os levou d'ali, apesar do chôro prolongado dos parentes, para seguirem o seu triste destino.

E Anacleto ficou de novo pensando no modo de sahir da cadeia, para ganhar pela sovela o pão do sustento.

## V

Manuel Cosme e os sobrinhos, muito se estafaram, remexendo o pavimento terreo da casa, onde suppunham enterrada a riqueza. Depois das averiguações de Lindoria, mais uma vez levantaram a pedra da lareira, que sempre foi logar de predilecção para thesouros. Porém trabalharam sem resultado e convenceram-se de que Anacleto não dissera a verdade.

O prudente ricasso tomou conselho com o travesseiro, que é o mais discreto dos amigos. Devia elle fazer as pazes com o ex-inquilino? Para dizer a verdade inteira, que razões tinha Manuel Cosme para deitar a perder Anacleto?! Elle não lhe tinha dado perda...

Era cruel deixar ir, por uma barra fóra, os pacificos visinhos, que ainda podiam servir para alguma cousa. Todos os espiritos torpes teem momentos luminosos de reflexão, como este. Concorrer para que Anacleto e a mulher sahissem da cadeia, era uma acção que devia ser agradavel a Deus e que lhe podia ser proveitosa a elle proprio... Assim reflectiu Manuel Cosme e, vestindo o seu casaco azul das solemnidades, foi á villa fallar com Anacleto, levando a alma cheia de optimas inclinações.

O preso, ainda que abatido e desanimado, quando viu o seu preverso inimigo, teve umas exaltações vingativas. Pesou-lhe que estivessem separados por umas grades!

Com mau modo o encarou, perguntando-lhe:

—O que me quer?

—Não estejas assim zangado, que eu não te quero mal—amaciou o visitante com aspecto prazenteiro.

—Ah! vossemecê é muito meu amigo. Metteu-me n'esta cadeia por ladrão, sem eu lhe roubar nada, e vem dizer que é meu amigo!

E quando respondeu isto appareceram-lhe duas lagrimas, talvez de raiva!

—Homem, não vae a affligir. Bem vês que não fui eu que te prendi. Como o outro que diz...

—Se me não quer mais nada, deixe-me. Sempre cuidei que tinha por lá feito alguma confissão e que vinha desdizer-se.

—Anda cá, Anaclelo; tu sempre fostes um arrenegado.

—Então que me quer?

—Eu já fallei com o nosso regedor e disse-lhe, que não sabia se tu fostes lá ao que fostes...

—Então a que fui eu?!—pergunta com altivez prescutadora.

—Valha-me a Virgem, e tu sem quereres ouvir. Venho tambem dizer ao sr. administrador e ao sr. doutor delegado e ao sr. juiz e a todos os senhores da villa, que tu me não querias ir á tulha; mas que meus sobrinhos e o cão é que assim o entenderam.

—Pois se lh'o quer dizer é ir; ponha-nos fóra d'esta cadeia, que estamos innocentes.

—Hasde sahir, homem; mas tu bem sabes, que se não ias lá para isso a alguma coisa ias...

—Então a que ia?! —perguntou Anacleto surprehendido.

Cosme tornou-lhe mansamente com um malicioso franzir de labios e um riso cheio de intelligencia.

—Tu bem o sabes...

Veiu um silencio comparavel á escuridade momentanea. O usurario queria que o sapateiro comprehendesse. Este não sabia se era conveniente comprehender. Estavam atados um ao outro por um fio d'aranha. O menor gesto, quebraria tão fraca prisão.

Manuel Cosme continuou com um benigno ar de homem esperto.

—Ora confessa. Bem vês que sei tudo. Olha que não é crime.

—E como soube?—linguou Anacleto emparvecido.

O ricasso teve uns segundos de seriedade. Depois sorriu-se com todas as linhas do rosto e mostrando o dedo minimo, disse:

—Este que adivinha.

E concluiu com muita bondade.

—Eu preciso de ti, homem. Nós ambos havemos de o desenterrar e ficaremos ricos.

Não era facil tirar da cadeia os dois innocentes. O juiz estava sériamente convencido da culpabilidade dos accusados, e, apesar das declarações bondosas do queixoso, não cedia. Um juiz não se convence debalde. Custa muito produzir argumentos, cheios de sagacidade, para os vêr preteridos por uma negativa. Como o *attorney-general de Madrás*, elle quasi tinha convencido os proprios reus, e não devia deixar morrer desleixadamente as rasões.

Porém no summario, que foi no dia seguinte, as testemunhas vingaram-se fazendo declarações vistosas a favor dos innocentes. Lindoria sobresahiu affirmando que era gente pobre, *mas muito capaz e temente a Deus.*

Não houve remedio senão assignar-se o mandado de soltura. Anacleto, sahindo da cadeia, acreditou mais uma vez na sua boa estrella. Mostrava uma alegria quasi infantil, porque se via vivendo ao bom sol e na frescura dos campos. Monica, com o seu feminino expansivo,

ia-lhe asseverando com grande fé catholica e muitas palavras crentes:

—Olha que t'o digo, homem; foi o Senhor dos Afflictos e Nossa Senhora do Carmo que nos valeram. Apeguei-me com elles e prometti-lhes uma novena, que hei de cumprir se, Deus Nosso Senhor me emprestar vida e saude.

E lá foram para a sua aldeia, alegres e tristes, como os que foram uma vez infamados.

## VI

O Cosme, quando entraram em ajuste elle e o sapateiro, mostrou o seu verdadeiro fundo ambicioso, querendo, só com algumas moedas, corresponder ás revelações de Anacleto. Porém este fortificou-se no exclusivo do segredo e não cedeu sem o promettimento de se repartir tudo por igual.

Convencionado isto, determinaram uma noute e escolheram aquella hora adiantada em que as estrellas mais brilham. Devia ser, pouco mais ou menos, meia noute — o momento sublime dos esplendidos phantasmas. Por conselho do padre Feitosa, tinha sido convidada a bruxa Ermenalda, para fazer uns esconjuros necessarios, n'este momento em que iam desenterrar o thesouro.

Era uma scena, cheia de curiosidade palpitante, em que representavam Manuel Cosme, Anacleto, Ermenalda e tambem Lindoria — um personagem quasi indispensavel! Todos tinham o semblante polvilhado d'um riso entre sombrio e alegre. Para os que não eram *iniciados* n'estes profundos mysterios, passava-se um gran-

de facto que lhes perturbava o espirito. Os acolitos da feiticeira estavam penetrados d'uma sombriedade exquisita. Não faziam grandes gestos nem tinham muitas palavras.

Na realidade Ermenalda mostrava-se uma individualidade excentrica. Ella dava a este quadro um grande sombrio sublime. Manuel Cosme tinha os labios sumidos e um olhar penetrante de serpente. Lindoria, confundida e maravilhada, rezava com frenesi. Quem ia abrindo a cova no logar apropriado era Anacleto, obedecendo passivamente aos indicios de Ermenalda.

Não que era ella o foco da luz do quadro. Levantava os olhos ao ceu, com o grande exagero de expressão ascetica, dos que voejam por espheras superiores. Usava gestos imperiosos e irregulares, rapidos movimentos faciaes desconhecidos.

Com palavras medidas, regulares e somnolentas, dizia:

C'o este ramo d'alecrim
desencantamos o encanto.
Appareçam as riquezas
promettidas pelo santo.

E pouco depois, tendo traçado no ar umas figuras cabalisticas de oriente a occidente, continuava com solemnidade:

Agua bemdita das pias,
lindas mouras encantadas,
escorraçae as arpias
ensarilhae as meadas.

E com uma voz mais fina e apressada, olhando fixamente a cova que Anacleto ia abrindo, pronunciou:

Eu já vejo
o thesouro,
é da côr
do besouro.

São bonitos
os grilhões,
amarellos
abelhões.

E estas palavras deixavam no ouvido dos assistentes uma resonancia prolongada. A bruxa, com uma solemnidade crescente, proseguia em tom cheio de magestade:

Ó meu santo vencedor
dos demonios infernaes;
mostrae-nos, vosso poder,
hoje só e nunca mais.

Eu já vejo
o thesouro,
é da côr
do besouro.

São bonitos
os grilhões,
amarellos
abelhões.

E, ao som d'esta melopeia entorpecedora, Anacleto ia perfurando sempre e tirando manadas de terra, sobre a qual lhe cahiam as camarinhas de suor.

Manuel Cosme e Lindoria, estavam absorvidos na prepotencia da feiticeira, que tinha em si destinos incomprehensiveis.

Ermenalda, com um gesto apropriado, indicou silencio. Revestiram-se os assistentes d'uma grande immobilidade e mudez, como se representassem n'um funeral. Ia-se passar alguma cousa extraordinaria. A bruxa, sempre dentro do *sino-samão* que traçára na terra, ia complicando com velocidade as figuras symbolicas que desenhava no ar e sobre a chamma azul das plantas excepcionaes, que accendera.

N'um momento cerrou as palpebras, para se communicar com os espiritos invisiveis que deviam andar sobre a fogueira. Fallava-lhes, removendo muitas palavras, com um silvar agudo e aspero de serpente furiosa. Ajoelhou, e conservou-se por minutos com a cabeça entre as mãos. Entrava no instante dos conclaves infernaes. Os que a viam, esperavam o sair d'aquella somnolencia de nigromante, com o sobresalto com que se espera o estrondear d'uma peça de artilheria, quando se vê o murrão acceso. Preparavam o espirito para a occasião em que o demonio se devia de revolver no pavimento terreo. Elles estremeceram, quando a bruxa, com viveza satanica, se levantou e disse rangendo os dentes e chispando furores pelos olhos sanguineos:

Pelo ceu de fogo,
pelo mar de lume,
pela terra negra
pelo ar que fume;
appareça no alto
a fouce de gume.

E não se revolvendo o diabo no pavimento, sentiu-se ao menos o uivo longinquo d'um cão, e o granizo de uma saraivada, que se tinha condensado em quanto faziam esconjuros.

A um signal da bruxa, Anacleto continuou lentamente no trabalho de cavar no terreno. Era custoso, mas a recompensa promettia. Os olhos de Cosme cresciam de um modo fabuloso, olhando para a cova já aberta: parecia-lhe ver o ouro, sentia-lhe o telintar metalico, afigurava-se-lhe uma riqueza enorme.

Os selvagens habitantes d'esta casa velha foram acordados com as pancadas monotonas do trabalhar de Anacleto. Viram-se, mais do que uma vez, sair de suas covas, alguns dos coelhos mansos, que logo se recolhiam

com grande celeridade. Eram os antigos moradores das entranhas d'esta terra, e que o sapateiro não pôde levar quando foi despedido. Manuel Cosme tinha pensado a respeito de taes roedores, n'um envenenamento; mas ainda não tinha posto em execução este frio plano.

O facto do apparecimento dos coelhos, tem grande importancia no desenlace d'estes acontecimentos. Desconfiemos das cousas insignificantes. Ás vezes conteem os germens de grandes successos. Por causa de tres creanças nuas, encontradas casualmente n'um bosque por uns soldados, morreu Gauvin na guilhotina e suicidou-se o rigido Cimurdin.

## VII

O coelho é um animal travesso, phantastico e de bom guizado. Ha-os domesticos e bravos, posto que os primeiros sejam os segundos com os *tics* da civilisação. A fecundidade d'este animal é extraordinaria. Se o homem o não espingardeasse, teriamos que ver nos thronos — em vez de graves monarchas, sisudos e sérios, com toda a magestade senhorial — o conquistador insolente, pacato e manso. Não lhe tendo sido, como não foram, motivo de resistencia, os fortes muros da velha Tarraco, que sustentou até á desesperação dos sitiantes o cerco apertado dos francezes, como é que nós, indefesos em nossas fracas moradas, poderemos oppornos á audacia recondita d'este mineiro obstinado?!

A suave Minorca, senhoreada successivamente por phenicios, carthaginezes, romanos, vandalos, serracenos, que foi de Carlos Magno, que foi da casa d'Austria, da ambiciosa Inglaterra, da França conquistadora e da Hespanha toireira, é uma ilha coelhina, e nem o sanguinario lobo, nem a manhosa raposa habitam este paiz, um dos mais ferteis do mundo. Minorca é dominada por coelhos.

O historiographo Catullo, viu-os tão proprietarios e tão senhores da fertil peninsula hispanica, que a denominou *cuniculosa*. O coelho é portanto um perigoso inimigo.

E tambem é um animal intelligente, commodista e preguiçoso. Gosta dos fofos leitos das hervas seccas, á sombra dos copados arvoredos e, como previdencia, dorme de olho aberto. É doidamente alegre e brincão como os pombos, delicado e timido como a aranha, amoroso e triste como Julia.

O coelho não é dos animaes que vivem arrebanhados á feição dos que tem instinctos guerreiros, e se juntam para a defesa e para o ataque. Ama a solidão e a phantasia, como os bons artistas. É um bucolista, como Gesner ou Bernardes. Entende a paisagem como Francisco Borzoni. Diverte-se infantilmente como o gato — uma folha agitada pelo vento serve-lhe de grande distracção. Dizem que detesta o negro — basta apresentarem-lhe, quando está na cama, traiçoeiramente, um chapeu diante dos olhos, para ficar entorpecido a ponto de se deixar apanhar.

Na despedida do sol, tem um olhar doce, longo e mesclado da desconfiança da noite.

Sentindo o bafo inimigo do cão, toma o expediente de fugir e recolhe-se dos insultos provocantes nas entranhas da terra, onde tem armada a sua fortaleza.

Lá o vão procurar com o furão, o mais abjecto dos animaes — sujo, traiçoeiro e infame. Com os seus nervosos guinchos subtis e com os dentes agulhados, o furão expulsa o coelho. Então, soberbo de raiva e de coragem, rompe do interior da terra entre o estrondo dos tiros e latidos dos cães. Leva na carreira a celeridade e esperteza, que desesperavam Carlos X, tanta vez ludibriado na sua fama cynegetica.

E é este inimigo que póde avassalar-nos?!

É elle, que, segundo declarações diplomaticas e calculos scientificos, póde conquistar o globo?!

Eu prefiro o sr. de Bismark a um coelho. Antes quero a dominação do Czar do que a d'este faminto roedor.

Espingardeemol-o.

A caça não é uma crueldade; é um exercicio, um vigor, um desenvolvimento. Se o coelho vive descuidado e indolente á sombra do feto, distrahindo-se com o coachar das rãs, com a musica dos passaros e consumindo as nossas riquezas, assiste-nos o direito de perseguirmos este sybarita. Elle bebe a melhor agua das montanhas, respira o melhor ar vitalisador dos campos e disfruta-nos. Alguns insensatos, mais enthusiastas do que analystas, escrevem-lhe apologias bucolicas.

Nós fazemos-lhe guerra, queremos exterminar o coelho, com tanto enthusiasmo e convicção, como a *d'aquelle* que disse ao ultimo dos Napoleões, que a maior gloria do seu reinado, seria acabar com a raça coelhina.

Se o mamifero não quer ser perseguido, prove-nos a sua utilidade e independencia; demonstre-nos que lhe pertence a nossa propriedade; argumente comnosco sequiosos de polemica.

Nós rasgamos caminhos através de montes e mares; inventamos o telegrapho e a escripta. O que tem feito o coelho em prol d'alguem?

Se o illustre habitante da encosta adduzir o ser-nos servido no jantar, reconheceremos a improcedencia da argumentação e passaremos a comel-o.

Por outro lado: como presumirá de artista quem mina os terrenos, para se esconder em covas escuras?

Deixemo-nos de razões sem fundo.

## VIII

Por causa dos malditos coelhos, houve muita ralhação entre Monica e seu marido. O proprio Manuel Cosme tinha observado ao seu inquilino, que o melhor era matal-os, pois que lhe deitavam a casa abaixo. Anacleto porém tinha as suas predilecções animaes. Quem as não tem? Muitas vezes por ellas se póde caracterisar um individuo. Dize-me os animaes que estimas e dir-te-hei as manhas que tens.

E' o coelho, o passaro cantador, a rã na tarde calmosa, a cigarra á hora crepuscular? Perdeu-se em ti um morgado bulhento, um bom caçador de pardaes; ou então, um amanuense de secretaria com a alma cheia de lyrismos.

Agradas-te do cavallo? És activo, pódes ser generoso, gentil e estouvado. Gostarás de jactancias e pompas. Talvez que tenhas reservas... e eu te buscarei de frente, para que me não escoucinhes.

Se o teu animal é o cão, tens meiguices e asperezas. Serás auctoritario, violento; ás vezes serás morno e franco. Pódes ser um amigo dedicado; mas tambem pódes enraivar e morder.

# VINGANÇA DO MORTO

(A J. VAZ)

Si la pauvreté est la mére des crimes,
la défaut d'esprit en est le pére.
La Bruyère—Les Caractéres.

## I

A chegada de muitas pessoas, modestamente vestidas de preto e conversando com sisudez; o semblante occupado e choroso dos creados; o crepe encobrindo a pedra de armas; o marulhar das vozes dos pobres, que esperavam a distribuição da esmola... definiam o momentoso acontecimento.

A morte do *senhor fidalgo*, velho general, que se tinha reformado com a sua gôtta, depois de terminada a carreira militar, que principiou contra os francezes, é que assim punha em relevo o denegrido palacio.

A parentella, as amizades e as dependencias, congregavam-se no sympathico pensamento de prestarem as ultimas homenagens ao que se ausentava. Este generoso impulso de respeito estendia-se a léguas em redondo fazendo vir ali muita gente.

As flôres da primavera matizavam a encosta, abrindo-se beneficiadas pelo calor. Um bello sol de abril dava pomposo luzimento á festa mortuaria. Os tortuosos caminhos, opulentos de cortejo, animalisados pelas correntes vivas de cavalleiros, tinham movimentos ondulatorios de serpente.

Porém o quadro mais de se ver é o dos pobres, que esperam no portal. Diversos nos trajes, nas conversas, nas vozes, nas aspirações, nos apetites, eram-no, quanto o podem ser individuos tão apertadamente sympathicos, vivendo das mesmas commoções. Conservavam a feição conhecida, a linha tradicional do pedinte, que se usa no theatro, para se disfarçar um gentil namorado; no entrudo para libertar o gracejo incaracteristico; nos paineis das nossas igrejas quando se figura *Nossa Senhora Apparecida*: os traços do pedinte adorado pela arte desde Callot a Raffet, que tem longa capa de remendos, tosco sapato cosido a cordel, um pedaço azul no joelho, um lenço sujo na cabeça com as pontas para a nuca, e o simples bordão de carvalho: o pedinte que, se é velho, tem uma barba longa, o andar trôpego e uma voz lamentosa.

Todos expunham com petulancia, a um sol forte, os seus vestuarios andrajosos e os corpos d'um escuro pergaminhado. Desleixavam-se preguiçosamente revelando, nas atitudes indifferentes, a indolencia dos desejos. Nas conversas usavam as respostas frivolas das velhas convivencias n'uma voz desegual, cheia de asperezas, e aguardentada.

—Que rico jumento *armastes!*—diziam para um coxo. Quanto custou?

—Anda caro... por moeda e meia.

—Isso é que é riqueza! E vens tirar a esmola cá á gente que precisa!?

—Eu sou um aleijadinho,—justificava—que não te-

nho pernas que me levem. Tu é que podias puxar por esses braços.

—Peior é a cegueira,—agride um cego.—A vista dos olhos é a maior riqueza d'este mundo. Um homem sem olhos não é nada.

—E que será um bicho na cara!—vem outro levantando um panno e mostrando uma larga ulcera aberta e repugnante.—Eu é que mereço compaixão.

E uma viuva allega judiciosamente:

—Todos temos as nossas desgraças. E a quem morreu o homem e ficaram tres creancinhas!?

Creancinhas, que, no momento, ali brincavam, n'uma grande despreoccupação, com outras da mesma igualha.

—Se não fosse a caridade, não sei o que havia de ser da gente. Morria-se p'ra'hi de fome,—affirmava com grande simplicidade um robusto mocetão, mostrando o tumor de um hombro descamisado.

E n'outro circulo dizia-se:

—Agora, o que dá mais algum vintem são as feiras. Na ultima ainda *armei* uns doze *malucos*.

—Arrreee... burro que isso é que é felicidade! Doze *malucos* é um pinto. Eu por mais que berrei não colhi mais de nove vintens e meio, e uma sacola de pão, que vendi por dez réis para os porcos.

—Tambem tu não tens a desgraça á vista como eu, —respondia-lhe o primeiro. Cego não tem comparação com andar de rastos; isto sempre mette mais pena.

E no entretanto outros consideravam:

—Cá a mim o que me tem valido é estarem lá na minha freguezia os missionarios. Rapo ás vezes cada frio de manhan á porta da egreja... mas, *cantando-se* bem, resando a gente uma boa *ladainha*, os que vêm de ouvir aquelles santos, sempre deixam.

—Isso! á porta de uma egreja é muito bom! Não que, se a caridade se não encontrasse ali!...

Um amputado que usava de muletas certificava:

—Eu gósto mais de romarias. Quem vai á festa sem-

pre leva que dar. Ainda na do *Socorro*, eu comi cabrito e bebi vinho até lhe chegar com o dedo. Aquillo é que foi! Dei lá com uns amigalhotes *tocaditos*, e para se ter bom coração, não ha como ter uma pinguita de mais. Meus amigos, um greirito na aza sempre é melhor que missões.

—Não que é um grande peccado deixar ir um pobre sem esmola, quando se está a comer—dizia com muita credulidade uma pedinte velha.

—Isso sei eu!—tornou-lhe o amputado. com fino riso.—É por isso que eu peço sempre á hora de jantar.

—Eu é que não vou para ahi,—confessava um que fingia de cego.—O mais que se arranja, n'essas ocasiões, é algum pedaço de pão e carne. Dinheiro nem um *chavo*.

Um modesto responde com um franzir de beiços desleixado:

—Eu, tendo carne e pão, não preciso mais.

Torna-lhe o precedente:

—E eu cá não! A gente sempre tem suas *aquellas* em que se gasta.

E deu uma revira-volta sobre um calcanhar.

—Cala-te!—observa um cauteloso.—Olha que te podem ouvir os criados.

—Não tenhas medo. Aquelle que passou é o Zé, que já andou n'esta vida. E olha que ainda ha pouco me disse que não está contente com servir. Ha muita prisão. Eu bem o sei, que já servi.

Um cego velho, de longa barba tradicional, pergunta levantando a cara para o sol:

—E quanto será hoje a esmola?

—Menos de um pão branco e um pataco não pode ser,—julga um, pouco ambicioso.

—Só por isso, não vinha eu perder um dia e andar uma legua. Arranjava mais indo ás portas.

—Diz que tambem dão castanhas.

—Se não me derem um tostão, não rezo nem um padre-nosso, insiste com um bom rosto frado.

—Mas o fidalgo deixou dinheiro para os pobres!—dizem alguns suspeitando-se logrados.

—Isso é cá para a freguezia,—confirma certo dos interessados. E' uma camisa de estopa, umas calças e um pinto para os homens. Para as mulheres é uma saia em logar de calças. Mas é só para nós, o senhor cura é que diz.

—Olha o diabo!... exclamaram os lesados pela circumscripção parochial.

E, como neste momento chegaram muitas pessoas para dar os pezames, levantaram o clamor com vozes differentes e cheias de necessidade:

—Ó pais e mãis da caridade, olhae esta *disgraça*, etc.

Depois vieram tres criados a distribuir as esmolas. Este dava um pão de trigo a cada pobre; outro um copo de vinho; e o terceiro enriquecia-os com um pataco.

Todos queriam ser attendidos. Mostravam as lesões, os padecimentos, os motivos para requerer. Cada um devia preterir aquelle que accidentalmente lhe ficára ao lado: era mais aleijadinho ou a mais cego. Diziam-no com voz lacrimosa, estendendo os braços magros e sujos. Um mais esperto tentava illudir os creados, pedindo do meio da turba, com as duas mãos ao mesmo tempo, querendo significar que pertenciam a diversos individuos. Outro projectava receber duas vezes: aproveitaria a confusão, o borborinho, e, depois de receber a primeira, iria pelo outro lado pedir novamente com voz mais fina.

Os criados conheciam-lhes as manhas. Distribuiram-nos em duas filas: a um lado estavam os satisfeitos, a a outro os que o deviam ser. Primeiro deram o pão, depois o vinho. Por ultimo distribuiram o dinheiro.

Os pedintes acharam pouco. Protestavam não rezar

nem um padre-nosso. Rogavam pragas cheias de indecencia, encommendaram o morto ao diabo. Alguns desejavam ter graça: faziam visagens de satanismo; atiravam com o dinheiro ao ar; ou, voltando-se para os creados, fingiam olhal-os atravez da opacidade do pataco, como se fôra uma luneta; e servindo-se por fim dos proprios defeitos, expunham-nos de um modo grotesco para riso da companhia. Este a quem cortaram a mão direita, ou aquelle a quem faltava uma perna e se ajudava de muletas, fazia gestos e dava saltos engraçados como os de David Gellatley.

## II

Alguns por curiosidade foram borrifar de agua benta o defunto. Ficaram pasmados! nunca tinham visto coisa assim!

Era na egreja. Havia grande movimento de padres que iam principiar os officios. Alguns, muito gordos, vinham offegantes e suados. Tinham desmontado das suas nédeas cavalgaduras junto das escadas do adro e recebido da mão do criado a sobrepelliz, dentro de uma saca de chita de ramagens. O rapaz, com o seu pau ás costas, seguira a egua que se adiantava num chouto insofrivel. O clerigo, com a batina enrolada na cintura, deixando ver o paninho escarlate do forro, assentava-se no selim, com o socego inquebrantavel do homem que tem um destino, doze vintens por cantar nos officios e uma vella de seis.

No templo o scenario era pomposo! Tinham vindo armadores *de fóra*. O enterro seria no outro dia, por causa de umas missas que tinham de se celebrar. Estava tudo de preto, n'uma severa melancholia, guarnecido a galões brancos e amarellos. O cadaver, porém, estendia-se no comprimento de um simples esquife;

porque assim o testára o fidalgo. Este facto e o de ter por alma somente vinte missas era commentado de um modo desfavoravel para o defunto. Censuravam-no por não considerar em mais a patria celestial. Isto da gente se desprezar na morte é, por vezes, signal de irreligiosidade. Deste pensar eram muitos dos clerigos.

—Esta corja de militares, meus amigos,—diziam em conversação particular, com voz sumida—nunca foram de boa christandade. São homens de má vida. E, como diz um Santo padre, quem teve má vida, não pode ter boa morte.

Assim o pronunciaram severamente.

O morto parecia consciente destas opiniões: tinha o grave semblante preoccupado. Usava um farto bigode branco, rareava-lhe o cabello, as palpebras estavam discretamente cerradas. Salientes rugas lhe animavam o rosto. As que rasgavam a testa de lado a lado, profundas, carregadas e tristes, serviam para definir a coragem indomavel e a energia conscienciosa que em vida o caracterisaram. Os braços perfilavam-se a par do tronco, e a mão esquerda caia sobre os copos da espada. Affirmava-se qne estes copos eram de fino oiro e cravejados de pedrarias. Significavam uma grande riqueza e uma grande gloria, pois que recebera a espada como premio de um valoroso feito de armas, no proprio campo da batalha. Na mão direita, tinha o emplumado chapéu de dois bicos. Os bordados que lhe agaloavam a farda eram de oiro fino. Tudo muito rico!

As mulheres aproximavam-se para examinarem miudamente. Nunca o tinham visto em tal distincção! Aquelle corpo, que em breve saciaria a gulodice dos vermes da sepultura, tomava aspectos grandiosos, cheios de brilho. Muitos, cubiçando-lhe a posição excepcional, desejavam ser mortos, e estarem assim correctamente n'um esquife.

—Olha que deve ter custado um bom par de moedas!—avaliavam.

—Só a gola tem mais riqueza que toda esta egreja.

E perguntava uma ingenua:

—Porque é que os santos não andam vestidos assim?

—E' verdade. Ao menos o senhor S. Sebastião podia ter farda; porque o pregador disse que elle andou na guerra.

—Olha, aquelles galões serviam, mas era para bordar um manto a Nossa Senhora.

Os homens manifestavam ambições mais mundanas, mais restrictas, pessoaes:

—Quem me dera aquella espada! Deve valer uma continha.

—Se eu a tivesse, nunca mais andava a pedir.

—Ih! Tinhas para te vestir do melhor, dos pés á cabeça. Podias até comprar boas leiras.

—E aquillo irá para baixo da terra, para os bichos comerem?

—Eu não sei...

E este homem suspendeu o pensamento, como quem suspende um balde, com que vai tirar agua a um fundo poço.

Os que assim ficavam atravessados pela espada, que significava uma riqueza desconhecida, eram dois pedintes, que tinham sido pedreiros. Um padecia do figado, mas era robusto. O outro tinha uma *ankilose* no cotovelo direito — a impossibilidade dos movimentos desta articulação.

Ficaram depois disto n'uma mudez tôrva, mas intelligente. Sentiam-se atados um ao outro por um tenue fio, que não desejavam quebrar. Eram dois homens, que viviam esmolando e não tinham certo o pão de cada dia.

Ao morto via-se-lhe á cinta presa, com uma correia de verniz e fivelas de oiro, uma espada, cujos copos valiam *grande riqueza*. Vestia uma rica farda de pano azul,

dispendiosamente bordada. Os bichos da terra, aquelles bichos cinzentos, freneticos, raivosos, que apparecem quando se revolvem as sepulturas, comeriam o corpo do fidalgo, roeriam a farda e talvez estragassem a espada!... Era realmente cruel que isto acontecesse, quando elles eram pobres, e aquillo lhes podia certificar uma independencia com preguiça á vontade. E cada um dos dois homens tirou do cerebro a ideia que lá tinha pregada e deu-a ao companheiro, concluindo:

—Para que hade ir tudo aquillo para debaixo da terra?!

E então vieram a convencionar nos meios de roubar a espada e os aurificos bordados do fardamento, para ficarem ricos.

A egreja, arruinada em parte, andava-se reedificando. Não encontrariam obstaculos se entrassem pelo lado das obras, onde havia passagem para mais de um homem. Não tinham obstaculos que vencer, pois que ninguem suspeitava esta resolução. Alem de que, podiam ir á meia noite:—a escuridade é a protectora dos crimes e dos amores. E depois de tudo eram dois hemens vigorosos, a quem não faltava coragem. O morto certamente que não se moveria, nem para lhes resistir, nem para osdenunciar. Era certo o bom exito d'este emprehendimento.

## III

O coveiro nas freguezias circumvisinhas chamava-se Coruja. Não era só *coveiro*, podia-se chamar o bom amigo dos mortos. Desde que um individuo se tornava cadaver o Coruja predominava no seu destino, no seu bem-estar, na sua commodidade.

A influencia do Coruja sobre os *restos mortaes* era decisiva. Depois da vida, era elle a maior, a mais dedicada das sympathias terrenas.

Ausentava-se alguem para a eternidade: era logo o Coruja chamado a familiarisar-se com a carne fria e sem expressão.

Despia-lhe a roupa; e n'aquella nudez insensivel e sem movimentos, o Coruja reconhecia o terrivel nivelamento da campa e a egualdade perante a natureza muda e austera.

Elle lavava, barbeava, vestia, compunha, preparava com esmero e cuidado o ultimo aceio. Depois, cantando sarcasticamente, como o coveiro de Ophelia, abria a sepultura, onde o morto ia jazer até ouvir as trombetas finaes, que, segundo dizem, fallarão aos quatro angulos da terra.

Por tudo isto recebia alguma roupa do fallecido, se elle a deixava; uma infusa de vinho durante o trabalho, e, se o morto era rico, um pinto.

O Coruja era uma curiosidade anatomica e phisiologica. Tinha imperfeições para enriquecer dois palhaços dos melhores.

Era vesgo—tinha o olhar incerto e petulante.

Era cambado,—nunca seguia uma recta. O ramo da parabola, a curva que seguem as balas, era a sua linha. Por isso podemos affirmar de um modo scientifico, que o Coruja caminhava para *o infinito*. Andava depressa e não havia aquella harmonia de movimentos do vulgar. Braços e pernas, cada um dos quatro membros, movia-se em tempos diversos, o que lhe dava grande parecença com uma aranha.

Parecia um homem composto de diversas peças, pertencentes a corpos antipathicos.

Não tinha familia. Nas calmosas noites de verão dormia no adro; no inverno era recebido por caridade nos palheiros.

Era inoffensivo, como os velhos cães; porem os meticulosos e os covardes, não se julgando positivamente vivos, temiam-no por instincto.

Tinha intima familiaridade com os mortos. Por isso foi escolhido, como sentinela do general, durante a noite em que o cadaver ficasse em deposito na igreja. Lembraram-se, e bem, que podia qualquer desconsciencioso ter cobiças repellentes... O coveiro aceitou, sob condição de duas canecas de vinho durante o serviço.

Os que tinham concebido o projecto criminoso, ignoravam esta prevenção, tomada pelos parentes do fallecido.

A noite dentro de uma igreja é differente da noite ao ar livre. Os ruidos que passam cá fora, lá resoam com

timbres esquisitos; ouvem-se, ora lamentos afflictivos, ora resonancias cavernosas—um marulho de mar longinquo.

A altura do templo é maior que a das casas que habitamos e por isso a respiração é mais longa e serena. Isto faz-nos desprender de nós mesmos, dá-nos certa insensibilidade, e perdemos parte da consciencia.

As devotas lampadas mortiças allumiam os rostos dos santos, que no altar se mostram graves, sisudos e immoveis. Os estalidos crepitantes dos grossos morrões ouvem-se na escuridade com uma impertinencia cheia de escarneo.

O cheiro é singular, mas caracteristico. D'elle estão impregnadas as paredes. É ao mesmo tempo o cheiro do incenso, da cera, do fumo do azeite, das exhalações podres das campas, dos ninhos dos ratos e dos depositos excrementicios das aves sinistras das torres.

A frialdade carecteristica da egreja não é a das enxovias, que é humida; nem a das noites nevadas, que é sêcca; nem a da agua do mar, que dá a reacção. E' um frio que vem do interior, quando a pelle é quente e o pulso febril; é um frio que se sente no ventre e que produz spasmos viceraes e a colica.

Considerae agora um homem, só com o seu espirito no meio da igreja. Recorda a fileira de lendas da sua infancia, nas quaes apparecem mortos com a maceração do rosto, os dentes brancos, os cabellos em desalinho, os olhos sem brilho, os braços rijos, cadavericos.

Alem d'isto pode ouvir os longos pios do mocho e de todas as aves lendarias, que habitam os forros das igrejas, o cimo das torres, logares infectos e escuros.

As leves sombras, projectadas pelas saliencias angulares, similham homens que se movem, ora rapidos, ora lentos, conforme as agitações da luz.

No centro da igreja vê-se um morto, no comprimento do esquife. Tem uma luz á cabeceira, agua benta aos pés. Está muito sério, prudentemente deitado, não tem expressões faciaes, falta-lhe a colera ou o riso—os mi-

cos signaes sympathicos de um semblante. Tem um boa farda de pano azul, agaloada de oiro, o chapéu emplumado na mão direita, uma rica espada do lado esquerdo.

Tudo isto não chegava para infundir terrores no Coruja. Trancou cuidadosamente a porta da egreja, por dentro; preparou, com duas mantas, a cama no confessionario, e, da primeira assentada, bebeu uma infusa de vinho. Depois, foi junto do esquife remirar o cadaver com os seus olhos vesgos d'um comico arrogante.

—Cáspité, meu fidalgo!—disse.—Um rico fardamento! Sim, senhor, vale bons pintos. Só o Coruja anda com frio—conclue melancholicamente.

E continuou depois:

—E esta catana! é coisa muito aceiada. Bem fizeram em mandar guardar estas coisas. Anda por ahi muito ladrão. Mas deixa que hoje não te roubam, meu fidalgo.

E, pegando no chapéu do morto, considerou:

—O que eu te invejo é este chapéu. O Coruja com elle fazia um figurão.

Pôl-o na cabeça.

—Não sei que é. Assim de noite fazes mais vista, meu fidalgo. Quando eu te vesti o fardamento, não me pareceu coisa tão rica. Bem fizeram em te mandar guardar.

Em seguida collocou o chapéu no seu logar proprio e tirou do bolso uma corda, que atou á mão esquerda do defunto. Ao mesmo passo ia dizendo:

—Isto é para não engaramparem o Coruja. Se te bolirem na catana, o Coruja acorda n'um prompto.

Depois foi-se deitar, tendo retesado a corda, que de um lado estava preza á mão esquerda do cadaver, do outro á direita do Coruja.

E dizia:

—Não somos nada nesta vida, meu fidalgo. Hoje por vós amanhã por nós. E' a ordem. O que tu levas para

a cova é um rico fardamento... mas isso pertence aos bichos.

E adormeceu com um bom somno quieto, sentindo-se na largura da egreja o seu respirar forte e cadenciado. Mas o despertar d'este primeiro somno foi provocado. Sentiu-se um estrondo. O Coruja deitou, pela janella da provisoria guarita, a sua cabeça piramidal, e principiou a observar com a sagacidade lenta de um noctivago e de um bebedo.

Descia vagarosamente um vulto pelo corpo da egreja. Tinha o passo vacillante, caminhava cauteloso, faltava-lhe a firmeza de quem conhece o terreno que pisa. Parecia ter medo dos santos, pois que ia procurando a linha sinuosa da escuridade.

Era o Chumba, o pobre robusto que padecia do figado. Trazia sobre si todo o pêso dos sustos, que vergam o imbecil dentro de uma egreja. O companheiro, o da *ankylose* no cotovelo direito, ficara de vigia cá fóra, para não serem surprehendidos. Tinham meditado um plano, cuja realisação lhes daria muita riqueza. Chegavam ao momento agudo, approximavam-se do vertice da montanha do crime, transposto o qual, todas os caminhos se afiguram de facil palmilhar.

O *ladrão* caminhava fazendo repetidas paragens reflexivas. O Coruja media serenamente aquella massa indistinta, com a sua perspicacia vesga. Affirmava-se, circumdava-o detidamente com a vista para o reconhecer...

—Que dianho! Quem será?!—exclama.

E, empregando mais attenção, examinava-o. Descobria-lhe novos contornos; a modo que o vulto se avisinhava, affirmava-lhe os limites com mais segurança. Por muito attender achou-o extravagante na indecisão do passo.

—Será algum morto?!—pergunta a si mesmo puxando surdamente um arroto vinhoso.

E respondeu socegando-se:

—Nada! se fosse morto eu conhecia-o.

O Chumba parou num momento. Olhou para os altares e viu a lividez dos santos. Isto causou-lhe um tremor prolongado, uma ponta de frio o atravessou. Arripiava-o a proximidade da carne morta. Este homem, afoito e atrevido, tinha receios pueris junto de um cadaver. Sentia-se vacillante. A coragem ia-se-lhe inconscientemente, como deve ir a vida de um corpo moribundo. Passando a mão pela testa, encontrou que a tinha molhada num suor frio.

Chegou junto do esquife. Olhou pasmadamente o morto. Procurava modo de roubar a espada sem tocar na mão fria. Para isto tirou do bolso uma navalha, que abriu. Era para cortar o cinto de verniz que a prendia ao corpo.

—Olha quem elle é!—diz admiradamente o coveiro. Deixa estar, meu Chumba, que eu te fallo.

E contrahiu os musculos faciaes por modo que a expressão era mais sarcastica do que terrivel; tinha mais de riso que de ferocidade. O ladrão vinha alucinado. Chegando assim perto do defunto não estava em si. O coração batia-lhe apressado. Devia ter um pulso frequente.

Venceu as resistencias, transpoz a muralha da China. Mas quando ia com a navalha para cortar o cinto, o Coruja retesou a corda, e a mão de general deu na cara do Chumba, que estava curvado sobre o esquife.

Ao mesmo tempo ouviu-se isto em voz terrorosa:

—Ah! ladrão que te prendo!

O infeliz sentiu-se como agarrado entre os braços do cadaver. Viu sobre si todo o poder do inferno. Seguiu o instincto, deu vontade *ao animal*. Quiz fugir pela porta da igreja, que estava fechada. Agarrou-se á tranca de ferro com a intrepidez de um moribundo!...

D'ahi a momentos era um cadaver n'uma posição grotesca.

# O BRINCO DE ERMELINDA

N'um quadro cheio de mimo, representa Vely uma airosa camponeza, apoiada com desleixo a um balde, que está no beiral d'um poço. Esta rapariga, animada por uma tristeza suave, com o seu olhar cheio de funda penetração e um grande sentimento de candura, fez-me lembrar, não sei bem porque, um triste pinheiro solitario, que no alto d'um monte incorrecto, eu tinha visto muitas vezes bater-se tenazmente contra as fortes ventanias do sul.

Qualquer pintor sentimentalista, acabaria a sincera inspiração melancolica do quadro, com algumas rolas esvoaçando methodicamente sobre a fronte da camponeza, dando-lhe a suavidade ideal das amorosas sensações doentes. Em vez d'isto, Vely, desenhou ao fundo umas opulentas ramagens, com muitos tons escuros e povoados de sombras traiçoeiras. D'entre as folhas das ramagens sae a viva cabeça animada d'uma creança gentilissima, alçada travessamente sobre um muro e que

diz ao ouvido da camponeza um segredo, que ella ouve, sem o escutar. O quadro inscreve-se: *Le puits qui parle.*

Foi assim, desejada Ermelinda, que perdeste o teu brinco? Não dizes se t'o roubaram, nem é provavel que o somno embrutecedor te dominasse no caminho da fonte. É melhor confessares, que n'um beijo te insensibilisaram e que o brinco foi nos labios de quem te beijou.

No dia em que isto succedeu, Ermelinda tinha estado no rio, cantando alegremente, com as suas companheiras —umas raparigas tostadas, musculosas, alegres, cheias de saude e de malicia. Todas, como ella, tinham um despretencioso vestuario incorrecto; as pernas, até ao joelho, mergulhadas na corrente; as mangas da camisa arregaçadas; um chapeo de palha na cabeça para livrar do sol, e lavavam desembaraçadamente a sua roupa, com rapidos movimentos cheios de desenfado. Estendiam sobre a pedra as camisas, passavam-nas ligeiramente com sabão e batiam-nas com uma monotona cadencia, produzindo um som opaco que se ouvia muito longe, do outro lado do rio, onde uns homens quebravam um penedo, com pancadas repetidas. Ellas depois remolhavam a roupa na corrente para a desensaboar, e com pequenos esfregões, entre as mãos, tiravam as ultimas nodoas. Em seguida torciam os seus lençóes com um grande esforço e viam-se sobre a areia as pequenas manchas produzidas pela agua, que escorrera em longos fios. Por fim, para a seccar, iam estender a roupa sobre os limpos seixos luzidios, ou então, ali perto, n'um silvedo que defendia dos negros porcos vadios os campos de sementeira do velho Sebastião.

E em quanto trabalhavam, as lavadeiras mostravam muita satisfação, com um grande excesso de palavras. Fallavam de cousas vulgares e triviaes. Muitas que serviam em casa de fidalgos, augmentavam o que por lá as surprehendia, encarecendo a magnificencia dos ricos,

orgulhando-se no contacto da opulencia. Umas de animo simples e sincero, cubiçavam esta distincção de servir fidalgos e diziam-no moderadamente, repassando estes desejos com uma ingenua tristeza curiosa.

Ermelinda, que vivia na companhia de sua mãe, não tinha estas aspirações vaidosas. Vivia alegremente do seu trabalho, tinha sido educada n'uma vida forte e de rudeza. Não que a velha Marianna era aspera de genio, desenvolta e accelerada no serviço e não gostava de ter diante dos olhos raparigas molanqueiras e mortiças. Ermelinda, a sua companheira, era desembaraçada e não tinha morbidas occupações sentimentaes. Trabalhadeiras e de tão bom agrado como ella, podiam-se julgar a Zefa do Agrella, a Rosaria do Monte e a Clarita do tio Sebastião, porém não se lhe avantajavam.

A mãe tambem sempre lhe estava a lembrar que era uma pobre e que só pelo que fizesse é que valia. Ella não o esqueceu nunca; aquillo era um maquinar sem descanço todo o dia. Ás vezes até a julgavam uma estouvada, sem tino, como aquellas folhas seccas que nos dias ventosos redemoinham incertamente no ar e vão cahir a qualquer parte.

Mas em paga, a filha de Marianna tinha bons fios de arrecadas, pesados corações d'ouro e alguns pares de vistosissimos brincos. A mãe não se poupava, era tudo que Ermelinda pedisse: saias com barras côr de rosa, colletes do melhor pano escarlate com atacadores de seda amarellos, chinellas á moda, uns sapatos com fivella sobre laço verde-gaio, lenços assetinados, tudo ella tinha como poucas. As mais ricas da freguezia, vinham-lhe pedir algumas cousas emprestadas, para tafularem nas romarias.

Com uma economia estudada e com o trabalho ininterrompido, conseguiam estas duas mulheres viver n'uma orgulhosa independencia modesta.

Ao anoitecer, a velha Marianna, ia acamando a roupa, no barreleiro, em quanto Ermelinda acarretava a agua da fonte. A ligeireza com que tudo se fazia era para entontecer uma freira.

As panellas firmes e quietas, em breve levantariam fervura com burbulhões ralhadores.

A fogueira era vistosa. O crescer da chamma, aquelle levantar em ondas de fogo como as ondas do mar, illuminava o pequeno ambito da casa, projectando no caminho um longo parallelogramo de luz, pela abertura da porta. O secco estalido do crepitar das brazas, soava distinctamente — era a musica d'esta simples festa do trabalho. Havia ali dentro muita frescura e tranquillidade.

A mãe de Ermelinda já tinha assente a ultima rodilha e composto o rolo do lençol, que fórra interiormente o cesto, deixando a cavidade necessaria para conter a borralha e a agua. Esperando a filha, que já de noute vinha com a agua da fonte, descançava á porta.

Agitava-se brandamente o ar. A noute funda e sinistra cahia sobre a aldeia, como uma cousa enorme e fatal. Na escuridade tomam vulto as ideias excentricas que se levantam serenamente diante d'aquelle que estiver muito tempo silencioso. Como Ermelinda tardava, Marianna sentia vontade de lhe ir ao encontro, no caminho. Porque a verdade é, que a fonte era longe, para lá da egreja, debaixo d'uns tristes castanheiros, que lhe davam sombra agradavel nas tardes estivaes; mas que n'estas noutes escuras lhe davam um aspecto torvo, povoado de phantasmas. Ermelinda tinha sahido com dia alto e a demora ia incommodando a velha receiosa.

Porem, quando ella estava quasi resolvida, Ermelinda appareceu com o seu cantaro á cabeça.

—Tardastes, rapariga. Cuidei que ficavas lá hoje.

—É que estava muita gente para encher.

E á franca luz da fogueira, Marianna viu alguma cousa, que lhe mudou rapidamente o semblante:

—Deixa ver! Que tens tu n'essa orelha?

—Nada!...—responde Ermelinda pousando o cantaro.

—Nada?! Tens sangue n'ella, rapariga. Ora deixa ver?

—É verdade que tenho sangue—responde, depois de ver a mão que tinha levado á orelha.

—E o brinco? De mais a mais falta-te o brinco! Como o perdeste?!

—É verdade! Eu não sei...—responde empallidecendo.

—Mas como te fizeram sangue e como se foi o brinco sem dares conta?

—Eù levava-o quando fui para a fonte.

—Vi-to eu. Não ha uma cabeça de gallo assim! És uma perdida. Olha que tarde terás outros. Pois has-de ir procural-o que to digo eu.

—Agora de noute...?!—pergunta com timidez.

—Sim senhora. É accender uma lumieira. Uma moeda d'ouro não se perde assim. Custa muito a ganhar.

E foram d'ali até á fonte, revistando miudamente os logares mais escuros do caminho; mas não encontraram o brinco perdido

## II

Era um caso para amollecer o rijo cerebro d'um philosopho. Meio de o explicar naturalmente não havia, Nos dias seguintes continuou a filha da pobre lavadeira a procurar o brinco com uma presistencia cheia de tenacidade. Ella foi de casa á fonte muitas vezes, na meia curvatura de quem perdeu alguma cousa, com os olhos a embaciarem-se-lhe de lagrimas e uma grande melancolia a entrar-lhe no peito, lentamente, como um miasma. Muitas amigas, com uma dedicação paciente acompanhavam-na e iam em silencio, cortado ás vezes por algumas palavras de consolação mentirosa—expedientes vulgares com que desejavam affirmar que o brinco havia de apparecer.

—Apega-te com Santo Antonio, mulher. Olha que o da nossa egreja é de muitos milagres—aconselhava uma.

—Sabes o que deves fazer?—dizia outra—Vai a casa *das senhoras fidalgas* e pede á senhora D. Zefinha que t'o response.

—Vae, Ermelinda, vae. Aquillo é um instante. Uma santa como aquella não ha. Quando o outro dia se per-

deram os nossos porcos, ella responsou-os e appareceram ali logo, que parecen mesmo um milagre.

Uma bondosa confirma credulamente:

—Foi Santo Antonio que os trouxe. Não que se ella não é ouvida, uma santa assim!...

—Vae á senhora D. Zefinha que te apparece o brinco n'um fechar d'olhos.

E foi.

D. Josefa, apesar do diminutivo, era uma senhora de sessenta annos, que vivia, segundo era voz, na communidade da corte celeste. A julgarmos pelos grandes favores que, affirmavam, conseguia com os seus responsos, devia ter notaveis sympathias na bemaventurança.

Ermelinda pediu-lhe muito, pediu-lhe por quantos santos havia; contou-lhe detidamente as suas enormes infelicidades, mostrou-se sinceramente desgraçada, e, quando sahiu de casa das *senhoras fidalgas*, ia melhor, com a certeza d'esta intervenção que arranjara em seu favor.

Porem as successivas buscas, não produsiram o bom effeito desejado, e o responso da virtuosa senhora, não deu os beneficos resultados promettidos. E o que é mais tenebroso, é o que se soube depois—as resas da piedosa D. Josefa, só podiam ter resultado satisfatorio, quando a pessoa por quem ella intercedia estivesse em *graça*. O resultado negativo mostrava d'um modo evidente que Ermelinda era uma grande peccadora!

Depois de varias conjecturas e conciliabulos em que, por mais que uma vez, se prendeu o diabo á perna d'um banco, para elle—o travesso!—restituir o brinco, algumas visinhas—mulheres muito experimentadas e de tino—tiveram a idea singular de, com grande sagacidade, verem nisto andromina de bruxedo. A velha Marianna acreditou-o sincera e facilmente.

Ermelinda tambem lhes deu ouvidos, e principiando a malucar n'esta ideia, fez-se triste e vieram-lhe umas cores amarellentas e grande fastio. O seu olhar d'antes tam penetrante e leve, tornou-se fixo e espantado como o d'uma ovelha quando morre. Andava sempre com a cabeça cahida para o peito, resando baixinho, ou dizendo muitas palavras de desconsolação. Todas as visinhas confessavam, uma sincera antipathia, por quem tinha deitado o mal olhado á pobre rapariga.

E Lindoria, com a sua muita auctoridade, disse um dia a Marianna:

—Olha, mulher, estourados sejam os olhos de quem nos quer mal. Não se pode ter uma camisa lavada; anda por ahi muita invejosa.

E accrescentava a beata Genoveva:

—O trabalho honrado, mata de inveja malandrões. Ainda elles ceguem se me deitarem a vista. Eu!? é sempre aqui na hombreira do collete uma figa e um alho.

—O senhor S. Bento nos livre do mau visinho da porta. Não ha inimigo maior.. Não sabe a gente onde as tem armadas. Ora vejam...

Marianna e Ermelinda choravam com muitos soluços e as mãos na cara. Lindoria, mulher de resolução e que não podia tolerar a existencia d'um segredo que ella não soubesse, cortou a conversa com estas palavras animadoras:

—Eu darei uma volta ao inferno; mas hei de desembaraçar esta meada. Oh! se hei!

A lavadeira voltou-se com vivacidade:

—Ó mulher, se tal descobres, heide-t'o pagar.

—Deixa o negocio por minha conta. Hade-se pôr um canhoto á porta destas bruxas.

E em certa noute escura e fria, Lindoria e Marianna foram receber os conselhos d'uma feiticeira que morava longe e tinha relações com o domonio.

E esta creatura, tam discretamente mancommunada para adivinhar nos casos difficeis, não era d'aquel-

la magresa singular e do triste aspecto cabalistico, como as bruxas lendarias — era gorda, milagrosamente gorda! Seus pequenos olhos azougados e cheios de vivesa, moviam-se nervosamente dentro das orbitas —luxuosamente tapetadas de adiposo e com o adorno d'umas sobrancelhas espessas — como se fossem dous insectos phosphorecentes, n'uma funda cova escura. Tinha umas bochechas desusadas e phenomenaes, muito semelhantes ás d'aquellas creaturinhas que, nas egrejas, symbolisam a voz da fama, sustentando um pulpito no dorso e soprando desesperadamente n'uma corneta. A cabeça assentava monotonamente sobre o tronco que parecia ter a altura do pescoço aos pés — tam insignificantes eram as reintrancias e tanto estufada de gordura era Ermenalda!

Fallava pouco, indicando assim que pensava muito e que as suas previsões extraordinarias eram profundas — artimanha já bem conhecida dos nossos sabios.

A casa da sua habitação, não tinha o feio e sinistro das cavernas das bruxas. Era alegre e vistosa, com um pomar á esquerda e um pinhal cheio de melancolia ao fundo. Aqui dentro, é que se passavam as sentidas scenas caracteristicas da vida popular. Revelações negadas ao discreto ouvido do confessor, eram miudamente referidas a Ermenalda. Intimas confidencias apaixonadas, interesses sagrados e cheios de reticencias, confiavam-lhos com muitas palavras comprimidas e n'uma grande confusão de lagrimas.

Lindoria, como mulher que tinha sua fibra cabalistica, entrou n'esta casa, com um animo cheio de confiança. Muito differente era o estado de Marianna, que, com uma reconhecida timidez pueril, transpoz a soleira, com a alma tremente e um enorme peso sobre o peito.

Ás communicações de Lindoria, que a esclareceu em todos os pontos da vida de Ermelinda respondeu secamente a feiticeira, que se deitariam as cartas. Deitaram-se! N'ellas se viu com grande claresa, pela persiguição

que o *conde* fazia á *sota*, que andava n'isto um homem, que não podendo obter a bem os olhares sentimentaes de Ermelinda, procurava enfeitiçal-a. A espadilha, que veio logo depois, o confirmava. Era um caso grave e que merecia um prolongado cogitar. E como Ermenalda precisasse ter conferencias com o demonio, prometteu uma resposta accentuada, para d'ahi a oito dias, marcando a hora da meia noite para comparecerem e recommendando em tudo um segredo sybilino!

A crente e atribulada Marianna, perdia-se em conjecturas para adivinhar quem seria esse homem, que tam cruelmente lhe desapasiguára o sereno viver. Revendo mentalmente a historia local, nada podia assentar! Só Ermenalda lho podia dizer. O poder e sabedoria d'esta mulher eram extraordinarios!

## III

E logo na noite immediata, appareceu na presença da feiticeira um camponez com um aspecto bestificado e que lhe disse:

—Senhora Ermenalda, aqui estou. Poderei saber hoje alguma coisa?

Ella responde com um ar opulento de magestade:

—Sei tudo. O brinco é d'uma bonita rapariga tua visinha, chamada Ermelinda.

Esta primeira revelação aturdiu o interlocutor. Elle confiára-lhe o brinco; mas sem fazer indiscretas revelações.

—É verdade!—confirmou obsecado e confundido.

E a bruxa, com um soriso cheio de penetração, accrescentou:

—E tu gostas d'essa rapariga.

—É verdade... mas...

—Mas ella não gosta de ti, e por isso é que tu cá viestes.

Taes affirmativas denotavam ao Cancella o grande poder occulto que ali estava. Mais se confirmou n'este

conceito, quando Ermenalda, com um accento cheio de malicia, ainda accrescentou:

—E até se te não dava de casares com ella.

—E casarei? —pergunta com rapidez precipitada.

—Talvez—responde com sublime reserva—não to digo hoje.

—Ainda que eu venda o melhor campo, senhora Ermenalda, quero cazar com Ermelinda.

—Talvez consigas. Deixa ficar o brinco e volta sexta feira ao dar da meia noite. Que nem os anjos saibam que vens aqui!—insiste com o dedo no ar.

—E então já poderei saber?...

—Podes — responde com significativo gesto melodramatico.

—Ainda que eu venda o meu melhor compo—repete o Cancella retirando-se.

No dia convencionado, as duas visinhas, Lindoria e Marianna, voltaram a casa da bruxa para saberem novas de esperança ou desespero. Como lhes tinha sido imposto, sahiram sob um grande mysterio, caminhando na escuridade da noute para que ninguem suspeitasse esta jornada!...

Ermelinda ia-se mirrando lentamente, tinha um grande desleixo no vestuario, caminhava como os doentes, vagarosamente, e usava um lenço branco atado em volta da cabeça, o que lhe dava um pronunciado aspecto hospitalar.

Principiou a ir muitas vezes durante o dia pela egreja e encontravam-na lá sosinha, curvada piedosamente sobre as campas, n'um grande abatimento, e respirando as exhalações podres da terra, onde se enterram os cadaveres. A cor de Ermelinda, era uma pallidez mortal, e o fastio não lhe deixava tocar no presigo.

Depois principiou a sonhar alto, dizendo muitas pa-

lavras incoherentes e sustentando conversas imaginarias d'um grande desatino.

A pobre mãe, cheia d'um sincero terror e sem coragem para mencionar as suas enormes infelicidades, pediu a uma parente que a acompanhasse, para a fortalecer, durante aquellas noites crueis.

Ermelinda, vendo-se, pelo que a mãe imprudentemente lhe confessára, sob o peso d'uma vingança tenebrosa e acreditando que um tyrano implacavel lhe abria o sepulchro, começou a ter desesperos nervosos com grandes abatimentos seguidos, os quaes Lindoria fazia ceder as resas e exorcismos e queimando virtuosas plantas aromaticas.

Como se remediariam tantos males? Como se contrabalançaria aquelle poder infernal que ia matando Ermelinda? Só a bruxa, supremo advogado nestas cousas terriveis, podia dar os meios.

E foi para isso, que as duas visinhas chegaram á presença de Ermenalda, que as recebeu n'uma concentração solemne de vidente. De certo que as suas confidencias com Satanaz tinham sido intimas, e que grandes perturbações lhe tinham cortado o somno. Marianna, subjugada pelos terrores secretos, que sente todo aquelle que vae ouvir ler uma sentença, esperava a palavra de Ermenalda, que com grande serenidade lhe fez esta pergunta, cheia de claresa:

—Conheces o Cancella teu visinho?

—Conheço—responde amedrontada.

—Pois elle é que tem na sua mão a vida de tua filha.

—Oh! Deus da minha alma!

E a bruxa concluiu immediatamente:

— O homem quer cazar com ella. É o modo de a salvar.

Lindoria intrevem com resolução:

—E se Ermelinda não quizer?

Houve um silencio abafado como nos lances terriveis da antiga novella. Ermenalda, com os seus habitos magestosos, pretendia dar a estes quadros de paixão e interesse intimos, uma pavorosa cor escura.

—O brinco—responde solemnisando as palavras, com entono affectado—aqui o trouxe pelas minhas artes. Vede bem; vae-se desgastando. Do mesmo modo Ermelinda irá emagrecendo até morrer. Este brinco, emquanto o Cancella for vivo, ninguem lho pode tirar. Tem-no elle no fundo d'um pucaro novo, enterrado em logar sagrado, e esse pucaro tem dentro um sapo, na bocca do qual, cosida com linha preta, está o brinco de Ermelinda.

E tomando-se de mais importancia, concluiu sublinhando as palavras:

—Assim como o sapo for moendo o brinco, assim a tua filha se irá mirrando pouco a pouco. Ahi o mando para onde deve estar, que o não posso ter mais tempo.

E arremeçou a joia para um buraco que talvez fosse a bocca do reptil citado.

—Oh! Virgem Nossa Senhora valei-me!—lamentava-se Mariauna, com um soluçar cheio de lagrimas, quando a bruxa concluiu com grande prepotencia:

—De duas uma: ou casar com o Cancella, ou morrer!

E depois d'esta scena obesa de maus prenuncios, as duas companheiras voltaram para casa. A mãe de Ermelinda enchia de soluços a immensidade da noute, mostrando-se desgraçada com muitas palavras de desespero. Lindoria, querendo animal-a, disse-lhe:

—Não t'o disse eu, que aquillo era uma grande bruxaria?!

—Mas que bruxaria, mulher! que me vae matando a minha rica filha.

—Ainda não!—affirma-lhe Lindoria com muita resolução.—Não ouviste dizer áquelle santo missionario, ao senhor padre Antonio que era mesmo um sancto, que Deus Nosso Senhor deixou remedio para todo genero de peccado? Tenho fé que ainda a havemos de salvar.

—Se a Mãe Santissima te ouvisse...

—Deixa o negocio por minha conta.

—Aquelle malvado que nunca o pude ver... Um homem d'aquella idade...

—E que deu á pobrinha da mulher, áquella santa que Deus levou, a má vida que nós sabemos—confidenciava rancorosamente Lindoria.

—Talvez, o cara de estafermo, quizesse fazer o mesmo á minha Ermelinda. Pois antes a quero morta, do que cazada com um escommungado que tem cara de inferno—completava com uma enorme raiva.

—Deixa que os santos ainda se não acabaram no ceu, nem as bruxarias na terra—insinua Lindoria com um bom ar metaphysico.

Marianna responde-lhe sinceramente, n'um tom accentuado de convicção:

—Já offereci meia arroba de cera ao Senhor dos Afflitos e tres voltas de joelhos ao Santissimo Coração de Maria.

Lindoria disse-lhe com uma grande energia cheia de perspicacia:

—Olha, Marianna, não ha *mal* que se não pague com outro *mal*. Ermenalda pode fazer ir o bruxedo para o Cancella. Eu que to digo... É preciso untar-lhe as mãos. Entendes-me isto?

A mãe respondeu com bondosa simplicidade:

—Olha, mulher, quero gastar tudo que tenho para salvar a minha rica filha

—Pois voltaremos a Ermenalda. Irei eu só, que lhe sei fallar melhor que tu.

## IV

Este Cancella, de quem temos fallado, era um viuvo sem filhos—homem de tracto pouco macio e que tinha por companheiro e unico amigo, um creado que lhe ajudava a cultivar as suas pequenas terras. Ninguem gostava d'elle na aldeia, por causa da sua lenda escura na qual sobresahia como facto saliente a morte da companheira, a qual, segundo affimavam, elle tinha levado á sepultura, com a má vida que lhe dera. Esta fama dava á finada o direito de receber, depois da morte, o doce epitheto de santa e martyr; em quanto que o marido era alcunhado de algoz e malvado. As apparencias do Cancella auctorisavam todas estas feias conjecturas; o seu typo era singularmente accentuado em traços physionomicos de excentricidade, que vulgarmente traduziam por malvadez.

Elle tinha uma testa pequena e um cabello grosso. Os seus olhos, fundos, reluzindo por baixo d'uma sobrancelha cerdosa, averiguavam sempre esquerdamente e com desconfiança. Era baixote e usava a cara rapada, como um cura. Exprimia-se com maneiras bruscas e desengraçadas. Quem o encarasse, na primeira affirmação,

parecia-lhe estar vendo um porco bravo com as mãos no ar. Se os correspondentes liberaes não mentem, o Cancella devia ter uma notavel similhança, com D. Pascual Cucala, guerrilheiro carlista.

N'estes termos comprehende-se que não tivesse muitos amigos, que não tivesse mesmo um só amigo. Todos se escusavam a tractal-o e elle, por seu lado, tambem evitava qualquer intimidade. As desordens que tinha eram frequentes e ás vezes por motivos futeis. O entrarem-lhe nos campos os gados dos visinhos, ou os seus nos campos dos outros; a partilha das aguas de rega e outros motivos vulgares, eram o bastante para se darem desavenças cheias de odio violento. Por esta ultima razão é que se produziu, entre um rapaz do sitio e o Cancella, uma contestação que veio a ter um final tragico e desastrado.

Por umas circumstancias comprehendidas nesta narrativa, o Francisco Neto—bello moço, bom fundo e filho de lavrador nomeado — andava com desejos de se pegar com o Cancella.

Em certa tarde, vinha o Neto á hora crepuscular, enlevado na distração innocente d'um assobiar melancolico, com a sachola ao hombro, para tapar a agua que no dia seguinte lhe pertencia. O Cancella estava juncto da poça, talvez já com a reserva de não deixar tapar senão a certa hora. Ao verem-se não se comprimentaram com as bôas tardes como velhos amigos —mediram-se ironicamente como luctadores farfantes. Um convulcionar raivoso abalou a musculatura d'aquelles homens valentes. O logar e a hora eram para um encontro desagradavel.

A agua corria serenamente, com pouco estrepito, pela funda garganta do ribeiro. Os salgueiros, com a sua cor escura e os seus compridos braços deseguaes, es-

cureciam a area da poça. As sombras tornavam-se de momento a momento mais esbatidas.

Os passaros festivos, com o seu voar inconstante e cheio de irregularidade, despediam-se d'este dia com longos pios sentimentaes. Crusavam-se no ar trocando o poiso uns com os outros e animando com suas vezes asperas este silencio do crepusculo. A noute cahia pesadamente sobre aquelles dous homens, que eram inimigos e que se viam em frente um do outro, desacompanhados de testemunhas.

O Neto, despresando com visivel desdem o mau encontro, dirigiu-se á poça, e suspendendo no ar a sachola que tinha trazido encostada ao hombro, fez menção de ir tapar a agua.

O Cancella, que estava a pouca distancia, diz-lhe com voz cheia de asperesa:

—Olá amigo, ainda é cedo.

—Qual cedo nem meio cedo, vou tapar e já—retorquiu azedamente.

—Has de tapar se te deixarem.

—Quem é que não deixa?!—perguntou o Neto de cara alta.

—Eu; porque a agua é minha.

—Ora vamos a ver...

E ao dar a primeira sacholada, o Cancella salta dentro da poça para o impedir e arremette-lhe. Porem o adversario, não esperando mais, levanta segunda vez a enchada e dá-lhe uma pancada na cabeça com tal violencia, que o homem, sem prenunciar uma syllaba, cahiu redondamente de bruços na agua.

## V

Quando, na manhã seguinte, se contava que o Cancella tinha apparecido morto dentro d'uma poça, muitas das velhas inimisades respiraram amplamente. Os que o tinham visto diziam que elle estava descalço, em mangas de camisa, com as calças de cotim azul atadas na cinta com uma correia, a sachola tenazmente agarrada na mão direita e o chapeu a duas varas de distancia, mesmo em cima do rego da agua, todo ensopado. Viram-no bem, notavam que estivesse de bruços, com o corpo meio enterrado no lodo e que a agua não estivesse tapada, correndo livremente toda a noute. E em virtude d'este raparo accrescentavam que o malvado fôra para roubar de noute a agua que pertencia ao Neto, e que a queria metter nos seus campos. Entendiam por isso, que esta morte fôra um castigo de Deus que o tinha feito cahir violentamente com a cabeça contra uma pedra, a qual até estava ensanguentada.

Não havia piedade para com estes restos de homem e affirmava-se com muita invectiva, que tinha sido bem feito, e que pagara d'uma vez todas as maldades.

Esta noticia violenta e inesperada, com todos os toques sinistros d'uma morte excepcional, que se tinha dado de noute e que se apregoava, como um castigo vindo de Deus, alterou a velha Marianna. A primeira impressão foi indefinida—nem de prazer, nem de terror. Lembrava-se que podia o brinco estar irremediavelmente perdido, se continuasse a ficar sob o poder extraordinario d'um morto! Porem Lindoria affirmou-lhe que Ermenalda o podia obter e que o melhor era irem ter com ella, n'essa mesma noute.

Foram, mas a bruxa oppoz muitas resistencias, argumentou com violencia e sagacidade, levantou difficuldades de bacharel, regateou tenazmente o preço. Porém, vendo que a lavadeira offerecia quanto lhe era possivel dar, affirmou que empregaria todo o seu poder para desencantar o brinco. E como este caso lhe podia grangear nomeada, não prescindiu de o ultimar espetaculosamente e disse o seguinte:

—Haveis de arranjar terra sagrada de sete egrejas, agua benta de sete pias e sangue de sete gallinhas pretas. Amassae a terra com a agua benta e com o sangue; coseia-a dentro da camisa que Ermelinda trasia vestida, quando perdeu o brinco, e durante sete noutes ponde-lhe isto debaixo do travesseiro sem que ella o saiba. Trasei-me depois este embrulho sem o descoser. Invocarei os sete poderes do inferno, para te proteger a filha e, se ao mecher-se na terra o sapo apparecer com o brinco na bocca, Ermelinda estará salva.

Na occasião em que o Cancella morreu, o brinco estava na mão de Ermenalda. Por isso esta tinha a certesa do bom exito nas suas promessas.

As condições que imposera a Marianna e a Lindoria, foram servilmente executadas. A meia noute d'um sabbado foi o momento escolhido para se realisarem as esperanças.

N'uma pequena sala da casa de Ermenalda, resavam as tres mulheres uma ladainha com voz monotona e um longo accento triste e cadenciado. A bruxa ouvia-se distinctamente nas suas inflexões vibradas com supremacia. N'este dia excepcional ella mostrava-se ferozmente diabolica: tinha os cabellos desgrenhados, as proeminencias malares vermelhas, os grossos beiços salientes e uns modos repassados de dogmatismo. Lindoria e Marianna, fundamente penetradas do cabalistico da situação, seguiam-na auctoritariamente—ellas tinham que affirmar o poder enorme d'esta mulher!

Terminada a ladainha, houve ainda uns esconjuros feitos por Ermenalda com um grande sibilar de palavras incomprehensiveis em passeios methodicos de oriente a occidente. Depois foram apagadas as duas vellas de cera virgem que illuminavam uma esfumada imagem de Jesus, e appareceram, nas paredes da sala, saltando incongruentemente, as dilatadas sombras projectadas pela movediça chamma d'uma alampada, que ardia sobre a commoda.

No centro do soalho foi collocado um panello novo, na bocca do qual crusaram uma thesoura e um pente em X symbolico. Ermenalda, com uma varinha de salgueiro na mão, fazendo esgares arrepiadores, pronunciou o seguinte, n'uma voz grossa, guttural, esquisitamente timbrada:

—Da parte do demonio, com todos os poderes visiveis e invisiveis que d'elle recebi, vos chamo, espiritos das trevas, para me *restituires* o brinco da enguiçada Ermelinda.

E passado um longo minuto infinito, d'um silencio tenebroso, ouviu-se uma confusão extraordinaria, que tirou assustados gritos expontaneos a Marianna e Lindoria. E Ermenalda, tomando o embrulho mysterioso, que estivera collocado na bocca do panello, descoseu-o e ao cahir a terra no soalho, saltou bruscamente um sapo, cahindo pesadamente no chão, com o seu molle corpo

viscoso e manchado. O reptil, tinha na larga bocca odienta o brinco de Ermelinda, que a bruxa triumphantemente, com um espesso riso de vangloria, apresentou a Marianna. As que viram isto estavam abysmadas com tam extraordinario poderio!

Porem como chegou o brinco ás mãos do Cancella?

Namoriscos que nada promettiam, eram os do Francisco Neto com Ermelinda: algumas conversas mais demoradas, certas trocas de ramos e talvez mais nada... As tentativas do Cancella, não as ignorava o seu rival e d'aqui veiu o olharem-se os dous d'um modo provocante.

Na tarde em que Ermelinda perdeu o brinco, na ultima caminhada para a fonte, encontrou-se casualmente com aquelle que preferia. Era já á bocca da noute. A fraca luz crepuscular dava aos objectos uma claridade duvidosa e proporções erradas. As cadentes badaladas d'*ave-marias* passavam no ar com uma grande brevidade momentanea. Como era na entrada do verão, levantavam-se no ar alguns sons animaes, dando alma á noute que nascia. Os dous namorados, encontrando-se, pegaram em conversa, e o rapaz teve tentações de furtar um beijo a Ermelinda. Aventurou-se, soffrendo resistencia vigorosa e asperas recriminações, repassadas d'uma grande bondade condescendente. N'esta lucta singelamente amorosa, uma silva agreste e malfazeja ensanguentou a orelha da requestada e roubou-lhe o brinco. Ella, no ardor de pugnar, não teve sensibilidade que lhe accusasse o astuto silvedo.

O Cancella, que, encoberto com uma ramada, assistira nervosamente ao findar da lucta, viu com o seu olhar penetrante, á duvidosa luz do crepusculo, relusir o brinco de Ermelinda, que ficára pendurado no ramo de sil-

vas. Aproximou-se e adivinhando de quem podia ser, veiu-lhe a famosa ideia do feitiço.

A morte do Cancella, que para muitos pode e deve significar o dedo sinistro da Providencia, veiu livrar Ermelinda d'uma morte certa e veiu tambem terminar velhos odios entre dous inimigos.

# A COBRA

## I

Viam-se alem, no fundo horisonte, os ondeantes cabeços incorrectos e accidentados. As inclinadas montanhas, cobertas d'um tojo alto e rasgadas de gargantas por onde passam as correntes invernosas, tinham um aspecto frio e irritado. Em baixo, no valle, corre um ribeiro com o monotono ruido das suas aguas, que vão ao longe tanger um moinho de paredes negras e telhado de colmo. Os variados tons verdes, desde o triste da oliveira ao esperto da herva do prado, fazem o fundo da paisagem. Algumas manchas distinctas de cores claras se vêem a distancia: são, na encosta do monte, as covas das saibreiras com a sua area dentada e circumscripta; são, no valle, as longas fitas brancas dos macdams que desapparecem entre as arvores frequentes e os campos de centeio e trigo com o seu amarello côr de ganga.

Por que estamos no principio de junho e anda-se nas ceifas. Vozes de differentes timbres e alturas fallam e cantam. Homens e mulheres, em grande promiscuida-

de, todos curvados para a terra, vão segando com a foicinha curva, á qual imprimem movimentos horisontaes puxados para o peito. Cada um, que tem a sua mão de centeio cortada, levanta-se para ir acamal-a com outras, formando pequenos feixes. D'estes feixes, que ficam estendidos em campo descoberto, é que se formam as medas. Uns homens que vem a traz dos segadores são que apanham os feixes entre seus negros braços cabelludos e levam-nos junto ao corpo, n'uma grande intimidade, caminhando firmes, n'uma direcção, para os collocar ao alto, espiga com espiga, no meio do campo.

Assim ficam as silenciosas mêdas opulentas, attestando o valor dos que trabalham. Depois vem o tosco carro de duas rodas, puxado por bois de pontas retorcidas e grandes olhos pasmados e languidos, buscar o centeio para a eira, onde se fará a malhada.

Era quasi meio dia. Um sol forte cahia sobre os campos da ceifa. A pelle dos trabalhadores estava humida de suor e suja de terra, e as narinas, dilactadas, mostravam a necessidade urgente que esses homens tinham de bom ar fresco.

As camisas, francamente abertas no peito dos segadores, deixavam ver o escuro dos cabellos asperos, que, no entender popular significam força e energia. As mulheres, com os seus lenços atados atraz e com as pontas para a nuca, continuavam na fadiga do trabalho; porem não eram tão diligentes que satisfizessem ao tio Bouças, que as reprehendia.

—Então, ó rapariga? Tu deixas-te morrer, linguiça?!

—Que é, tio Bouças? Eu lá vejo o seu trabalho que não é mais que o dos mais. Olhe que não morra... Sempre se vê cada uma...

—Então cuidas que não tenho dois n'esta cara?

—E eu... outros tantos.

—Olha a esperta! Vejam onde ella fica!

—Mas vossemecê não repara que para ahi anda mais gente?—gritava-lhe apontando com a foicinha.

—Desembaraça esses braços e prende a lingua, que já não deixas esses cornos de lua para traz. Valha-te mil e tresentos...

Este homem que reprehendia, apontava com uma mão de centeio que acabára de segar. Da extremidade do campo respondia-lhe uma rapariga suja do pó e do suor. As companheiras acudiam.

—Ora o tio Bouças falla bem, porque deu para ahi com um centeio pequeno. Este é de tirar os dentes.

—O que vós sois é uma corja de calaceiras. Ah! raparigas do meu tempo!

—Ora no seu tempo tudo era melhor.

—E tenho muita gavança n'isso.

E o homem velho, com o seu rosto escuro como o de um guerreiro d'Africa, pousou a mão de centeio que tinha segado, deixou a foicinha com desleixo e foi para uma sombra de castanheiro, onde estava a cantara d'agua. Tomou-a nas mãos, levantou-a á bocca, e com a cara ao alto, como os guardas do sepulchro nos quadros da Resurreição, e os olhos meio cerrados, bebeu intelligentemente. Ouvia-se então perto d'elle um *glou-glou* como d'uma panella que ferve. Pousou a cantara, pronunciando um largo «ah!» de satisfação e ficaram-lhe umas gottas d'agua pendentes dos beiços, como as ultimas pingas d'um telhado.

E as que andavam a segar chasqueavam com grande risota:

—Isso, tio Bouças, isso! Matar a sede!... Não tinha tanta, se ralhasse menos.

Uma dizia com um modo galhofeiro:

—Aquillo até lhe faz mal. Agua fria!... Póde dar queixa de peito!

E outra accrescentava:

—Para quem está suado, uma pinga de vinho, tio Bouças. Eu estou a escorrer agua.

O velho respondia-lhes com um gesto particular. Depois disse:

—Olhae se juntaes bem esses molhos, diabos de raparigas. Ide para acolá, para onde aquelles homens fazem os mêdeiros.

Ellas, obedecendo, apanhavam o centeio ás braçadas. Curvavam-se, ficando com a cabeça para o chão, o espinhaço inclinado em vertente e os ossos da bacia no alto — avultando a saliencia larga dos quadris. A saia de estopa rastejava-lhes a diante em quanto posteriormente ficava pela curva, deixando ver as empoeiradas barrigas das pernas, musculosas e firmes.

Os segadores, cheios de malicia, sem levantarem do trabalho, observam por entre as suas pernas, com os olhos muito abertos, as narinas dilatadas e rindo-se.

O Bouças vira isto e reprehendeu-os:

—Ó Francisco Neto, não caias de focinhos, home! Que taes são? Joanna, acautela-te. Não vês?

A rapariga retorquiu-lhes cheia de colera:

—Tambem não podem trabalhar?! Ora o diabo dos homes!

—Quem tem malicia é o tio Joaquim—disse o Simão do Cura, rindo muito.

—Sois bons! Para o que vos prestar... Mas andae depressa, que não tarda meio dia.

E voltando-se para outro lado, accrescentou:

—Olha, rapariga, aquelle carneiro! Não ouves, Maria Alonsa? Diabos te levem, lesma. É aquelle carneiro que roe as videiras! Depressa... tó carneiro diabo. Ó Joaquim, atira com a foicinha a esse demonio, que estás ahi perto.

E tirou a carapuça olhando para os lados do caminho.

—Adeus, senhor cura. Então por este sol, senhor. Olhe que está para doenças. Desculpará. São estes diabos

que não fazem nada. Era aquelle carneiro que roia a videira. Desculpará alguma palavra.

E depois fallaram ambos da colheita provavel, o Bouças e o cura, que accidentalmente passava, em quanto que a rapariga enchotava o carneiro, atirando-lhe torrões, que se desfaziam em poeira, e dizendo:

—O diabo te nunca leve. Sae d'ahi, demonio! Olha que...

E o carneiro, de lã branca, ia esmoendo sofregamente as folhas de parra, com os movimentos apressados d'um ladrão, mostrando os seus dentes finos e miudos.

—Carneiro do diabo!—continuava a rapariga correndo e ameaçando com largos gestos vistosos—Se te apanho é hoje o teu dia! Chó, diabo!

E quando ella estava perto, o carneiro fugiu, com saltos leves e espantados, sem tino, furtando-se á perseguição que lhe faziam.

Mas depois agarraram-no, e a rapariga, com uma corda, prendeu-o a uma arvore.

—Anda, diabo, para aqui. Serviam-te as uvas? Deixa que has-de comer mais.

E batia-lhe com o punho cerrado.

—Não batas no carneiro, rapariga. Tu é que tivestes a culpa. Adeus, senhor cura. É uma manada de calaceiras. Prende o carneiro mais á sombra, Maria! Tu não ouves?!

Deu meio dia. Suspenderam o serviço, deixaram cahir no chão as foicinhas e os seus chapeus côr da terra, e, n'um silencio convencional, ouvia-se um ciciar de resa. Tinham as mãos erguidas, os corpos firmes, os rostos cheios de compostura.

—Louvado seja nosso senhor Jesus Christo—disseram os que primeiro acabaram a oração.

—E sua mãe Maria Santissima—responderam outros persignando-se.

E á sombra do castanheiro, já estava estendida a toalha de linho branco como leite. Era como uma larga nodoa de cal n'um fundo escuro terroso. Os passaros chilreando saltavam de galho em galho, deixando sempre cahir *alguma coisa* na brancura da toalha.

E a rapariga que a tinha estendido disse com modo arrenegado:

—Olhem os espertos!

E foi buscar uma folha de castanheiro, para cobrir a nodoa. Em seguida collocou no centro da toalha um fundo alguidar de barro vermelho. Era fartamente provido de pequenas postas de bacalhau e muitas batatas. Havia um monticulo de garfos de ferro. Duas grandes brôas, retalhadas em pequenos bocados, estavam n'um cesto, ao lado do alguidar.

Os segadores largaram o trabalho sem enfado, e sem grande alegria. Iam para o jantar como tinham ido para o serviço—cordatamente. Os mais velhos, em conversa com o Bouças, diziam:

—Quanto dará, tio Joaquim?

—Quanto te parece?

—Mais de tres carros.

—Upa, home! Se não der cinco não paga a semente.

—Ah! isso dá mais de cinco—affirma outro.

—E mais de seis—diz ainda outro.

—Nem tanto—voltava o Bouças com ar satisfeito—de cinco e meio não passará.

—Deus lhe ponha a virtude, que é um lindo campo de centeio.

—Ó rapariga, vae buscar uma cantara de agua fresca. Tira-a de cima, do lado da pedra branca, que é mais limpa.

E a Maria Alonsa, pegou na cantara e foi á poça, cantando pelo caminho:

Ó vida da minha vida,
Adeus, adeus regalada...
Etc.

Mas antes de encher bebeu no regato. Para isso deitou-se de barriga, com o ventre bem collado á terra, as pernas retesadas, os dedos dos pés fincados no chão, os calcanhares para o alto. Tinha as mãos a chato sobre a relva e, fazendo firmesa n'ellas, suspendia o tronco nos braços. Estendeu o pescoço, alongou os beiços como um cavallo, e bebeu d'um modo sabio e discreto na limpa corrente do regato. E quando se levantou, a agua cahia-lhe dos cantos da bocca, em fios longos, como acontéce aos pachydermes.

—Aheee!... —respirava com grande satisfação!

Foi depois ao logar fundo da poça, juncto da pedra branca, e removendo as impuresas da superficie da agua, com o fundo da cantara, mergulhou-a, encheu-a e voltou com ella encostada ao ventre, sempre cantarolando.

Homens e mulheres em volta da toalha, uns de pé, outros sentados, á chineza, mordiam a posta de bacalhau, que tinham no garfo. No remoer a comida tinham movimentos de ruminantes—saboreavam-na longamente! O presigo era acompanhado de dentadas na brôa. Comiam batatas com muito apetite. A cantara da agua ia passando de mão a mão. Quando o bolo alimentar lhes transpunha o esophago, elles repassavam a lingua em volta da arcada dentaria com muitos estalidos de prazer. Havia grande sensualidade no gostar, tinham um apetite cheio de saude e de felicidade vegetativa.

Foi servido depois o caldo de farinha milha, com muitos feijões e couves. Tiravam-no de dentro d'uma panella com uma colher de ferro. Davam-no em fundas tigelas de barro vermelho com arabescos amarellos. Alguns

comiam-no com colhéres de carvalho, outros prescindiam do instrumento e, applicando os beiços á tigella, bebiam como se fôra um liquido.

Terminada a refeição frugal, o Bouças levantou graças a Deus. Todos o acompanharam no agradecimento.

—Agora—disse o tio Joaquim—é não descuidar. Temos que acabar isto hoje.

—Sabe o que eu queria, tio Bouças?

—Que era?—pergunta ingenuamente.

—Deitar-me a dormir alli á sombra—disse um rapaz trabalhador.

—Para te acontecer como ao das cabras!...

—Sempre morreu?—perguntaram.

—Se não morreu não lhe quero estar na pelle. A cobra faz-lhe por lá algum ninho na barriga.

E uma mulher, com largo semblante pasmado, disse:

—Sempre Nosso Senhor dá cada molestia á gente, que é uma admiração!

Volta-se o Bouças.

—Para que é que adormeceu á sombra? Vossês, raparigas, não adormeçam. Vem por ahi algum sardão pinto...

—Os sardões só gostam das bonitas, tio Joaquim—respondeu-lhe uma.

—E das calaceironas, como vôs.

—Para longe, tio Joaquim... Isso não é comnosco.

E foram recomeçar o trabalho. Os rapazes mais novos, que tinham o bom sangue e queriam ser engraçados, empurravam-se amigamente, sobre as companheiras. Fingiam cahir, tinham o espirito cheio de travessuras.

—Arruma para lá, diabo de Manuel.

—Tu não vês, rapariga, que foi o Chico?!

—Tão bom és tu, como elle.

—Olha elle a empurrar-me.

E o Bouças dizia:

—Toca a segar e deixemo-nos de brinquedos. É tra-

balhar, raparigas, se ão vem o sardão... que vos vae pelas pernas...

E ellas retorquiam:

—Veja lá se a cobra lhe faz como ao rapazinho do monte, tio Joaquim.

E principiaram a rir muito, correndo pelo campo com muita algazarra.

## II

O caso alludido tinha-se dado, havia poucos dias. Foi nas terras altas, no monte.

Desde março que um calor forte inutilisára todas as pastagens. Os que tinham gado, procuravam-nas em toda a parte, para o alimentar.

Os pastores de cabras foram, mais cedo que o costume, leval-as aos montes, entre os vastos tojaes, á sombra dos rigidos penedos, juncto das nescentes das aguas frescas. Creanças de dez a quinze annos, quasi nuas, com a pelle pergaminhada e negra, partiam em companhia umas das outras. Associavam-se para afrontarem o silencio dos êrmos entre as penhas alcantiladas, combinavam-se para escorraçar o lobo esfaimado, provocando, com uma grande gritaria de vozes naturaes, os seus valentes cães de Castro.

O Nelo garoto, era o mais auctorisado entre os pastores. Tinha saido de manhã, quando a primeira luz crepuscular começava a dar tons ás cristas dos outeiros. Era um magro rapazinho feio e fino, como o trasgo Dikie Sludge.

As cabras sahiam do curral, apertando-se com inve-

ja, na ancia de correrem pelos tortuosos caminhos aridos. Fugiam disparatadamente, sem norte, trepando ás paredes, saudando a frescura matinal e a liberdade do salto. Escornavam-se com muita confiança, venciam-se aos pulos, dando vistosas upas de cavallos fidalgos. Eram leves, espertas, maltratavam-se com descortezias, como as creanças. Subiam muito alto e no ponto culminante d'um alcantilado, no ponto perigoso, onde só por milagre subiria Anna de Geierstein, ellas sustentavam-se com grande impassibilidade, estendendo um olhar infinito pelos largos horisontes e respirando fartamente. Lá de cima, na seriedade philosophica das suas barbas, olhavam para as companheiras que subiam lentamente a encosta e ouviam com serenidade as vozes reprehensivas do pastor.

—Safa diabo para ahi!—berrava o Nelo garoto—Chi! para baixo. Se lá vou ensino-te a brincar. Ó burra de rapariga! ó Tonia! deita essa cabra para baixo.

—Vae lá tu, meu estafermo, e não te ponhas ahi a gritar de bocca aberta. O' demonio de cabra, anda para ali!

—O' diabo, tres vezes diabo, diabo, diabo! Eh! que hoje é o teu dia.

—Vae lá anda! Estás d'ahi a mandar. A cabra não é minha.

—Pois deixa que quando for tua, pede-me para ta ir chotar que eu to direi!

E o Nelo, apoiado a um tosco páu de carvalho, corria pelo monte acima, sempre atirando pedradas ao cornigero. Este, vendo que as raivas augmentavam, desceu rapidamente, sustendo-se nas arestas do penedo, com os seus pequenos pés e dando uma vistosa corrida para as companheiras, que a receberam amigavelmente—ás cornadas.

A este rebanho, que já era numeroso, vinham-se jun-

ctar outros, tambem capitaneados por pequenos pastores.

—Diabo de rapaz, tu pregas com esse gado no ribeiro—dizia para um o Nelo.

—Qual prego, nem meio prego.

—Escangalho-te essas costellas.

—Ora vem para cá! Prego comtigo na poça!

Ás vezes, se os rapazes trocavam suas pauladas de amigos, os carneiros escornavam-se. N'este momento, em quanto elles brincavam, uma cabra phantasiava digressões inconvenientes, aos campos semeados. Os pastores, despegando da rixa e correndo em sentido contrario, empregavam muitos gestos e vozes para enchotarem a transfuga.

Quando algum destes rapazes não pode, por ter outro serviço, acompanhar o seu rebanho, recommenda-o aos companheiros. Em certos logares, está convencionado o ir em cada dia, um ou dois pastores somente, os necessarios, com os rebanhos visinhos. Segue então um turno, como as sentinellas. As cabras estão habituadas por tal forma a isto, que vindo em globo, em grande confusão, a modo que vão chegando á porta dos seus curraes, entram sem ser necessario separal-as.

A descida do monte é ao anoitecer, quando sobre os tectos de colmo paira um brando fumo azul. Prepara-se depois o modesto caldo de azeite e unto, ou fazem-se as papas de leite e farinha milha, n'uma modesta vida patriarchal, como a dos habitantes das vistosas montanhas helveticas.

Os pastores são rapazes e raparigas. Estas levam a sua tarefa de lã para fiar no monte, ao mesmo tempo vigiam as rêzes. Em compensação, os rapazes tomam o encargo de ajuntar o gado, quando elle foge.

Porem as cabras, depois de começarem na pastagem, não ha grande perigo em que se dispersem. Os cães

adrede ensinados, vigiam sufficientemente até para as livrar do lobo.

O passadio dos pastores é simples. Quando vão para o monte, acompanha-se cada um da sua tigella de barro enegrecido pelos annos e leva brôa dentro d'um pequeno sacco. O leite ordenhado das cabras e o pão migado, dão-lhes a alimentação. Poucas vezes tem outro presigo. Matam a sede, bebendo nos frescos veios, que serpeiam por entre as hervas miudas e finas dos fartos giestaes. Para isso põem-se de bruços, com o peito collado á terra, na posição dos que tem uma dôr no ventre.

A's vezes tem os seus divertimentos, os seus jogos. A tendencia para tentar fortuna, de caminhar para um desconhecido mais vistoso, é uma das mais expontaneas do espirito do homem. Os pastores jogam o *bicho a fórmas* que arrancam das suas calças. Para isso collocam as *fórmas* sobre um pequeno cylindro de pau, que está com uma das bases para o alto, e atiram-lhes d'um ponto convencionado com as suas *petisculas*, que são bocados de telha ou de pedra em fórma de lasca. Quando algum acerta no bicho, as fôrmas espalham-se. Conforme estiverem mais perto de uma das petisculas ou do bicho, assim são ganhas por um ou por outro. As que pertencerem ao bicho serão questionadas, atirando novamente cada um com a sua petiscula.

Outras vezes, preparam as rusticas flautas de cana, tirando sons d'uma insupportavel harmonia. Tambem passam muitas horas dormindo, confiando o rebanho á vigilante guarda dos seus cães. N'uma d'estas occasiões é que foi o Nelo garoto, accomettido por uma cobra.

Era um dia de grande calor.

A viração montanhosa não dera grande frescura. O gado pronunciava-se antes por beber agua do que por se fartar no pasto. O Nelo e os seus companheiros le-

varam-no para a sombra d'uns codeços. As cabras, animaes sempre promptos para a corrida, estendiam-se cançadas com uma grande indolencia. Procuravam posições desdenhosas, cheias de uma elegancia simples, pousando o ventre sobre a relva, estendendo uma das mãos para diante e conservando a outra em meia flexão, tendo a cabeça levantada, os cornos salientes e o languido olhar no monte fronteiro. Os cães, tinham-nas arrebanhado, andando com a lingua de fora, com os dentes á vista e com os longos fios de baba cahindo-lhes da bocca. Cançados d'este serviço, foram-se deitar, perto d'um regato, n'uma doce commodidade. Ficaram ennovelados com o focinho recolhido entre as mãos e as palpebras cahidas. Até descançando conservavam acentuadamente os signaes de ferocidade, nas largas ventas escuras, nas manchas acinzentadas com o seu vivo branco em volta das orbitas, e nas orelhas cortadas que lhes dão notavel parecença com os bull-dogs.

Os pastores foram adormecer no logar mais convidativo pela frescura. O Nelo escolhera a sombra d'uma alta giesta viçosa, enfeitada de suas pequenas flores amarellas. Deitára-se com a cabeça sobre o braço esquerdo e o queixo encostado ao peito. Os joelhos estavam salientes e as pernas em flexão. Os pés sujos e gretados sobrepunham-se mostrando a sola grossa, endurecida nas pedras das montanhas.

O ar parecia espesso e pesado, era quasi irrespiravel. Tanto os animaes como os pastores tinham a bocca um nada aberta. O Nelo adormecera á distancia dos companheiros, deixando, ainda meia de leite, perto da cara, a tigella em que tinha jantado.

Ali perto, enroscada a um secco tronco d'um velho carvalho, uma cobra, com a cabeça observadora levantada, fixava intensamente, com o penetrante olhar firme, a brancura do leite.

Conservou-se em observação discreta durante minutos. Depois, quando o pastor dormia socegadamente, desenroscou-se e, com uma brandura imperceptivel, escorreu pelo tronco abaixo, como se fora um grosso fio de azeite. No chão desappareceu entre a herva miuda, por onde corria a agua, que intermitentemente mostrava ao sol inconstantes reflexos prateados.

A cobra era uma das *de collar*—nome arbitrado pelos zoologistas, em razão de uma vistosa gargantilha, de amarello-creme, com que são adornadas.

No dorso era d'um bello cinzento macio, com um mosqueado lateral. O ventre coloria-se caprichosamente de manchas brancas, negras e azues, que tem os reflexos inconstantes dos papos dos pombos negros. Duas manchas triangulares, d'um negro profundo e que lhe adornavam lateralmente a cabeça, faziam sobresair notavelmente o amarello do collar.

Todas as cobras tem movimentos faceis e de muita agilidade. Em algumas especies, principalmente nas proprias dos paizes quentes, estes movimentos, quando apaixonados, ou colericos, são tão vivos e rapidos, que o sabio Boufon os compara *aos da flexa atirada por braço vigoroso*. Esta porém aproximava-se da tigella do leite, com uma subtilesa manhosa como a dos gatos.

A cobra de collar é amiga do homem e facilmente domesticavel. Não é venenosa, e, no inverno, procura para se agasalhar o interior das casas habitadas. Conhecemos uma senhora, educada na virtude e nas commodidades, que tem uma accentuada predileção por este animal. Sem a pueril repugnancia, que por elle sente a maioria dos homens barbados, a senhora de quem fallamos, quando, nos seus predilectos passeios matinaes, encontra alguma cobra, se póde apanhal-a, enrosca-a ao pescoço.

Quem escreve estas linhas, já uma vez se viu na desgostosa situação de espargir com agua a pallidez d'um cavalheiro que, vendo isto, teve necessidade de desmaiar.

493841

Este individuo, curiosamente donairoso e valente para o amor, tinha deliquios diante das cobras.

A senhora a quem alludimos, com a sua delicadeza feminina, cheia de engraçadas resoluções, familiarisara-se tão depressa com a sua cobra, que poucas horas depois lhe viam adornar o branco pescoço aristocratico, com esta imcomparavel gargantilha. A affeição que o reptil lhe votava, conhecia-a ella pela brandura, singularmente intelligente, com que lhe apertava o seu bello pescoço, que é um primor d'artista.

Assim exprimia a cobra o reconhecimento para com a pessoa que a estimava. Tinha doces blandicias, expressões d'uma affeição sincera para com a delicada pessoa que todas as manhãs lhe dava o seu leite.

Porque, os meus conselhos, chegaram até pedir que a sustentassem com leite, que é o alimento predilecto d'esta especie de cobras. Ha muitas lendas populares fundadas n'este facto de observação, e ha tambem alguns preceitos para se precaverem contra os damnos que este animal pode produzir. Todos os lavradores sabem, que o emagrecimento da vaca e da cria, diagnostica uma cobra na visinhança e para a escorraçarem queima-se couro velho. Por exagero natural tambem se diz, que a ousadia do reptil chega até ao ponto de ir de noute, manhosamente, á propria cama, da mãe, sugar o leite destinado para aleitar uma creança. Para isso a cobra, cheia de sagacidade, illude o innocente mettendo-lhe na bocca a extremidade caudal, emquanto que docemente despeja os peitos da mãe.

Por esta predilecção gostativa é que, vendo o animal o leite, que o Nelo desprezára, o fitou sagazmente, e, com uma intrepidez gulosa, se dirigiu para elle descendo do carvalho. Umas vezes, parava, levantando a ca-

beça para averiguar com o seu olho cheio de penetração; outras reconhecia-se pelo ondear da herva a direcção que levava e, furtivamente, [illegible]via o cinzento do seu dorso apparecer entre a herva miuda. Caminhava com reflexão, evitando as resistencias e seguindo ao seu objectivo, como um mineiro que vae lentamente nas profundesas da terra.

Com a subtilesa com que uma bomba absorve a agua d'um poço, a cobra sugou o leite que estava na tigella.

Ao mesmo tempo ouvia-se o respirar monotono do pastor adormecido — tinha uma expresão facial d'um socego invejavel! Dilatava as narinas na inspiração do ar e a bocca, meia aberta, estava com restos de leite, que a conspurcavam.

N'este momento a voz d'uma cabra, vibrante, tremula e secca dilatou-se pela extenção montanhosa! Ninguem ouvira aquella voz providencial! Pastores e cães tudo dormia em socego!

Depois de beber o leite, a cobra levantou a cabeça e olhou em redor os altos montes asperos com suas corôas de penedos, com a sua côr escura, com o asselvajado agreste de suas enormes corpulencias. N'este instante caminhava ao longe, na encosta, uma massa escura e indistincta — era um montanhez carregado de carqueja.

Duas aguias reaes, pairavam docemente sobre as altas cristas do Miradouro, muito alem, no immenso espaço infinito. Ellas abriam com segurança as suas azas enormes, e, monotonamente, caminhavam a vôo egual.

A cobra seguindo o rasto do leite foi á bocca do pastor. Limpou-lhe exteriormente os beiços com tam suave brandura que o seu rosto d'elle exprimiu um riso delicioso, um riso de creança no berço, um d'aquelles risos que fazem acreditar ás bôas mães que, seus innocentes

filhos, conversam dormindo com os anjos. A cobra, a modo que ia lambendo os restos do leite, determinava-lhe com os seus movimentos astuciosos, agradaveis sensações.

O pastor descerrou bondosamente os dentes e a cobra entrou-lhe na bocca. Deviam ser infinitamente caprichosas as sensações d'aquelle organismo, porque no rosto do adormecido se mostrava o mais benefico gozo. Parecia-lhe — talvez! — o prolongamente d'um grande prazer! O reptil, sempre no rasto do leite que estava no estomago, introduziu-se lentamente pelo esophago.

Por fim um dos cães levantou a cabeça! Elles farejam muito sagazmente as cobras e, n'este momento, reconheceu que alguma estava perto! Levantou-se d'um pulo, espetou as orelhas, olhou n'uma direcção fixa, arreganhou os dentes e regougou uma ameaça.

Depois, vendo-a, soltou um latido cheio de magua raivosa e caminhou para ella.

N'este momento a cobra retrahiu-se e determinou sensações desagradaveis na mucosa boccal do pastor!

Este acordou repentinamente e levantando-se de prompto, como um leão ferido traiçoeiramente, ficou em meia curvatura, diante dos seus companheiros assustados, com uma cobra que lhe sahia da bocca!

Contaram-me que morrera dias depois, terminando a vida com grandes soffrimentos, e sem que lhe podessem tirar o traiçoeiro reptil.

# O CRIADO DO CURA

## I

O dia era chuvoso, nevoento e triste, como o de finados. Via-se tudo com uma feição carregada e concentradora, por entre um copioso aguaceiro miudo, que se infiltrava com uma brandura subtil. As grandes arvores silenciosas mostravam, atravez do espesso nevoeiro, a sua corpulencia com uns contornos indefinidos. Os ribeiros, com o som ululante de suas levadas, gemiam, nos fundos valles, com um velho desespero. Estando a terra e o ceu coloridos por egual, em cinzento, não havia a doce paisagem, com os seus toques variados para, os bondosos de coração, seguirem com vista melancolica os recortes do horisonte no ceu azul. Era um dia pesado e cheio de sorumbaticas lembranças bestificadoras. Impondo um monotono quietismo e avultando os males d'um modo inconveniente, provocava muitas palavras de azedume.

O padre Clemente Carvalhosa sentia o insupportavel d'este dia cruel. Depois de velho e na isolação da sua aldeia, sentira um desequilibrio no pacifico viver. O creado, que era um bom rapaz, do qual não recordava uma só queixa, tinha-lhe fugido de casa! O padre e Theodora, sua irmã, lamentavam-se por este desarranjo. Tal successo, tornára singularmente aspero aquelle temperamento, bondoso e pacifico, do cura. Era o movimento natural da reacção.

E depois devem reparar que, para duas pessoas edosas, o socego domestico é a maior das venturas. Não o poderão apreciar os que tem uma vida buliçosa, porque, acostumados á lucta, não tem a sensibilidade d'estas pequenas cousas. Mas sente-o bem um cura, que tem o presbyterio n'uma encosta cheia de alegre sol, e uma familia rudimentar composta da irmã e do creado; tendo tambem a sua egua, o porco, as gallinhas... e nada mais. O creado é o nó que tudo junta, é o ponto central, um coração, e por isso a sua falta é mais funesta que um terremoto.

E senão digam-me:

Quem dá de comer ao vivo?

Quem rega e sacha a horta?

Quem limpa a egua?

Quem faz a companhia e a conversa nas jornadas?

Quem algumas vezes ajuda a missa e toca o sino?

Quem é na casa a força, a robustez, a coragem?

Quem é digam?!

Simão, unicamente Simão.

Por isso o padre Clemente, com pequenos gestos despeitados, ia rasgando, inconscientemente, o velho panno da sua batina e dizia a sua irmã:

—Aquelle brejeiro ainda não sabe o que perdeu... Por minha morte, alguma cousa lhe havia de ficar.

Theodora respondeu seccamente:

—Empregaval-o bem. Não se lembrar que entrou aqui a cahir aos pedaços... Tudo assim é.

E o cura continuou:

—Lembro-me como se fora hoje... Fazia um frio de rachar. Appareceu ali a pedir esmola e depois para ahi ficou...

—Pois sim, mas outro cá não entra! Quer-se filho de gente conhecida. Estes que vem ao «Deus dará» ás vezes—Deus me perdoe se pecco!—até sahem ladrões.

O padre cortou vivamente:

—O' Theodora! Não digas isso quando se falla de Simão. Elle não t'o merece. Aquillo foi o demonio.

—E tu ainda a puxares para elle. Olha que t'o merece. Deu-te bom pago de o ensinares a ler e a ajudar á missa. Não o quero mais em casa.

—Tomaral-o tu, se elle voltar. Olha que não encontras outro. Vês a malhada, como dá signal?

—Sabes que mais? Nem pareces um ecclesiastico, não te sabes sentir! Sempre fostes um bonachão.

—Pois sim; mas é vêr que em quanto elle esteve cá não havia coisa fora do seu logar.

—Parecia-te melhor do que era...—concluiu Theodora com secura.

E depois d'um espaço de silencio, o padre tornou a dizer:

—Olha, lá está a egua... Hade querer herva. Já lhe falta Simão—conclue tristemente.

—Eu chamo o filho do Barbante.

—Ora!—disse o cura fixando com simplicidade um castanheiro visinho—Simão é que sabia...

—Talvez queira beber—aventou a irmã.

—Não é isso... Ella até conhecia a falla de Simão.

E ficaram calados por muito tempo. Theodora encetou novamente:

—Aquellas andadas de noute, Clemente...

O irmão atalhou:

—Quem sabe lá!? Não murmuremos.

—Não é murmurar...

—Tu eras bem amiga d'elle...

—Inimiga... tambem não era... mas esta desfeita... —responde passando com a unha a bainha do avental.

Como apertava muito o frio, recolheram-se da varanda para a lareira. Elle era a figura vulgarmente depretenciosa d'um modesto cura,—a face tinha uma serenidade bondosa e o olhar uma brandura suave e sem malicia. Ao vel-o lembrava-se a gente d'uma estatua de crystal, onde as manchas são unicamente effeitos de luz e dependem da posição do observador. A sua lustrosa batina era o seu predilecto trajo caseiro, havia muitos annos. Nas tardes muito frias do inverno accrescentava sobre a batina um capote de baetão. Aquella carapuça de retroz, com a sua côr ferrugenta, tinha-a havia tempos esquecidos! Foi um presente de amisade, como paga de serviços ecclesiasticos.

Era um homem d'um temperamento socegado e cheio de suavidades, muito sobrio na comida e cuidadoso nos deveres pastoraes. Todas as pessoas da freguezia lhe queriam bem e por vezes decidia nos litigios de freguezes.

Theodora era figura mais accentuada. Sem uma originalidade angulosa, que ferisse de prompto, mostrava algumas saliencias interessantes. O nariz pelo menos era enorme: era enorme o nariz, essa parte mais notavel d'um perfil. Com o uso do vinagrinho, tornára-se ossudo na base e afilado na ponta, que estava reconhecidamente torta para a direita. Não era um nariz adunco e solemne como o do senhor Thiers; mas um nariz rectilinio no perfil, com umas quebrasinhas ambiguas, como o do imperialista Sardou.

Se, como disse alguem—talvez Balzac—as particularidades se devem estudar no perfil, eu entendo que, nas linhas narigueiras, se devem estudar as manhas. As manhas, meus senhores, que é onde está o perigo!...

Theodora tinha uma ponta de genio que costumava

amansar com repetidas confissões e era ruinsita no serviço. Chamavam-lhe «unhas de fome» por não deixar ir as cousas por agua abaixo; mas ella estava sempre asseverando, que era preciso puxar muito nas cousas, para chegar ao necessario.

Pois reparem bem!—todos estes distinctivos resaltam no estudo do nariz de Theodora—elle é ossudo na base e é cortante no perfil, mas tem umas quebras ambiguas; na ponta é muito afilado e entorta-se salientemente para a direita. Vejam pois, meus senhores, se ha nada mais claro neste mundo.

Mas, depois que Simão tinha entrado no serviço da casa, a senhora não tinha muito que pequilhar. Por isso é que o seu desapparecimento alterava notavelmente a hormonia domestica e por isso é que o padre Carvalhosa se amargurava... Pensando bem nos muitos favores que o creado lhe devia, o procedimento deste era de muito ingrato!

D'isso mesmo é que se queixava Theodora.

## II

Foi n'um dia assim invernoso e cheio de tristesas, que Simão chegou á residencia do cura. Havia uma atmosphera humida e pesada; o frio penetrava as carnes com fundas sensações desagradaveis. A chuva cahia em gottas volumosas, com um monotono marulho impertinente.

O padre Carvalhosa tinha, então, menos doze annos. Já os seus cabellos começavam a embranquecer e desenhavam-se-lhe na face umas leves sombras, que accentuavam a aprasivel limpidez do seu espirito.

Acabára de resar e, com os pés dentro dos seus ourelos e embrulhado no seu baetão, esperava qualquer ideia, que o preoccupasse para se distrahir.

Tinha vontade de prender o pensamento, mas a chuva, zunindo sobre as telhas e por entre as arvores, introduzia-lhe o cahos no espirito.

Passeava na varanda, que dá sobre o caminho, olhando com grande melancolia as sinistras nuvens negras, que traziam ameaças de mau tempo.

Se o vento assoprava com mais valentia, elle collava-se ao capote e ia sentar-se na cadeira que o esperava n'um recanto abrigado.

Estava no chão uma laranja que, quando o vento era forte, tinha movimentos caprichosos rolando na varanda. O *maltez* que, cheio d'umas branduras electricas, se esfregava nas asperezas da parede, descobriu este meio incomparavel de ter sensações. Principiou por olhar vagamente, como quem escuta um som longinquo ou como quem não deseja perceber as cousas. Depois fixou por um momento a laranja, e, dando uma *upa* de cavallo mestre, apanhou-a entre as mãos, permanecendo n'uma orgulhosa posição de garbo com as orelhas fixas, o dorso arqueado e a cauda com brandos movimentos cadenciados como os d'um penacho de lanceiro movido por uma brisa. Deixou depois escapar a laranja e, simulando difficuldades, estirava-se d'um modo violento e elastico, querendo apanhal-a por detraz d'uma perna da cadeira e arranhando os ourelos do cura. E quando fingia vencer estas resistencias imaginarias, tinha movimentos curvilineos e elegantes, linhas com aquella languidez fidalga das lindas castellãs nas velhas lendas hespanholas.

E em taes momentos no rosto do padre Carvalhosa, ao presenciar esta scena, movia-se um grande interesse. Elle tinha um satisfeito riso delicado e, quebrando o corpo como o gato, exprimia-se com frazes cortadas e pequenos gestos concordantes.

—És um asno, tinhal-a quasi agarrada e deixastel-a ir. Apanha-a, meu tolo... Ora com a breca lá a largastes outra vez...

—Nosso Senhor lhe dê boa tarde, senhor cura—comprimentou um lavrador que passava n'um campo fronteiro á varanda.

—És tu, João? Deus te dê as mesmas, homem. Por este tempo é negocio de pressa.

E voltando-se para o gato:

—Agora, maltez! Lá a deixastes ir! Ora com a breca.

—É o gatinho, senhor? Eu vou deitar a agua para o ribeiro. Já que Deus nos faz a esmola de tanta...

—Não é precisa a da poça — conclue. Pois assim esta chuva venha para bem. Agarras-tel-a, maltez? Agora não a tornes a largar. Olha que te pode cahir da varanda abaixo.

—Adeusinho, senhor cura.

—Então adeus, João? Não te molhes. Temos, não tarda, uma grande pancada d'ella.

E com um olhar curioso continuou a seguir a lucta cheia de peripecias. O lavrador que lhe fallára do campo, á altura da varanda, lá foi com a sachola ao hombro e os pés descalços enlameados.

A laranja cahiu na lama do caminho e o gato, fatigado, foi-se enroscar no sobrado n'uma caracteristica commodidade tropega.

—Não tens habilidade nenhuma. Eu bem t'o disse. Deixas-tela ir? É bem feito! — concluiu o cura reprehendendo o animal, e passando-lhe a mão pela barriga com movimentos repetidos e brandos.

De novo ia a fixar as arvores fronteiras, quando sentiu abrir o portal e lhe appareceu no limiar um rapaz andrajoso e todo sujo de lama.

—Quem és tu, rapazinho?

—Ando á esmola.

—E quem é teu pae? Tu não és cá da freguezia.

—Não, senhor. Andava com um ceguinho.

—E qu'é d'elle? Onde o deixaste?

—Morreu ha tres dias.

—Coitadinho, talvez fome e frio.

—Era muito velho.

—E era teu pae?

—Não, senhor, andava com elle. Meu pae...

E ficou a olhar para o chão.

—E não era teu parente?

—Não, senhor. Dizia que me tinha encontrado perdido, quando eu era pequeno.

O cura tornou-lhe com modo zombeteiro:

—Ah! sim, que tu agora és muito grande. Ora sobe e vae lá para o lume, que vens como um pito. Vae enxugar essas calças.

E foi-lhe ensinar a lareira.

Ao outro dia, quando o pedinte acordou d'um bom somno reparador, já era sol alto.

Sentindo-se em contacto com uns lençóes de grossa estopa lavada, vieram-lhe á mente as suaves delicias da opulencia. Até alli o seu dormitorio, quando não era peior, era um palheiro avulso, onde se respirava o ar denso da poeira, com o cheiro abafadiço da palha accumulada. N'esta noite de felicidades, além do colmo deram-lhe os lençóes, e deitaram-no excepcionalmente n'um quarto espaçoso, com muito ar bom e, de manhã, com muita luz vivificadora. Quando cheio de reconhecimento agradecia tantos beneficios, o cura disse-lhe:

—Queres tu ficar por ahi trabalhando?

—Queria, sim senhor.

Levou-o a Theodora, pedindo do seguinte modo:

—Esta creança precisa d'uma obra de caridade.

—Ora valha-me Maria Santissima. Cá os do logar são tantos...

Tornou-lhe brandamente:

—Uma cousa pela outra, Theodora. Quer comer, mas tambem hade trabalhar.

E Theodora, depois d'um silencio prolongado, durante o qual esteve remexendo no lume, voltou-se para dizer:

—Olha, rapazito, sabes rachar lenha?

—Sim, senhora.

—Pois acolá tens uma fouce e uns paus. Anda depressa que o lume está a morrer.

O cura, voltando para a varanda, murmurava no caminho com umas palavras ruminadas:

—*Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum.*

E como este dia era de sol, mas frio, o cura, tendo vindo da egreja, esperava o almoço, na varanda, com os pés fóra dos chinellos. Na sua mente pacifica repassavam idéas simples, pouco engenhosas e ás vezes revelava-as em monologos somnolentos.

A proposito de Simão lembrou-se da parabola do semeador, que elle vulgarisava por esta fórma:

—Era uma vez um semeador, que andava a semear. Ora este semeador que andava a semear, não deitou toda a semente no campo. Alguma caiu-lhe junto ao caminho, outra entre pedregaes e espinhos, de modo que não deu nada. Porém a que ficou em boa terra, essa fructificou bem...

E calando-se, continuou umas applicações mentaes da parabola do semeador. O rapazito talvez fosse boa terra...

E voltando á cosinha, preso por esta idéa, interrompeu o rapazito no serviço recommendado por Theodora, fazendo-lhe estas perguntas:

—Como te chamas?

—Simão.

—Sim senhor, um nome d'um santo. E oh! que santo! Assim tu o imitasses. Quantos annos tens?

—Eu não sei...

—Homem essa! Fraco é o burro que não sabe a idade. Talvez tu queiras aprender a ler.

—Ah! isso queria, sim senhor. Uma vez fugi ao cego para ir ao estudo; mas voltei, que eu não tinha quem me désse de comer e o tio Domingos não podia andar sósinho.

—Homem, parece que tens bom coração! Pois heide-te ensinar a ler e a ajudar á missa.

Theodora, chegando n'este momento á cozinha, sur-

prehendeu o irmão n'este plano, subversivo para o trabalho da casa e disse-lhe:

—Sabes que mais, Clemente? Deixa-o rachar a lenha e não venhas com essas cousas. Lá ajudar á missa... não digo que não, ás vezes é necessario, corre-se por ahi meio mundo sem se encontrar um; mas ler, não sei para quê.

—Vamos, mulher, não sejas assim; deixa que não faltará ás obrigações.

## III

Simão aprendeu facilmente e no primeiro dia em que ajudou com desembaraço á missa do cura, este veio para casa cheio de satisfação orgulhosa, conversando com o seu espirito e esfregando as mãos:

—A semente não caiu em mau terreno. Em tudo se vê a eterna verdade da parabola do semeador; quando a terra é boa o fructo hade ser bom.

Porém muito boa tambem tinha sido a paciencia, que o padre Carvalhosa consumiu durante uma infinidade de noutes leccionando o criado na leitura e tambem no ajudar á missa. Gastou horas esquecidas pregando-lhe na memoria as lettras alphabeticas. Conhecido o valor da pronuncia, ensinou-lhe como duas e tres e mais podem soar juntas. Depois mostrou-lhe á intelligencia o maravilhoso da construcção d'uma palavra e como ellas se ligam para na escripta se exprimir um pensamento.

N'estas tenras idades, quando o cerebro começa a impressionar-se, não surprehendem as extraordinarias revelações da escripta e da leitura. Mais tarde, torna-se isto vulgar e trivial—aprende-se a ler e a escrever, sem um

momento de reflexão para admirar, com enthusiasmo, esta enorme prova do engenho humano.

Ao mesmo tempo que aprendia a ler, Simão ia ganhando saude e robustez com o trabalho e com a melhor alimentação. Todos os therapeutas sabem o grande valor dos exercicios musculares, para se adquirir fortaleza de corpo e até de espirito. O organismo do creado do cura era enfesado em quanto andou na indolencia de acompanhar o cego; porém agora já estava vigoroso, mostrando o encarnado da saude em vez do amarello doentio. Já não era a magreza caracteristica de fraqueira, era robustez com carnes duras e muita agilidade.

Simão, em poucos annos, fez-se um homem, robusto, musculoso, alentado, uma d'essas vigorosas corpulencias que se admiram n'um campo, onde haja sementeira ou vindima. Vivem contentes e satisfeitos cantando e trabalhando. Graçola a uma e a outra rapariga, passam desenfastiadamente o dia e dormem a noite d'um somno e sem visões.

Bruchedos e crendices, com o phantasioso das de Radcliff, contam-nos elles acordados e com linguagem de boa côr.

Simão, além d'um bom lavrador, era um rapaz divertido e cheio de palavras. Os campos do padre tinham boa colheita e, nas jornadas, encurtava-lhe muito o caminho, com o muito que lhe contava.

Adoeceu um proprietario rico, e, por mais medicina, por mais remedios e promessas e benzedellas, o pobre homem morreu. Era a duas leguas e o cura mandou apparelhar a malhada para ir ao officio.

Os herdeiros do fallecido resolveram um enterro de espavento. Havia missas geraes, musica e a egreja ar-

mada. Eram muitos os padres e muitos os que vinham dar os pezames.

É um velho uso no Minho, não deixar passar fome aos que vem acompanhar os doridos. Para isso abastece-se a casa de bacalhau, de muito pão trigo e, ás vezes, até de carne. O vinho tira-se da adega, aos cantaros. Os amigos e parentes entram, choram, fallam muito das virtudes romanas do fallecido, das suas franquezas domesticas, dos bons sentimentos, da boa administração e da colheita do anno. Depois vão para a meza, comer e beber com moderação, mas á farta, e voltam a continuar o pranto interrompido.

Tambem se dá um pão de trigo a toda a mulher que officiosamente fôr chorar junto do cadaver. Por isso é que lhes chamam *carpideiras*.

Tal uso, que póde ser considerado selvagem ou hypocrita, eu, meus bons senhores, considero-o superiormente sensato.

Senão philosophemos:

Eu deixo o meu trabalho, a minha casa, as minhas conveniencias, os cuidados ordinarios; vou a distancia de leguas cumprir um dever de amizade e de cortezia; e, só porque tenho esta delicadeza, porque sou attencioso e bem educado, deverei, como se diz popularmente, trazer a barriga pregada ás costas?! Parece-me immensamente cruel, que por um individuo passar á posição melindrosa de cadaver, tenha, por esse simples facto, tal poderio sobre o meu destino, que me obrigue—oh! tyrannia dos mortos!—a ter fome. O bom senso pratico devia ter estabelecido, o que realmente fez, que sendo fulano delicado para commigo, eu seja delicado para com fulano; e que, se elle tem fome, eu lhe offereça um copo de vinho e mais alguma cousa. Se o uso faz n'isto apparato e ostentação, é para tornar a delicadesa mais accentuada.

Porque a final de contas é um individuo que morre e outro que, por amisade sincera, vem juntar os seus

prantos, aos d'um filho, aos d'uma esposa, *etc...* e é esse filho, essa esposa que o convidam a servir-se da posta de bacalhau com cebolas. Nada vejo aqui de extraordinario! Antes reconheço nestas praticas um bom senso invejavel.

Quanto ás carpideiras, ellas representam o respeito que todos nós desejamos que tenham pelos nossos mortos — é o egoismo, verdadeiramente humano, de tornarmos extensivo o nosso soffrimento.

Simão acompanhára seu amo aos officios, os quaes representam a recommendação, para a eternidade, d'aquelle que foi uma pessoalidade activa. A esmola convidava e a concorrencia clerical era grande. O povo, resando o seu padre-nosso levemente e agitando o hysope sobre a mortalha, sahia para o adro da igreja, estabelecer a conversa.

N'uma d'estas conversas furtuitas é que o creado do cura se pegou com uma morena de olho maroto. Isto principiou por um simples derriçar de brincadeira, mas no fim dos officios ella disse-lhe adeus de certo modo... e, parece que alguma coisa combinaram, porque Simão, acompanhou o chouto da egua para casa, muito scismador e cabisbaixo.

O padre Clemente, se fôra um homem esperto, podia notar esta mudança no creado.

A morena chamava-se Joanna e era filha de lavrador remediado que cultivava terras suas.

Rapariga requestada, linda devéras, com tres irmãos valentes, corajosos e pouco delicados que tinham o tempo da *resolução* por desnecessario; porque lembrarem-se de espancar alguem, e fazerem-no, não dava

para reflexões. Era *a besta* que lhes puxava estas inclinações; pois que nas cousas da vida socegada, eram uns famosos rapazes.

Simão, que não era covarde, de via lembrar-se de que elles eram tres e de que seria loucura ter descaro para os affrontar na colera. Alem dos irmãos, Joanna tinha, ainda vivos, pae e mãe — uns pobres velhos.

## IV

O communismo é velho no campo. Muitos dos trabalhos campestres fazem-se pela concorrencia dos visinhos, com a paga de egual serviço, quando é necessario. As espadelladas são d'estes trabalhos.

É sempre com muita vontade, que as raparigas vão de cortiço e espadella desarestar o linho. Lembram-se que tem a cantiga ao desafio, o berreiro desharmonico dos mascaras de lenço roto na cara e vozes de polichinellos e a ceia frugal ao luar purissimo. Ordinariamente a espadellada faz-se perto de casa, na eira. As raparigas ficam de pé, ou sentadas, á vontade; apertam as manadas de linho contra os cortiços, batem-o fortemente com as espadellas. O som cavernoso e grave que tiram n'este bater, é o fundo da cantoria alegre, formada de frescas vozes metalicas e sadias.

Quem ao longe estiver ouvindo, sente um vago cantar, cheio de vida e saude que causa uma impressão indefinida de tristeza. O luar, d'uma transparencia finissima, embranquece aquelles rostos, dando-lhes um tom de pallidez, que lhes falta á luz do dia.

N'uma espadellada, que houve na eira do pae de

Joannita, appareceu Simão, discretamente mascarado, com um lenço pela cara... Porém a sua discrição não era tanta, que não fizesse á sua namorada uma assistencia tão inconveniente, que despertou as desconfianças dos tres irmãos valentes. Ella fez-lho ver, mas já a tempo em que Simão se não podia escapar, sem levar os ossos n'um feixe. Ainda tentou abrir caminho disfarçadamente; mas logo reconheceu que umas sombras lhe vigiavam os passos. Quando a espadellada estava para findar, retiravam-se todos, mascaras e espadelladeiras, e o creado do cura sem o poder fazer! O momento ia-se tornando apertado e, Simão, reconhecia que era louca toda a resistencia. Só na evasiva é que elle devia procurar a salvação.

Joanna teve uma lembrança feliz, que poude communicar ao seu namorado. Para o norte eram as trazeiras da casa; havia um quinteiro, cercado d'um grande muro, e n'este recinto levantava-se soberbamente uma nogueira ramalhuda. Simão, aconselhado discretamente pela sua amada, resolveu conjurar o perigo, sentando-se n'um dos fortes ramos da nogueira e ficando acobertado pela folhagem. Assim o emprehendeu, subindo com presteza.

Este expediente foi adoptado com felicidade, porque os irmãos de Joanna, só passado tempo, é que notaram a falta d'aquelle que vigiavam cuidadosamente. Porém como sabiam que os caminhos por onde elle se podia evadir tinham sido guardados com escrupulo, concluiram que Simão estava por ali escondido, e trataram de o procurar. E foram logo ao quinteiro, a todos os recantos do qual deram a sua busca. Entraram na loja do gado, onde remexeram até o tojo da estrumeira; entraram na adega, espreitando por baixo de todos os toneis e remexendo na palha que lá tinham acamada. Porém todas estas buscas pareciam infructiferas, porque não o encontravam.

—Vistes dentro das pipas que estão ao alto?—dizia um.

—Vi. E tu picastes a estrumeira?

—Lá não está elle!

—Espreitastes hem todos os cantos, Manuel? Vistes de traz da lenha no quinteiro?

—Se cá estivesse, já o tinha mandado de presente ao diabo.

—Onde se metteria?—perguntam.

Houve um espaço de silencio; como dizem os localistas, o silencio percursor da tempestade.

O mais velho disse com firmeza:

—Elle hade estar por aqui forçosamente! Procuremos outra vez, que ainda que seja até ámanhã, havemos de dar com o meiro.

—Olha... o que te posso dizer, é que para onde eu estava, não foi elle.

—Nem para as minhas handas—affirma outro com intimativa.

Procuraram-no com mais sagacidade; mas, não o encontrando, principiaram a deitar as culpas uns aos outros com muitas palavras reprehensivas. Depois de muitas lembranças mais ou menos presumiveis, houve uma fatal, que fez estremecer a propria nogueira.

—Subiria elle para ali—diz o mais velho apontando a arvore.

—E' verdade, hade ser isso!—consideraram os dous com um modo vingativo.

—A elle, Manoel! Deita-o cá a baixo!

A noute, em que isto se deu, era socegada e fresca. Um luar, cheio de viveza, produzia inconstantes reflexos prateados, na superficie dos regatos murmurantes. As sombras das arvores projectavam-se estiradamente nos caminhos, d'um modo phantastico, com formas grossas e avultadas. D'umas penedias distantes, penedias, no conceito popular, povoadas de más influenças, vinham

os gritos sarcasticos dos noitibés. Suspendia-se no ar uma tenuissima neblina carregada de mysterios!

Manoel, o mais novo e o mais valente dos tres irmãos, encorajado por estes, abraçou-se ousadamente ao tronco da nogueira e principiou a subir com segurança. Os que ficaram em baixo, espreitavam sagazmente por entre as folhas e contra o luar, para determinarem precisamente o logar em que estava o inimigo. E, na realidade, vieram a verificar, que, no ponto onde a arvore estremecera ao indicarem-na, uma massa volumosa e indistincta se distinguia na confusão da folhagem.

—Elle lá está, Manoel, para este lado d'aqui—ensinavam.

—Prega cá em baixo com esse demonio, que o desejo cortar em postas—certificava um.

Manoel, para guiar melhor, parou um momento.

—E' para aqui, homem...

—Já o vi—affirma com superior serenidade.

E continuou subindo lentamente, seguramente, como quem não teme esta lucta arriscada.

Simão, reconhecendo o apertado da situação, tomou-se de coragem para a affrontar. Não estava de mau partido; esperando o aggressor podia, se quizesse, atirar com elle ao quinteiro. Era homem para homem, luctando sobre uma arvore, tendo aquelle que lá estava a enorme vantagem de o esperar.

Porém uma idéa conciliadora, quasi providencial, que n'este momento lhe occorreu, agradou-lhe mais. O inimigo era um irmão de Joanna e a victoria de Simão podia difficultar-lhe o futuro. Alguns ramos da nogueira passavam sobre o muro... Ir por um d'elles e deixar-se cahir a prumo, podia salval-o e livrar-se d'uma lucta inconveniente.

Não estavam longe um do outro os contendores: já se viam.

Simão, com o fim de intimidar o adversario e para ganhar tempo, diz-lhe com voz grossa de combate:

—Não andes para diante que te mato!

—Espera ahi, que eu t'o digo — respondeu-lhe Manoel com fria serenidade e avançando sempre.

O tempo urgia e o creado do cura resolveu-se a pôr em pratica a ideia salvadora. Caminhou sobre o galho, com segurança, passando o muro. Agarrou-se depois fortemente com as mãos, ficando pendurado como um presunto. Calculando serenamente o modo de cahir melhor, despegou-se da nogueira e, logo em seguida, sentiu-se o som abafado d'um corpo cahindo sobre a terra.

—Ah! demonio qne me foges! — diz raivosamente Manoel.

E imitando-o para o perseguir, estendeu-se sobre outro galho, com frio rancor, e, pendurando-se como Simão, deixou-se cahir sobre a terra. Porém foi mais infeliz que o adversario; porque, na queda, desarticulou um pé, ficando impossibilitado de se levantar. No entretanto Simão evadiu-se.

## V

O padre Clemente Carvalhosa notava, com a sua pouca perspicacia, certa mudança no creado. Não o via com uma alegria franca e de saude, chegou a julgar que aquillo era alguma doença que o minava.

Porém um novo facto, revelador de terriveis mysterios, lhe mostrou um abysmo na vida de Simão—a malhada teve muitas noutes repetidas em que relinchou desacostumadamente. O cura, com a sinceridade d'uma velha alma ingenua, principiou a sonhar cousas terriveis e a exagerar as leves irregularidades da vida d'um rapaz.

Quantas vezes elle passeou no diagonal da sachristia, encostando-se repetidamente aos gavetões chapeados de amarello, batendo freneticamente com as argolas, considerando n'esses vagos mysterios cheios d'uma immoralidade tenebrosa, que só conhecia das simples e descoloridas revelações do confissionario! E então projectava em vagos discursos mentaes, chamar Simão e fazer-lhe significativas considerações sobre o horror do peccado, pintando-lhe excentricamente os martyrios infernaes. E em certa occasião, depois de reluctancias pue-

ris, resolvendo-se a abrir uma conversa, com as formas violentas d'uma moralisação, só pôde com um desacostumado ar prescutador dizer:

—A egua tem rinchado muito de noute!... Talvez lhe tenha faltado herva!... Lembra-te do pobre animal. Custa muito a soffrer a fome.

E como era bondoso e simples, contentou-se com uma escusa, com uma affirmação do arguido. Porem o creado preveniu-se, deixando em seu logar, um rapaz amigo que deitasse a comida á egua, para sua reverendissima ser illudido. Na realidade as aprehenções do cura vieram a desvanecer-se, e o amado de Joannita continuou a atravessar, em noutes convencionadas, umas leguas de caminho montanhoso e cheio de perigos.

Era uma vida de inquietações! Apesar da prudencia tetrica e de se passar tudo no sinistro da noute, Simão tinha sempre diante dos olhos o risco da propria existencia.

Em certa occasião a escuridade era grande; por que umas nuvens grossas e pesadas encobriam o luar. A estrada devia augmentar os receios d'um corajoso; mas elle não pensava nos perigos. Era um caminho escuro como o da morte e estreito como o do ceu; não podia affirmar-se que, sob os pés, não estivesse um precipicio! Reinava um grande silencio!—nem o sacudir da chuva, nem os gritos selvagens das aves nocturnas, nem o silvo do vento! Sensações de torpor em todo o corpo. Sentia-se uma grande tendencia para a immobilidade, um desejo de desapparecer sem esforço, o receio do desconhecido! N'aquella enorme amplidão infinita, dominava o corpo, o esvaimento dos que se sentem ir para o fundo do mar.

Ao voltear d'um penedo, inesperadamente, Simão viu como duas tochas accesas, dous cometas fatidicos, dous olhos sanguineos! N'aquellas trevas, semelhavam dous

diamantes n'um abysmo. Aquillo, causava umas frias sensações aterradoras, lembrando um morto com os olhos abertos! Simão afrontou-se, os cabellos levantaram-se, e o chapeu cahiu-lhe no chão.

O inimigo ousado, que ali estava, era um lobo!

Este animal, tem a particularidade carniceira de gostar dilatadamente a victima, primeiro com os olhos. Immovel diante da presa, é malicioso como um namorado — pretende dominal-a com a vista penetrante. Tem o prazer especial dos toques scenicos, a bossa das commoções — é barbaro como um dramaturgo e, apresenta-se inesperadamente áquelle que deseja devorar, para observar a surpresa. Tyranno como o imperador Nero, é capaz de dormir os seus leves somnos inquietos, juncto da propria victima que tenciona devorar.

É um salteador covarde, sanguinario como o tigre; mas tambem valente—ataca o boi pela retaguarda, o cavallo pela frente e o homem de pulo. Só lucta por necessidade; mas defende-se melhor que um chipanzé, tem as manhas da ràposa e dá saltos vistosos como um fadista.

Ás vezes tem medos pueris e inexplicaveis: não gosta de lume e tem horror á musica. Ainda mesmo esfomeado, retira-se vagarosamente, com evidentes signaes de desdem, se lhe accendem ali perto um phosphoro ou se lhe tocam uma viola.

Mas as exigencias da alimentação é que o tornam verdadeiramente feroz: quando tem fóme é um Ugulino brutal, e, de todos os animaes estudados, o unico que devora as carnes de seus proprios filhos. Tem a devassidão e immoralidade gulotona da hyena e, como disse alguem de um papagaio que fugiu, é capaz de se devorar a si mesmo.

O lobo é o animal verdadeiramente temivel das nossas montanhas. Tem o focinho comprido, a bocca ras-

gada até ás orelhas, a cauda rapozina, o corpo esguio. Fareja mais finamente que um perdigueiro, despedaça como um bull-dog e corre como um cavallo inglez. Tem uma firme potencia muscular: dizem que uma chicotada da sua cauda dá com um valentão em terra.

Em abono d'este nosso conterraneo devemos accrescentar que só é verdadeiramente temivel, quando tem fóme. Não sendo isso, é bonacheirão e phantasista, gosta dos largos passeios no cimo da montanha e, ás vezes, encontra-se n'um grande aprumo, como um poeta, vendo a natureza do alto d'um elevado penedo. Os que o tem encontrado, principalmente de noute, affirmam que perderam a falla e o sangue frio, que a vista se lhes perturbou e os cabellos se irriçaram tragicamente. Ha, n'estes, casos, uma perversão de sentidos, que popularmente se traduz por um poder extraordinario e sobrenatural do lobo.

Procura ordinariamente as altas montanhas para respirar um ar forte, necessario á sua natureza selvagem e cruel; e tambem para se distanciar do povoado. Porèm, as necessidades do comer, provocam-n'o para as baixas, e muitas vezes, pretende forçar as portas dos curraes.

É então que os pastores o escorraçam acirrando os seus valentes cães de Castro, que destemidamente o abraçam em lucta tenaz. Outras vezes, porém, elle consegue tomar uma peça do rebanho, lança-a ao dorso com um meneio gracioso e de agilidade, e retira-se apressadamente, levando-a segura nos dentes aguçados.

E apesar d'isto, é um animal popular e bemquisto. O nosso camponez, cioso de sua força e valentia, não acredita que, nos ardentes areiaes da Africa e nos bosques deshabitados da Asia, haja um animal mais valente chamado leão e outro mais feroz denominado tigre. Contam do lobo casos extravagantes, apresentando-o como um gracejador, uma intelligencia espirituosa, um preparador de episodios para rir.

Se não é facil imaginar a situação moral de Simão, é comtudo crivel, não ser ella perfeitamente tranquilla, como a de Vossa Excellencia, inquieta com as asperezas do seu bordado. Accommettido de frente pelo amavel verdugo, que parecia olhal-o com indizivel prazer, não era licito avançar. Retroceder peior ainda — n'este caso o lobo salta e a victima é-lhe mais certa. Ficar extaticamente em contemplação era, além de absurdo, esquisito, pois que o animal teria seu rasgo... tomaria uma resolução.

Que fazer?!

Que respondam os anjos, elles que tem a intuição das cousas supremas. Aqui só o extraordinario, o heroismo, a coragem o podia salvar. Sendo cobarde, podia-se-lhe affiançar a morte como recompensa e então era mil vezes melhor não o ser. Simão era rapaz valente e resolvido nas situações difficeis e graves. Que mais grave do que pugnar pela vida, exactamente no momento actual, em que elle tinha empenho em a prolongar?! N'este caso nem o sr. D. João VI fugiria! Elle havia de ter denodo e abrir combate.

O instincto da conservação, essa poderosa valentia interna, deu-lhe serenidade. A reflexão disse-lhe que questionasse a vida.

— Pois vamos a isso — pensou brutalmente.

E preparou-se.

O lobo olhava-o com a fixidez tenebrosa *d'aquella estatua celebre, n'aquelle celebre banquete* que os senhores conhecem muito bem. Parecia um observador, um physionomista aproveitando este momento para estudar uma scena cheia de palpitações.

Mas as nuvens descondensaram-se e appareceram as cousas illuminadas por uma luz fraca. O animal, assentado, firme sobre as mãos, com o pescoço direito, o focinho apontando, as orelhas tezas, os olhos com uma fixidez

sagaz e de um brilho sanguineo, conservava-se n'uma posição aprumada. Darwin, se estudasse este lobo n'este momento, diria que elle empregava methodicamente a sua attenção e fazia doze raciocinios. Eu posso affirmar que, o pachorrento carniceiro, estava nos ultimos momentos de uma feliz digestão. Os movimentos cadenciados da cauda denotavam uma grande sensualidade e caprichos nervosos. Talvez que as primeiras sensações da fôme o dominassem. N'este periodo, ninguem póde dizer o que o lobo fará. Umas vezes retira-se inesperadamente, cheio de medos pueris; outras mostra-se em toda a sua ferocidade.

Simão, comtudo, receiava-o e procurava ensejo de se prevenir contra um ataque.

Além, no fundo valle escuro, um cão ladrou com uma voz cheia e prolongada. No vasto silencio da noite aquelles sons distinctos espalharam-se com uma lentidão soturna. Era um intermedio protector e amigo; pois que o lobo, instinctivamente, sem prevenções, voltou o focinho n'aquella direcção. Isto deu ao creado do cura tempo de se preparar. Com um movimento rapido, envolveu no braço esquerdo a jaqueta, que trazia ao hombro, e armou a mão direita com uma comprida navalha, que tirou do forro do collete. O lobo, persentindo-o, levantou-se, ia a espreguiçar-se para formar um salto, quando Simão, sem o esperar. o accommetteu com a sua navalha.

O salto do lobo foi ponco valente. O aggredido não lhe deixou campo. O ataque de Simão foi de habilidade. A comprida navalha acertou-lhe entre duas costellas e penetrou no peito do animal, no momento em que os seus dentes se apertavam no braço protegido pela jaqueta. Cahiu, dando um grande uivo cheio de angustia e de raiva! O sangue borbulhava-lhe em cachoeira pela ferida e pela bocca. Estrebuchando nas ancias da morte, era mais de horrorisar que dominando sobranceiramente a sua victima! Tinha o horripilante de um demonio escorraçado por agua benta, segundo a pintura colorida de facundos missionarios.

## VI

Depois, n'outra occasião, aconteceu o seguinte:

Um anoitecer frigidissimo epilogava um dia de alegre sol. A aragem cortante, como lamina de aço, trespassava o corpo. Tudo convidava ao calor da lareira. A de Bento Fundão, era farta de lenha e as visinhas pobres ali se iam aquecer e fiar o seu linho. Fallavam muito do acontecido com certa abundancia de palavras. Eram boas companheiras para a conversa e, como não tinham dilatadas ambições de riqueza, viviam felizes com o seu pouco.

É um quadro gracioso e alegre, com muitas curiosidades vulgares, digno do pincel minucioso de Gerard Dow.

Tres homens robustos e sadios descançam das fadigas do trabalho, expondo os seus corpos musculosos ao calor da lareira, em attitudes desleixadas. São os irmãos de Joannita. Esta, ao mesmo tempo que vai remendando as grossas camisas de estopa, não perde a attenção da panella, onde o caldo de farinha levanta fervura com monotonos sons abafados. As fiadeiras, com as suas caras vulgares, as mãos grossas inchadas das frieiras e

os pés gretados com a sola exposta ao calor do lume, vão puxando das rocas de canna o seu linho. Um velho de cabellos brancos, com uma expressão cheia de bondade, homem corpulento e com poucas rugas, domina o quadro familiar. Vê-se o levantar caprichoso e incongruente da chamma, ouve-se o crepitar do brazido e o *glou-glou* da panella.

A conversa é de muita animação e curiosidade pelo interesse que todos estes personagens tomam n'ella.

— Pois se eu vi! — teimava uma das fiadeiras. — Era já depois da meia noute e vinhamos de uma espadellada em casa do Zé do Monte, que foi na noute d'aquelle dia em que houve o *cerco*. Quando chegamos ali a baixo, perto da egreja, ao sahir da mata dos frades, ouvimos um grande reboliço, que nos assustou...

— E o que era?! — pergunta rapidamente Manuel.

— O que era? Eu to conto. Passou por nós uma grande phantasma vestida de branco e com uma corrida, que nós mal nos podémos affirmar n'ella. E vae depois eram tantos os gritos lá para detraz da egreja, que nos fizeram levantar os cabellos de pé.

— E vossês?

— Eu não sei como não cahi logo morta. Santo nome de Maria me valha sempre, que foi quem me valeu n'aquella noite; appareci em casa sem cortiço, sem lenço e não podendo abrir a bocca. Uma cousa assim! Eu não soube de mim em muito tempo.

Um dos valentões disse incrédulamente:

— Ora adeus... talvez fosse a egua branca do moleiro, que elle vae-a levar ao monte e deixa-a lá de noute.

— Não te rias com estas cousas — torna-lhe a narradora offendida — Olha que é grande castigo!

— Eu cá por mim nunca vi nada — affirma seccamente um dos Fundões.

Uma das fiadeiras instrue:

— Não, que isto começou ha pouco tempo...

Uma segunda concluiu:

—E não é todos os dias. Apparece ás sextas feiras. Só ainda foi visto duas vezes.

—Eu sei quem o viu o outro dia — affirma uma fiadeira magra com semblante de terror.

Dos tres incredulos, um disse com sinceridade:

—Talvez seja a alma do almocreve, que appareceu morto na estrada. Alguma restituição.

—Quem sabe lá! Aquillo é lobis-homem.

—São os nossos peccados—entende uma das mulheres.—Era assim uma coisa como um padre, todo vestido de branco.

Bento Fundão intervem com auctoridade:

—Então não pode ser lobis-homem. Esse é assim... como um cão.

—O padre do Telheiro diz que é o demonio e que o vae esconjurar.

A isto responde um dos irmãos de Joanna:

—Nada! se anda vestido de branco, é alma do outro mundo.

Bento Fundão completou:

—Tambem tens rasão. O demonio é preto, tem cornos e pés de cabra.

Uma das mulheres, que não tinha visto a abantesma, perguntou:

—Tu, Guiteria, é que podes dizer. Tinha cornos e pés de cabra?

—Eu não lh'os vi. Cornos está-me parecendo que não tinha.

—Então não é o diabo—pronunciaram-se todos.

Bento Fundão insiste:

—É restituição. Quem sabe se é o fidalgo de Pereira...—que tambem não sei como tal fez!—ir deixar tudo a gente que lhe não era nada!...

—E com tantos parentes pobres—arredonda um dos filhos.

—O sr. Joaquimsinho bem merecia que o fidalgo

lhe deixasse alguma cousa, que é muito bom senhor— opina uma fiadeira.

—E sem presumpção nenhuma—accrescenta outra.

—E olhem que sabe Deus se, ás vezes, se come sardinha n'aquella casa! Eu que os conheci bem fartos! —diz meditativamente Bento Fundão.

—Pois é o fidalgo de Pereira com certeza.

—Não póde ser outra cousa.

—É bem que venha remediar o mal que fez.

—Pois se é elle deixal-o lá. Não se deve a gente atravessar no caminho dos que andam no seu fadario,— entendem os homens.

—Póde-se ser tomado de algum ramo de estupôr, de que Deus Nosso Senhor nos livre — accrescentaram as mulheres batendo com a mão na bocca.

Joanna escutára todo este conversar, sem fazer uma pergunta, nem soltar uma exclamação. Na opinião de todos estava profundamente atterrada!

O alvitre aqui expendido, de que o phantasma era o morgado de Pereira, que vinha fazer restituição, foi acceite por toda a gente. Poucos dias depois já havia quem affirmasse, que o morto tinha dito palavras relativas ao caso. A narrativa bem colorida e arranjada, promettia muito; porque era realmente certo que, havia tempos, á meia noite de todas as sextas-feiras, se ouvia grande vozeria e estardalhaço na mata dos frades, junto á egreja. Pouco depois, sahia d'ali uma abantesma, em grande correria e dando gritos de afflicção, indo sumir-se n'um logar, que as lendas populares consideravam de um modo feio, chamando-lhe *porta do inferno*.

Tal acontecimento veio collocar os moradores d'este sitio n'uma situação atribulada e cheia de angustias. Fizeram promessas a santos, espalharam na soleira da porta agua benta com ramo de alecrim benzido, rezaram e prometteram procissões de penitencia.

Debalde esperavam, que a alma penada, ou que quer que era, se resolvesse a tomar um partido, declarando os motivos de tão extraordinarias peregrinações mundanas. Debalde! pois que ella foi, a este respeito, de uma impenetrabilidade exquisita, durante muitas noutes.

Depois quizeram usar para com ella de meios mais violentos. Resolveram *requerel-a!* O requerer a alma é nada menos que o seguinte: um padre, de estola e hyssope, apparece-lhe de frente sósinho e emprasa-a d'um modo terminante e com muitas citações latinas, para declarar, em nome de Deus, qual é o seu destino n'este mundo. Este processo tem dado optimos resultados, quando se encontra ecclesiastico bastantemente corajoso, para dizer com nitidez todas as palavras sacramentaes; porque se falta alguma, o esconjuro não tem effeito. E sobre não ter effeito, o mais tenebroso é, que *a alma* fica em maiores attribulações do que estava.

Se a abantesma terrivel fosse, como primeiro se disse, o diabo que andava n'aquellas turbulencias, o padre do Telheiro ia lá, que era homem para isso. Mas logo que soube que era o fidalgo de Pereira, este sacerdote retirou a promessa, allegando muitos motivos que toda a gente julgou futeis, pois que o verdadeiro era ser elle um dos individuos, que devia ser justamente desherdado, pelas declarações do morto-phantasma.

Porém logo appareceu outro reverendo, que,—talvez por inimisades mundanas!—se offereceu para requerer a alma penada. Era o João Pitança, padre resoluto, quando era necessario. E, depois de combinada uma noute para se *requerer* o morto, para que a valentia lhe não faltasse no melhor momento, acompanhou-se de dois amigos e recolheu-se na egreja, por onde costumava passar o defuncto de Pereira, para d'ali lhe poder sahir inesperadamente ao encontro.

Era um caso de gravidade! O profundo mysterio e a

grande dóse de sobrenatural terreficava! Perto da meia noute todos os trez se iam tomando de côres mais ou menos lividas. A lingua incommodava-os na bocca. Um suor frio cobria-lhes o corpo. Um mal-estar, prenuncio de grandes cataclismos organicos, affligia-os. Faltava-lhes a sensibilidade tactil—queriam agarrar-se aos objectos estranhos, certificar-se da sua realidade e, se os não sentiam, a confusão dos seus espiritos era tenebrosa. Quando desejavam mover-se, parecia-lhes que se abriam ali sob os seus pés os fundos abysmos incommensuraveis das lendas populares com todos os horrores. Na cabeça tinham um fervilhar de ideias contradictorias e antipathicas! Ás vezes sentiam no craneo, mesmo dentro do craneo, o borbulhar d'uma panella que ferve.

Na opposição que se ia fazer á alma viajante, podia succeder alguma cousa estrondosa! N'este choque do mundo com a campa talvez que se désse um abalo extraordinario, um tremor de terra por exemplo, e podiam abrir-se as repugnantes boccas tradicionaes dos abysmos! O insondavel, o impenetravel, o mysterioso affligia-os.

Os companheiros do padre requerente, que sempre tinham vivido apaziguadamente dentro em si, livres de preoccupações theologicas, vendo-se em frente da ideia mais extraordinaria que eu conheço — a da vida eterna! — deviam sentir-se seriamente incommodados.

Porém não o devia mostrar assim o reverendo! Era bonito e necessario, parecer exteriormente sereno!

* * *

Principiou a soar no sino da torre a meia noite. As badaladas resoavam d'um modo sinistro e quasi reprehensivo. O som extenso e magoado, que ondulava até aos reconcavos das montanhas, parecia recriminar esta interferencia nas cousas extraordinarias d'além da campa. Os companheiros do padre João, quasi acreditaram isto e tiveram no momento supremo, valentes

impulsos de arrependimento e deu-lhes vontade de fugir. Os seus musculosos corações batiam com desacostumada frequencia. Ouviam vozes que não existiam. Com os olhos fechados, percebiam visões especiaes e tremendas. O silencio e immobilidade prolongados em que permaneciam, tinham-lhes tirado o conhecimento das cousas reaes e lançara-os n'um mundo desconhecido. Atravessou-os uma ponta de frio, ao longo da espinha dorsal, quando o clerigo, resolvendo-se com solemne coragem, pronunciou estas palavras, caminhando para a porta da egreja:

—*Di rigantur, Domine, gressus mei, ad costudiendas justificaciones tuas.*

E n'esta occasião já se ouviam os sons de timbre desconhecido e uma turbulencia infernal, com que o phantasma costumava espantar as trevas. O padre estava no seu posto, no ponto de passagem da abantesma, quando ella lhe appareceu a distancia na intrepidez d'uma vertiginosa carreira. Violentas tremuras lhe tomaram o corpo, o espirito entenebreceu-se-lhe e faltou-lhe a voz.

O vento parecia-lhe forte e violento, o ar quente e enxofrado! Elle só via fogueiras, e ouvia tempestades e os sons cheios de selvageria, que vinham para elle!

Todo este signal de desordem incomprehensivel aproximava-se. Uma voz suave, plangente, cheia de lagrimas e de colera, ouviu-se muito perto, quando a pouca distancia surgiu, n'um momento, como se viera do interior da terra, uma *visão apocalytica*. Ella tinha dimensões ultra-humanas, era da brancura das neves altas, brilhava com uns olhos de fogo e na carreira tinha a leveza da sombra das nuvens impellidas por vento forte — o seu aspecto, como diz o evangelista, era o do relampago.

O padre, sacudido por umas convulsões tetanicas, sentindo-se impellido por uma onda de mar de fogo, vacillou:

e cahiu sem sentidos! Os da egreja, ficaram na sua grande confusão, como os guardas do sepulchro, *pasmados e quasi mortos*.

O phantasma passou intrepidamente na sua carreira e ao longe echoaram uns lamentos como os de creanças a quem estrangulam.

Este desenlace assombrou! Todos se julgaram inflexivelmente dobrados sob um flagello divino. A opinião geral, era que estas cousas annunciavam fóme, peste ou guerra.

Urgia uma reconciliação com Deus. Todos se julgaram em peccado mortal. As mães, cheias de terror e de lagrimas, recommendavam a seus pequenos filhos de dez annos, que fizessem uma confissão geral da sua passada vida perversa!

Porque tinha-se pedido a vinda dos missionarios. Desejavam apasiguar as iras divinas, compôr-se com a misericordia do Omnipotente. Tinham a grande fé das almas rudes, e, subjugados por um medo enorme, faziam no templo oração com muitas palavras altas.

Annunciaram-se para certo dia os varatojanos. Esperavam-nos com ancia e cheios de contricção. Acreditavam firmemente n'aquella limpesa d'alma. Tinham ardentes desejos de voltar á vida passada, cheia de monotonia e de socego. Com o novo baptismo da confissão deviam tornar-se dignos de vêr a face do Senhor.

Porém—coisa de espanto, mas para alguem explicavel! — antes que suas reverendissimas de tricorne na mão e tom ameaçador, soltassem a voz tremenda, para annunciar o genero de expiação requerida, o phantasma desappareceu.

Pelo mesmo tempo, Joannita, a filha de Bento Fundão, subtrahiu-se á santa amisade e á convivencia dos seus, que muito a estimavam.

O phantasma acharia ali a expiação das culpas de tantos peccadores?

Foi por esta occasião que o criado do padre cura deixou, desatenciosamente, seus amos, sem se despedir.

Quem nos affirmará que elle não era o phantasma tenebroso?!

Muita gente acreditou que o era!

# O TIO AGRELLA

No tempo em que eu estudava o meu latim, tinha o bom habito da caça e muita saude. Era no inverno, em cruas manhãs de geada, quando o sol apontava no horisonte, que eu andava aos tordos. Estendia-se-me diante dos olhos o accidentado do terreno d'um verde amarellento, sobresahindo em certos pontos, pendentes dos muros e das arvores, os brincos de gelo, com seus reflexos solares, miudos e incommodos. Mais além tambem se via a brancura da geada, tapetando os cabeços das arrogantes montanhas corpulentas, que se recortavam no ar. Ás vezes, porém, uma nortada fria e cortante varria estas flores d'agua, como lhe chama Tyndall, e o meu nariz ficava rubro e grosso, d'uma grande iracundia, e os campos tornavam-se d'uma aridez bisonha.

Na intrepidez desacautellada de caçador noviço, cortando os campos sempre em diagonal, eu sentia estallar, ás vezes, a superficie gelada dos charcos e, reconhecia-o, pela queda inesperada do meu corpo sob um pé, que se afundava em agua d'um frio intorpecedor. Mas sempre alegre, despresando estas pequenas cousas,

ia-me alongando por entre as tristes oliveiras, espreitando os tordos e os melros, com uma grande sagacidade feminina, cheia de pequenas covardias. Ora me encobria methodicamente com um velho tronco, ora me approximava da victima, a passos raposinos, com a espingarda aperrada, o ouvido á escuta, o pescoço firme e o olho inquieto.

Do olival das minhas façanhas, encostado a um commodo carvalho carcomido, é que eu via a casa do Agrella. Alem d'ella espalmava-se um secco panorama de poucos tons—era um cerro coroado de asperos penedos firmes, cheios de austeridade e de negridões do tempo; eram uns escuros pinheiros sorumbaticos d'onde se levantavam as vozes ralhadoras dos gaios, e o ganir cucuraceo dos pegos reaes que, subindo ao ar, seguiam n'um vaivem monotono, até se prenderem no tronco de qualquer arvore com as suas unhas cheias de tenacidade. D'ali é que vinham as caravanas de seis tordos alegres, travessos, lidadores, n'esta lucta enorme pela existencia e se lançavam sobre a azeitona com uma sofreguidão bulhenta.

Pouco depois, ouvia-se o ululur fatal da minha innoffensiva e pessima espingarda que os espantava. E então elles, em numero egual, subiam no espaço enorme, a grandes alturas com pios escarnecedores, e, descendo n'outro olival, ouvia-se um segundo tiro—um grande som que para mim tinha muita intelligencia e fraternidade.

A casa do Agrella descobria-se olhando á direita. Apparecia fresca, suave, muito branca, cheia de melancolia como a do hespanhol Trueba. Estava no meio de arvores, sobresahindo ás hervas rasteiras dos campos e tendo a frente para um caminho que é a rua principal da freguezia.

O tio Agrella era um velho fresco, com muita saude,

muita alegria e um rosto jovial. Cantava maliciosamente e tinha ditos picantes. Tinha tambem uma boa cara franca e aberta, muito cabello branco, um nariz vermelho e travesso, umas maçãs do rosto de côr saudavel, uns beiços grossos, vendo-se, por entre elles, os seus bons dentes claros, eguaes e firmes. Não tinha barba, era um nada magro e flexivel, agil e leve como um cabrito; um homem que nunca padeceu de constipações, que não tinha tristezas, pois que o ouviam sempre remoquear com graça, que tinha poucos vicios e nem uma só virtude.

Foi sempre dado a inquietar-se com as raparigas. Apesar dos sessenta, não lhe passava nenhuma á porta, bonita ou feia, a quem o Agrella não cortasse a sizudez com alguma cantiga maliciosa e cheia de amores fingidos. Porém estas coisas no Agrella não indispunham, cahiam-lhe bem no seu rosto cheio de espansibilidades e com traços travessamente comicos.

O seu officio era de alfaiate e trabalhava assiduamente. Excellente mestre!—boa thesoura e um ponto para a eternidade. Mais honrado não se encontrava — restituia todas as sobras da fazenda. Tal procedimento, hoje raro, grangeara-lhe grande nomeada.

Agenciava ainda a sua vida com uma vendasita, que estava a cargo de Zefa, e na qual o vinho era excellente. Ali é que o viam sempre trabalhando de agulha, intertendo a freguezia da taberna e pegando-se com as raparigas que passavam da fonte.

Quando me via de espingarda ao hombro cantava:

No alto d'aquella serra,
Andam dois coelhos bravos,
Não os mates caçador
Pois que são dois namorados.

E depois dizia para um visinho em modo de conversa:

—Elle lá vem, lá vem o terror da caça! Quer a gente dar um tiro e, ás vezes, não ha em quê.

E perguntava-me:

—Então, meu amigo e senhor estudante, caem ou não caem? Parece que são furados ou comem o chumbo. Vejo esse cinto sempre sem levar cousa nenhuma!

—Caem, tio Agrella, caem; mas é que tornam a resuscitar.

—Cá me queria parecer. Mas disse-me ali o visinho... — não é verdade ó Zé Maximo? tu não me dissestes que o outro dia appareceram lá no hospital da villa muitos tordos, com feridas para serem curadas?

O barbeiro assomou á porta afiando uma navalha.

—É verdade que o ouvi contar, não sei já a quem —diz este com o seu pronunciado riso boçal.

—Pois enganaram-se, meus amigos. Os tordos só vão para a villa quando eu os levo.

—Ó meu estudante—volve o Agrella com ar supplicante—deixe-me ficar um par d'elles, que desejo fazer uma arrosada no entrudo!

—Pois fallaremos n'isso. Já que pede...

Zefa tinha uma pelle de face morena e macia. Era uma belleza no rebentar, uma flor de silvedo abrindo as suas petalas. Tinha rudezas naturaes, tons firmes e vigorosos.

A face d'estas raparigas tem raios de todos os sóes e recorda todas as plantas. Do repôlho e couve trunchuda a largura e franqueza; o ar singelo, mas não de tristeza, é o do lyrio vulgar; da violeta o profundo indefinido da orbita; o sorriso habitual é da maçã rajada; os seios opulentos dizem riqueza e abundancia; o pescoço altaneiro e airoso, faz lembrar a ellegancia d'um choupo; o tom macio da côr da face é da rosa silvestre; o todo diz abundancia e vida—é a natureza selvagem.

Se Courbert a copiasse, accentual-a-hia no vigor das formas e no sincero riso natural.

Do tio Agrella, que nos seus tempos fôra de agradar, tinha o melhor. Aos sessenta, ainda o velho se mostrava airoso e flexivel, como Zefa. Vendo-os pelas costas, dil-os-hiam dois bem casados. Á traiçoeira luz crepuscular, o pae vestido de filha, era a propria filha.

Havia na aldeia um rapaz que tinha para Zefa uma inclinação cheia de velhas honestidades.

Elle lembrou-se de casar com ella!

Era um minhoto de larga costelladura, abundantemente musculoso, cara de bondade, pacifico, trabalhador e morigerado. Por causa d'umas passeatas, que o pretendente lhe fez á porta, veio o Agrella a conhecer o que se lhe moía no coração, e, fallando a inteira verdade, o alfaiate não gostou. O Bouças merecia-lhe bons conceitos, mas o alfaiate é que não queria casar a filha. Fazia-lhe grande falta. A taberna era dirigida por Zefa. Tanto elle como a velha Gertrudes, sua consorte, não estavam para taes cousas.

E, além d'isto, era uma filha unica: a existencia dos dois velhos, com a sincera paz monotona d'aquella casa, dependia d'esta saudavel rapariga. Elles eram o velho tronco carcomido, ella o novo musgo fresco; mas aqui, o tronco é que não podia viver sem o musgo. Despegar o musgo seria abrir uma ferida, por onde se esgotaria o resto da seiva do tronco.

E o Agrella azedou-se mais, com uns ditos de certas invejosas, minadas de ciume ou coisa assim. Ellas passavam da fonte, onde ficára Zefa. Vinham duas a duas, em miuda conversa de despeitos. Segredavam e riam com umas gargalhadas repassadas de azedume. O nó do lenço, que usualmente passa debaixo do queixo, traziam-no puxado adiante dos beiços, ou para dizerem mentiras, ou por terem máus dentes.

E ao passar pelo alfaiate disseram-lhe:
—Ha moiro na costa, tio Agrella.
—Então que é, meninas? digam lá.
—O Bouças lá ficou de conversa com a Zefa.
—Ó meus lindos amores, porque lh'o não roubaes?— respondia com ar cascalheiro.
—Santo nome de Maria! Homens não faltam.
—Olhae, meus brinquinhos, ali vão muitos.

Eram pórcos, que passavam pastoreados por um pequeno rapaz enlameado e andrajoso. Iam para o monte a cevar as carnes com sofreguidão gulosa e fuçadora, nas landras que cahem dos carvalhos. O pastor ia coberto com um sujo farrapo a que chamava camisa. Tinha a pelle da face com nodoas de terra negra. Os cabellos, um pouco sobre o comprido, revolucionarios e finos, denotavam fome. Apertava os seus lindos e brancos dentes, contra uma codea de brôa e, com o seu ventre pesado e saliente, caminhava, enxotando, com presistencia tenaz, os pórcos que queriam entrar nos campos. Depois, tendo-os bem arrebanhados, deixava-os ir; e elle atirava-se ás amoras das silvas, comendo-as com pão e mostrando sensações de um grande prazer. E, quando os pórcos lhe levavam grande dianteira, dava alegres corridas, cheias de despreoccupação, sempre metendo na bocca, negra d'amoras, mais codea de brôa. E então encontrava os animaes, na delicia do foçar nos charcos, com pequenos grunhidos satisfeitos, empurrando-se uns aos outros, e attirando com os seus corpos pesados nos lamaçaes do caminho.

O rapazito, com a sua vergasta e gritos reprehensivos, fazia-os levantar; e depois elles lá caminhavam na direcção do monte, comendo sempre das hervas dos vallados e das coisas sujas que encontravam despresadas.

Quando o Agrella dava taes respostas, eram repassadas de falsidade—elle sentia alguma coisa mordente, como o bico d'um alfinete picando-lhe as entranhas. Esta situação incommodava-o, causando-lhe suspiros de noute e gerando-lhe as primeiras tristezas da sua vida. Não podiam continuar taes amores e Zefa foi reprehendida com uma prudencia calculada.

A filha não lhe respondeu com evazivas, nem com palavras de justificação—não respondeu nada! Sentiu na cara um grande calor e subiu-lhe á cabeça uma coisa, que a ia fazendo cahir. Vieram-lhe depois umas lagrimas, que ella chorou só, no silencio da sua vergonha.

Á noute, o Bouças passou á porta do Agrella, cosido com o muro fronteiro.

O alfaiate disse-lhe:

—Olá, amigo Bouças, a estas horas por aqui não é por bom...

—Vou chamar gente para uma lavrada, tio Agrella.

—Ora Deus te dê uma boa colheita, homem!

—Muito obrigado...—respondeu embaraçadamente.

E sumiu-se na volta do caminho, silenciosamente, como um cão vadio enxotado.

Tal azedume, porem, contrariava o alfaiate, que tinha um temperamento de cordialidade, um natural de alegria.

A filha era uma parte integrante da sua felicidade, do arranjo domestico, da administração da caza. Se ella não fôra, quem poderia aturar a soffredora Gertrudes com as suas queixas e com as suas dores! A pobre velha já pouco mais fazia que passar umas contas e repetir certas historias já sabidas.

Ainda me lembro d'aquella do coronel seu padrinho, homem valente, levado de mil diabos, que tinha uma barba até ao estomago e muito cabello na venta. Foi um heroe! Morreu com uma bala francesa no coração, depois de ter sosinho, com a sua espada, atravessado os valentes de Bonaparte, ás centenas de cada vez!

Tambem repetia frequentemente, a historia d'um sabio frade conterraneo, que fez um grande sermão, n'uma capella visinha. E concluia sempre affirmando:

—Olhe que deixou ensilvado aquelle pulpito, menino.

Expressão floridamente pittoresca, que eu, nos primeiros tempos, teimava em querer tomar no rigor, o que me punha em graves confusões.

O marido rematava-lhe sempre as narrativas:

—Que tal esta minha Gertrudes? Se pudesse ser, mandava-a á grammatica.

—Deixe-o fallar, menino. Isto é um lérias, que só dá *retholicas*.

Mas voltemos ao ponto fallando dos suspeitos amores.

As linguareiras tinham razão. As conversas da fonte, dos caminhos, do adro á sahida da missa etc.... eram vistas por todos. Zefa era uma rapariga galante, risonha, trabalhadeira — por isso reparavam mais n'ella. No panno lavado vêem-se melhor as nodoas.

O Bouças era filho de bom lavrador e com o pae vivo. Tinha as virtudes do trabalho e uma cousa que não é defeito — gostava muito dos divertimentos. Nas esfolhadas e romarias era certo e sempre tocando o seu cavaquinho. O Agrella, repassado de má vontade, com o espirito muito acido, quiz apregoar isto, como defeito, mas todos conheciam a raiz d'aquelle mal.

Apesar das contrariedades, estes amores promettiam crescimento.

Eram talvez dez horas da noute. O luar rompia o nevoeiro, apparecendo o disco da lua no meio d'uma serie de circulos concentricos, diversamente corados. Estava um ar sereno, as folhas das arvores mal se perturbavam. N'um só ruido longinquo, phantastico, pro-

fundo e cheio de cadencia é que se resumia a grande voz da natureza. Em certo momento, ouviu-se a distancia, nas estreitas sinuosidades da estrada, o tocar aspero d'um cavaquinho, que veio parar á porta do Agrella.

N'aquelles dedos havia uma sensibilidade estudada— umas vezes era a doce melancolia trovadora, outras um aspero febril de rudesa. Como n'um quadro, o fundo escuro faz sobresahir um branco rosto de Colona, aquelle monotono silencio da noute fazia avultar a resonancia d'aquelles sons, que se levantavam na infinita amplidão aeria, talvez perturbando somnos bem dormidos.

Esta situação, repassada da velha poesia das lendas apaixonadas, foi cortada d'um modo extraordinario. Na casa de Zefa, abriu-se um postigo brandamente e appareceu uma cabeça, como de quem não queria perturbar este poema d'amores. Uma voz cheia de escarneos neos levantou, pouco depois, esta cantiga:

Eu defronte e vós á vista,
Eu fallo vós não falIaes,
Dae-me um aceno c'os olhos
Já que não pode ser mais.

Era a voz do Agrella.

O Bouças, tomado d'uma estupidez cobarde, fugiu, deixando cahir o cavaquinho no chão.

No dia seguinte Zefa foi reprehendida:

—Menina, tenha-me juizo, tento na bola. Sabe que tem pae que a faz entrar na regra do bem viver. Percebeu?

E quando os namorados se encontraram, disse-lhe ella:

—Não posso fallar mais comtigo. Meu pae ralhou-me e eu não lhe quero dar afflicções. São dois pobres velhos...

E limpava os olhos ao avental.

—Mas eu tambem te não posso deixar. Querer casar comtigo não é mal nenhum. Ando sem gosto no trabalho e já padeço de fastio. A minha vontade é ir para soldado ou para o Brasil.

—Isso não!—atalhou Zefa. Não vás que to peço. Não posso fallar comtigo tanto a miudo; mas...

—Mas que demonio queres tu? Heide passar por ti e não te dar a salvação?

E ella repetia chorando:

—São dois velhos, que estão com os pés na cova...

—Sabes que mais, Zefa? É casar e está arrumado. Lá em casa, sempre hade haver uma tigella para ti. Se teu pae não quer...

—E eu heide deixal-os sós?

—E se teu pae é um teimoso, nós não havemos de casar?!

Era um dilema terrivel, como o d'aquelle jumento que, entre palha e agua, tendo fome e sede, morreu por não saber como principiaria bem.

Vieram a final a concordar em que se fallasse no casamento ao pae de Zefa. Um tio do Bouças, famoso demandista, homem de resolução e de muitas palavras, serviu de medianeiro. A resposta foi:

«Que a rapariga era muito nova e por isso ambos podiam esperar alguns annos».

Ora isto de esperar é, como diz o proloquio, desesperar. Não se impõe vontade, a um penedo que rola loucamente no declive d'um monte.

Porem esta resposta do Agrella, breve e serena, com bons ares de cordealidade pacifica, intibiou por alguns dias os desejos do Bouças, que pediam matrimonio ardentemente.

Mas logo passado algum tempo, tornou-se mais descarado, no entender dos visinhos que o viam passar á

porta do Agrella, com muita frequencia e com muito desassombro.

O alfaiate, assim espicaçado, reprimiu a filha, com mais vigor.

—Meu pae é injusto para commigo! — pensou Zefa toda amargurada.

Gertrudes, sendo a paciencia e a santidade, não gostava de ralhações, as quaes na opinião d'ella e na de muitos padres, levam ao inferno com certeza. Observou certo dia ao intransigente marido, que não havia muita razão para desgosto. Nem o noivo era mau rapaz, nem o casamento era coisa feia. Que viessem os noivos para casa e estava tudo acabado.

O Agrella respondeu, como quem já tinha pensado nas cousas d'este modo.

—Então acreditas que o Bouças deixa lá vir o filho?!

—E porque não? Fica com os outros.

—Verás, que não deixa.

Ha muito quem goste de contos e mexericos. Espiritos accesos para denunciar escandalos, conheço tantos como V. Ex.ª, minha senhora. Não sei que prazer d'ahi resulta; porque não sou linguareiro.

Foi o caso seguinte:

Como o Agrella se tivesse tornado insupportavel, os namorados projectaram o lance extremo. Decidiram casar, lançando mão d'um meio surprehendente pela simplicidade. Zefa, em certa noite, fugiria de casa de seu pae, e iria, em deposito, para casa do tio do Bouças, em quanto se arranjavam os papeis para o casamento.

Porém, casualmente, lá estava o demonio a ouvil-os na pessoa d'uma beata. Lindoria, com o seu frenesi de não conservar um segredo, onde conservava o mais, foi-o dizer immediatamente ao Agrella. Um quartilho de

rascante pagou a denuncia e o segredo, que foi discretamente conservado.

Entre Gertrudes e o marido, trocaram-se palavras que diziam respeito ao caso. Preparava-se um desenlace.

A noute, combinada para a fuga, era fria e muito escura; dois amigos não se reconheceriam sem minudencias. O Bouças, de combinação com os seus, preparou-se, na convicção de que o Agrella ignorava o lance.

A escuridade veio cahindo lentamente sobre o casto espirito juvenil de Zefa, como uma cousa pesada e fatal. As naturaes delicadezas femininas, levantavam-se para a recriminar. O seu procedimento, seria mal visto pelo mundo e até pelo bom Deus. Dez minutos, por uma noite de medo, na companhia d'um homem.... não era inteiramente casto, nem virtuoso. Se as intrepidas mulheres da Galileia, afrontaram os perigos de illudir a vigilancia dos soldados d'Augusto, para beijar a pedra tumular do divino mestre, commetteram uma imprudencia, uma temeridade reprehensivel. No meu conceito, salvaram-se por terem sido inspiradas.

Porém o espirito timorato de Zefa, que não tinha aquelle vigor antigo, vacillou, tremeu cheio de duvidas meticulosas e teve tentações de faltar ao que promettera. Não esqueceremos esta circumstancia, como uma attenuante.

O Bouças lá estava. Não digo que estivesse completamente sereno, mas como era um temperamento aspero, affirmado nas rudezas do trabalho, revigorado na lucta com a natureza, permanecia no seu posto. Vinham-lhe á mente, é verdade, lembranças pueris, tinha estremeções em todo o corpo, abalos no coração e muito calor. Mas como era uma organisação selvagem e con-

tradictoria, tinha os seus desejos e os seus frenesis brutaes, e do que se lembrava, era de conseguir.

Afinal abriu-se a porta com a extrema cautella necessaria. Um vulto de mulher, com o amaneirado e flexivel do de Zefa, sahiu. A um assobio abeirou-se do Bouças, que em voz sumida lhe perguntou:

—Ès tu, Zefa?

—Sou, vamos—respondeu em voz pouco distincta, por entre as dobras do chaile.

Não houve expansões amorosas. Esta gente difficilmente as tem em occasiões tão difficeis. Além de que, o noivo era um rapaz sincero.

Avistaram a casa que os receberia. O Bouças, com um novo assobio, fez conhecer que chegavam. Abriu-se uma porta e appareceu uma luz viva, como o olho d'um lobo.

O tio casamenteiro assomou:

—Então prompto? Cá a temos?

—É verdade!—responde o Bouças suffocado de contentamento.

Porém—oh! pasmo!—a estas horas Zefa estava junto do leito de sua mãe que se fingira enferma, por conselhos do marido. O presente era o Agrella vestido de filha!

A gargalhada que este fez ouvir descobrindo-se e o assombro dos comparsas desta scena funambulesca, só o podia exprimir Gavarni!

E a final de contas, casaram, por que o velho Agrella deu o consentimento necessario.

# O RAMO D'OLIVEIRA

(A J. M. DA CUNHA)

*.....dimisit columbam ex arca*
—GENESIS—

## I

A missa conventual tinha acabado n'aquelle instante. No adro, illuminado de bom sol, passavam as ultimas devotas, que tinham ficado a visitar os altares, depois da missa. Eram mulheres de todos os feitios—algumas edosas, outras que o pareciam—com uma bonita seriedade, muito tementes a Deus, amigas dos missionarios, sempre com a vida bem ordenada, confessando-se ás sextas feiras e commungando todos os dias. O sincero padre d'aldeia, o padre valente, sanguineo. rustico e franco, que encara a salvação d'um modo pratico e como uma cousa tangivel, não é o mais affeiçoado amigo d'estas creaturas, porque ellas tem muita impertinencia no confissionario, muitos escrupulos puerís, uma vida quieta, gostando dos trabalhos d'agulha, dos serviços indolentes e do agasalho das flanelas.

São umas creaturas de carnes molles, muito flacidas;

tem uma côr amarelenta e o olhar cheio de tibiesa. São a anthitese do musculoso clerigo aldeão, que tem os vicios fortes da caça e da mesa rustica e abundante, que aprecia o andar nas quebradas dos montes, em mangas de camisa, cercado da numerosa matilha inquieta, fallando no diabo, rogando pragas e endurecendo o organismo—aguerrindo-se pela acção presistente do ar frio das terras altas.

Os homens do campo, os lendarios conversadores, esses lá estavam no adro fallando verbosamente de coisas triviaes, alludindo a particularidades da lavoura, da creação de gados e do anno que lhes corria favoravel. Alguns, respondendo ao que ouviam, contavam casos identicos que lhes tinham succedido, intercortando-os com muitas integrantes, que estendiam com sinceros rodeios monotonos. Estavam com as mãos atraz das costas, o chapeu levantado ao alto da cabeça, deixando a cara em toda a luz, e com os pés fora dos tamancos para os aquecerem bem. Ali esperavam fazer horas de jantar. Ás onze estaria arrefecendo na tigella o olhudo caldo, com o naco de toucinho a lume. A conversa, que é um excellente amargo, ia-lhes abrindo o appetite.

O dia era cheio d'uma grande animação natural—havia um sol claro, uma atmosphera perfumada pelas flores e hervas agrestes e uma salutar frescura de campo. Um triste cypreste solitario, levantava-se no meio do adro, esguio como uma grande lagrima funebre—era o protector antigo de esquecidas gerações de pardaes que ali faziam os seus ninhos e que ali tinham as violentas pugnas amorosas, cheias de bucolismo e de sensações carnaes. Ao lado d'esse cypreste, distinctamente a um lado, é que se via um grupo artisticamente original—vivo, simples e cheio de graça: era composto d'umas bulhentas creanças alegres e d'um octogenario

de aspecto bondoso, olhar macio e palavra reveladora d'um bom coração. Um gordo pequeno do grupo, vestido com uma simplicidade indiscreta, que relembrava a dos habitantes do famoso paraiso, interrogava com vivacidade o velho:

—Ó tio Bastião, quando me ensina a fazer um cacifre?

—Ensino-te hoje; mas o que me dás tu?

—Dou muitos melros—respondeu de prompto.

—Ensine-me antes a mim, tio Bastião.—incitava outro invejoso.

E um terceiro choramingando pediu:

—E não me ensina a mim?

—Ensino-os a todos; mas senão aprendem, vae aqui tudo raso com mil diabos!—tornava-lhes com aceno colerico que fazia riso ás creanças.

—Eu cá aprendo.

—Eu aprendo melhor—jactava-se outro.

Um dizia com emphaze.

—Ora! cacifres sei eu fazer. O tio Sebastião hade ensinar, mas é a fazer alçapões. Não hade?

—Não pode ser tudo juncto. Hoje vamos ao cacifre —volveu-lhes com fingida impaciencia.

—E o alcapão?

—Ora o alçapão! o alçapão !Isso é de bico amarello!— retorquiu levantando a cara e espremendo um assobio —isso é de bico amarello!

—Mas eu já aprendi os cacifres.

—Pois sim, mas agora não ha varetas de oliveira, nem cannas. Arranja tu as cannas que até te faço uma gaiola.

—Para guardar os passaros?—pergunta risonho.

—Estou para ver. Vós deixaes ficar os cacifres sós e vem os gatos e depois... vistel-o? nem eu. Vão-se aos cacifres e comem os passaros.

—E nós vamos espreitar e matamos todos os gatos —atalhou com vehemencia um dos innocentes facinoras.

—Veremos nós isso. Vamos lá para a eira fazer um cacifre.

E foram dár começo aos trabalhos.

Os aprendizes eram diligentes; tudo que era necessario elles preveniam. O mais agil subiu ao salgueiro para cortar as váras, outro tinha ido buscar o cutelo, outro promptificava-se para as descascar—todos queriam mostrar utilidade e tornarem-se dignos de consideração. Os mais sagazes, que entendiam depressa, tomavam-se de orgulhoso contentamento; os que tinham difficuldades, ficavam cheios de tristeza, com um grande desgosto da vida. Se não aprendiam, a culpa não era do tio Sebastião da eira, que tinha paciencia de mais para os aturar.

Assim lhe chamavam, porque, na eira de sua casa, passava a maior parte dos dias regaladamente ao sol, fazendo d'ella a sua sala de visitas. E por ali tinha muitas pessoas e até raparigas que gostavam muito de o ouvir, achando-lhe talvez mais graça que aos parvajolas dos namorados. O velho Sebastião contava coisas do seu tempo, colorindo as narrativas com aquelle ar de grandeza e saudade, proprios de todos os velhos que tem um bom animo. Elle era a chronica viva da visinhança e, quando alguem se queria certificar de qualquer cousa, não procurava mais ninguem.

O padre Clemente Carvalhosa, aquelle padre Clemente que tem uma rabugenta irmã chamada Theodora e um creado de nome Simão, tambem por ali vinha offerecer-lhe uma pitada de rapé da sua caixa prateada.

Era muitas vezes á sahida da missa e demorava-se pouco tempo, porque tinha á espera o almoço de sopas de leite. Em outras occasiões, quando os motivos pastoraes não eram muitos, vinha fazer as horas de jantar com o tio Sebastião. N'este domingo, apesar da hora adiantada da missa, o cura veio conversar com o

velho, antes de procurar o almoço. É que havia alguma cousa que lhe preoccupava o espirito.

No momento em que o octogenario ensinava os seus contentes amigos a acabarem um cacifre, abriu-se o portal, que dava para a eira, e a figura do ecclesiastico desenhou-se na area da porta. Foi a sonora voz sacerdotal e não o chiar dos gonzos, que os acordou do entretenimento em que estavam.

— Viva o senhor Sebastião. Que rapaziada é esta aqui?

E o velho, voltando-se, saudou o cura risonhamente, dizendo:

—São os meus amigos, senhor. Ensino-lhes a fazer um cacifre. Ainda me lembro que, quando era como elles, tambem gostava que me ensinassem.

E o cura, dando a mão a beijar confusamente aos rapazes, perguntava:

—E aprendem ou não aprendem?

—Vão indo, senhor.

—Talvez que atinem melhor que para a doutrina. Este bregeiro do José da Manca, no domingo passado não sabia o credo.

E voltando-se para o ignorante, accrescentava:

—Deixa estar que se hoje o não sabes, eu te fallarei. Hei de o dizer a tua mãe, para ver se to não ensina.

—Não que eu já aprendi—respondeu o accusado.

—Veremos isso á tarde.

—E tambem sei os peccados mortaes, que são sete. Primeiro soberba, segundo avareza...

E repetia-os com jactancia, acompanhado de acenos approvativos do cura, quando outro se entremetteu:

—Eu tambem sei a salve-rainha.

—Pois de tarde, no adro, é que eu lhes hei de perguntar por tudo isso.

—E eu sei a confissão, que má ensinou minha madrinha.

—Muito bem; mandarei ir para lá uma cesta de ma-

ças. São para os que souberem a doutrina. Agora estão servidos com um cacifre, não é verdade? Pois vão armal-o e deixem-nos sós.

E depois ainda accrescentou:

—Á tarde appareçam para a doutrina.

E passado um grande espaço sem abrir conversa, quando as creanças já tinham desapparecido ao longe, principiou o cura, como quem não sabe começar:

—Um bonito sol...

—É verdade, um sol quentinho, senhor cura.

—Para nós os velhos é elle bem necessario.

—Vossa senhoria velho! não me faltava ouvir outra! Eu sim, é que me posso ir arranjando para a jornada...

—Os homens de boa vida, estão sempre preparados —confirmou serenamente.

—Todos tem os seus peccados e os meus não devem ser poucos.

—A estrada do ceu, não é assim estreita, meu Sebastião. Fazer bem e não olhar a quem é o grande preceito christão. O senhor Sebastião faz o bem que pode e não é a mais obrigado.

—Todos tem as suas faltas...

—E' certo, mas o que se deve é viver christãmente.

Houve silencio interrompido pelo gritar das creanças ao longe. Persentia-se no Carvalhosa alguma preoccupação. O da eira conhecia-lhe differença. O cura, trocando distractivamente a bengala de mão para mão, pousou docemente a vista no fundo valle.

O velho inquietava-se...

—Tem estado um lindo tempo, senhor padre Clemente.

—Oh! magnifico. E como vão as sementeiras?

—Quasi tudo prompto. Do que se precisava agora,

era d'uma regasita para puxar as terras, que principiam os pastos a faltar.

—E isso é máu!

—Pois não, senhor! E' logo uma descida nos gados que Deus nos acuda.

—E Elle é pae e hade acudir com o necessario.

—Assim seja, senhor cura, senão é uma grande perca para os lavradores. Vossa senhoria bem vê, que a gente anda a creal-os para depois receber aquella manadinha de dinheiro, que faz muita conta. E os bezerros que lá a senhora sua irmã comprou? Tem medrado, com a ajuda de Santo Antopio?

O padre não respondeu e houve nova pausa. Ouvia-se ao longe o somnolento mugido d'um boi e ali perto, na cerdeira, o aspero gorgeio d'um passaro; factos estes que o reverendo atou como por um fio, movendo o olhar n'uma curva que principiou onde mugia o boi e morreu onde cantava o passaro. Depois, permanecendo demoradamente com a vista sobre a arvore, considerou:

—Que cerdeira tam carregada de flor!

—E que dá bem boas cerejas no tempo.

—São bicaes?

—Não, senhor cura, são pedraes, ríjas como penedos, e quasi do tamanho de ameixas.

—Tambem as tenho lá magnificas. E' das cerejas que mais gosto.

—Eu tambem. Com um bocado de brôa, fica a gente bem merendado.

—É o presigo dos pobres. Se não fossem as cerejas, muita gente não tinha nada para comer com o pão.

—Olhe que é uma verdade, senhor cura. Vossa senhoria é que tem muita curiosidade de fruta no seu quintal. Cá a gente não pode andar com isso.

—E' tudo obra de minha irmã Theodora.

—E o Simão entende d'isto de pomares?

O padre Carvalhosa tornou a ficar silencioso e sem dar resposta ao seu interluctor. Este, observando-lhe o ar preoccupado, perguntava a si mesmo:

«Que dianho terá o padre cura?

E passou em revista mentalmente:

«Falta de dinheiro? isso não que é um homem remediado.

«Conselhos?... ora conselhos! um homem tão sabio.

«Elle tambem não costuma pedir para cousas de lavoura... são negocios lá da senhora Theodora.

.....

«O que terá elle?—concluiu.»

E em quanto o velho assim discorria, o Carvalhosa tractava de remover, com a ponta da bengala, uma pequenina pedra, que estava no chão encontrando n'isto grandes difficuldades. Tal era a tenacidade que empregava que chegou a desenhar um fundo risco curvilineo na terra, mostrando-se enredado em muitos pensamentos.

Depois ficou n'uma posição quasi de desleixo. mostrando na physionomia os signaes d'um espirito distrahido e preoccupado—tinha os globos oculares demasiadamente salientes, e a palpebra superior contrahida como nos myopes; o olhar era vago, incerto e em alguns momentos notava-se-lhe um estrabismo momentaneo; levou distrahidamente a mão ao queixo, chegando a metter o indicador entre os dentes.

O octagonario não gostava de ninguem com estas sombras de tristesa. Faziam-lhe mal ao espirito, tornava-se bronco e cheio de mau humor. Já se lhe viam as sobrancelhas um pouco abaixadas, contrahidas e mais proximas.

Algumas rugas na testa mostravam o azedume do seu espirito; os cantos da bocca, reconhecidamente descahidos, eram signaes de que se achava contrariado.

O velho Sebastião chegou a julgar impertinente esta visita do cura e desejava que elle se fosse, com Deus, comer o almoço.

## II

Mas, uma nova figura, com dotes accentuados de vivesa, veio modificar esta scena repassada de monotonia. Abrindo-se o portal, entrou uma rapariga, alegremente vestida com a sua ronpa do domingo. Não era uma bellesa estatuaria digna do cinzel altivo de Buonarotti e um photographo, mais fielmente que um pintor, nos revelaria os traços complexos do seu animado semblante. Porem o photographo, aproveitando todas as linhas insignificantes, faria desmerecer as que accentuam a vida physionomica, e Wandick, empregando as finas tintas e a curva primorosa, talvez não nos representaria Clarita. Por isso não a queremos retratada.

Era morena, de estatura mediana, tinha uns olhos negros, opulentos cabellos azevichados, e um corpo flexivel, com toda a graça animadora dos vinte annos. O seu apparecimento modificou notavelmente o semblante do velho cura. Aquella figura cheia de espertesa, a traquinice juvenil, a bondosa satisfação do seu rosto, restituiram o ecclesiastico ao parecer ordinario de bondade. E já desanuveado, disse-lhe:

—Ainda agora da missa, Clara? Cuidei que já estavas em casa.

O avô interveio:

—É que foi chamar uma gente para um serviço.

Clara, vendo-se desobrigada de responder, pediu a benção aos dois velhos.

—Deus te abençoe—disse Sebastião.

—E te faça uma sancta—accrescentou o cura.

E tendo dado conta ao avô do resultado da sua incumbencia, disse:

—Com licença do senhor cura, vou dar uma volta ao jantar. O avosinho já deve ir sentindo fome...

—Vae lá, vae—disse o cura.

E o avô, observando o sol, confirmou:

—E não te descuides, que vae para as dez horas com toda a força.

E depois de Clarita se ter retirado, o reverendo insinuou:

—É um anjo, senhor Sebastião, esta sua neta.

—É uma grande mulher de casa—emendou o velho.

—Tem rasão, homem. Esses é que são os verdadeiros anjos. Quem trabalha e cumpre com as obrigações não pode ser máu—confirmou sentenciosamente.

O velho continuou:

—É ella, por assim dizer, que faz tudo n'esta casa. Ella é cozinha, ella é coser, ella é tratar do vivo; até me vae chamar a gente que eu quero para o serviço. E olhe que nunca faltaram as cousas a tempos e horas, senhor cura.

—Está uma rapariga casadoura—insuflou traiçoeiramente o cura.

—Casadoura... não senhor. É muito nova, sim, vossa reverendissima bem vê, que é muito nova.

—Mas com todos os requisitos d'uma grande dona de casa!...—atirou o Carvalhosa insidiosamente.

—É verdade; mas o casamento é cousa séria. É bom dar o tempo ao tempo e deixar que a fruta amadureça. Isto de raparigas são como as uvas, as maçãs, as peras e toda a mais novidade. Chegando certo tempo tem uma côr mesmo de apetecer; mas vae-lhe um homem a metter o dente e não póde.

—Mas o Thomé Barbante não tem promettimento do senhor Sebastião para casar com Clara?—indagou o cura cheio de suspeitas.

—Sim senhor, dei consentimento, mas não para já. Vossa senhoria bem vê que é necessario deixar amadurecer a fruta.

O clerigo rasgou a conversa com estas palavras:

—Pois, meu Sebastião, é por esse motivo que hoje venho conversar comsigo.

—Ora essa, senhor cura!—encarou surprehendido.

—Nem mais, nem menos, meu amigo, é isso. Eu andava com receio de que o Barbante me não inteirasse da verdade. Rapazes, quando se trata d'estas cousas, ainda que sejam como o Thomé, nunca dizem as cousas como são. Elle pediu-me para interceder pela abreviação do casamento. Não me recusei, por achar o pedido justo.

—Pois não mentiu, não senhor—respondeu com alguma difficuldade.—É isso mesmo... quero que esperem.

—Mas não sei se fará bem, meu amigo...

—Vossa senhoria aconselhará.

—A terem de casar.... (o cura alongou os beiços) não vejo mal nenhum em que seja mais cedo.

—Queira perdoar o meu atrevimento, senhor cura; mas parecia-me bom deixar amadurecer a fruta. A minha neta, só tem vinte annos.

—A sua edade, senhor Sebastião, tem-lhe dado muita experiencia; mas, como bom amigo, entendo que n'este particular de casamentos, deve a gente não ser muito teimoso.

—Porém, sr. cura, elles são tão novos...

A conversa ia-se tornando impertinente. As sobrancelhas do cura iam-se franzindo lentamente e os seus olhos pouco abertos e fixos davam-lhe á physionomia, ordinariamente larga e expansiva, um tom de energia intellectnal, muito particular nos individuos que encontram resistencia á realisação d'um pensamento que lhes parece justo. Póde-se dizer que o ecclesiastico se ia achando mal com esta opposição do velho. Mas como o Barbante fosse, casualmente, passando n'esse momento, o cura chamou-o, ajudado com um aceno de bengala:

—Ó Thomé, ó rapaz, vem cá, ouve uma cousa.

E depois, logo que o pretendente de Clarita se approximou, disse:

—Jogo franco, meu amigo. Teu tio tem alguns escrupulos em consentir no que pedes. Não é isto verdade, sr. Sebastião?

—É, sr. cura — responde com tibiesa. — V. s.ª bem entende as cousas... estão muito novos...

—Estás n'estas idéas, Thomé?

—Eu cá por mim, senhor...—linguou compromettido — é como v. s.ª e meu tio entenderem. Já tenho vinte e cinco e Clara tem vinte...

—Mas teu tio quer que esperem mais tempo! — affirmou com azedume.

O velho, reconhecendo o estado de contrariedade do espirito do ecclesiastico, disse com voz resoluta:

—Ora aconselhe vossa reverendissima.

—Eu já aconselhei. Havendo as boas inclinações, esta edade hão deve ser um impedimento. Se não pensasse assim, não vinha cá. Lá o diz o livro santo, meu amigo, «que não é bom viver o homem sem a mulher.»

A cara do Barbante rejubilou de um modo simplorio e feliz.

Porém é penosa tarefa desarreigar d'um velho uma tenção já formada. Os homens edosos, são como os palacios em ruinas: as ideias preconcebidas agarram-se-lhes, como ás paredes derrocadas as heras teimosas. Tudo que é antigo vive pela tradição, pela lembrança do passado.

A vida, na velha comparação cheia de verdade, é como a luz de uma candeia: quando está no ultimo clarão custa-lhe a extinguir-se. Parece que o oleo, que alimenta a chamma, vae sendo proporcionado, só para a sustentar n'aquelle penar moribundo. A's vezes, este bruxulear dos ultimos momentos, é d'uma persistencia irritante. Assim, nos velhos, as ideias se apegam ao cerebro com tenacidade bem difficil de vencer.

N'isto, como em tudo, ha individualidades. O Sebastião da Eira não era dos mais rabugentos. Sempre fôra um coração cheio de bondade. Mostrava, porém, a teimosia indispensavel aos oitenta annos.

Mas para o vencer, ninguem melhor que o padre Carvalhosa. O respeito que sempre dera a si mesmo o bom cura, com a palavra e com o exemplo, grangeara-lhe no animo de todos os que o conheciam uma grande veneração.

Elle porém nunca pretendeu vergar ninguem para o seu lado, com auctoridade mal entendida. Se lhe pediam conselhos, dava-os conforme á sua consciencia. Por isso acreditamos que o avô de Clara, viria a dar benevolamente o consentimento pedido, se o silencio que se seguiu ás ultimas palavras não fosse cortado por uma bulhenta gritaria das creanças, que se dirigiam para a eira.

Vinham trazer um pintarroxo.

Esta interrupção produziu n'aquelles tres homens as sensações agradaveis que se experimentam, n'uma manhã de geada, quando se passa da sombra para o sol. Estavam com um rosto opprimido e desanuvearam-no. Quem deixou transparecer um riso mais sincero e designativo de satisfação, foi o octogenario, que tinha necessidade de ser interrompido. Recebeu-os cheio de alegria, ouvindo-lhes dizer:

—Aqui está, ó tio Bastião, é um passaro tão bonito! Foi no campo de baixo que o caçámos.

—Vivam os meus amigos. Assim é que é. Então foi no campo de baixo?

—Sim, senhor, ao pé do castanheiro grande.

—Pois são uns pimpões. Caiste depressa, meu bregeiro—dizia para o passaro.—Vão lá depressa, que os gatos não façam das suas. Se caçarem outros, tragam-nos.

E foram, depois de terem mais uma vez beijado a mão do cura, que os recebeu bondosamente, sem lhes perguntar a doutrina.

O velho, armando-se de uma viva rosolução, disse:

—Pois, sr. cura, vossa reverendissima dil-o e assim deve ser. Vamos porém entregar isto á sorte. E' uma teima de velho, que hade perdoar.

—Á sorte como?—pergunta o Carvalhosa.

—Eu lh'o digo, senhor. Ó Thomé, chama tua prima e que me traga um bocadito de fita vermelha, d'aquella que tem lá no cesto da costura.

E quando Clarita veio, o velho disse-lhe:

—Minha filha, o sr. padre Clemente vem aconselhar a que abrevie o teu casamento. Bem sei que vós estaes com pressa; mas eu que sempre fui muito teimoso—perdoará o sr. cura—vou deixar isto á vontade de Deus.

E depois de uma pausa reflectida, continuou:

—Este pintarroxo é um cantor d'esta eira, que eu muito bem o conheço. E' todas as manhãs n'esta cerdeira a cantar, que ás vezes até faz raiva. Já um dia lhe atirei com uma pedra; queria ouvir o que diziam uns homens ali no caminho e elle não deixava. Vou deital-o á vida, e como é um parvajola, talvez que d'aqui a pouco torne a cair no cacifre. Se tornar, está dado o consentimento, se não, estamos pelo antigo. Para o conhecerem, ponho-lhe este signal.

E atou-lhe a fita vermelha ao pescoço.

—Seja assim—respondeu o Carvalhosa. — E' o caso da Biblia, em que Noé soltou a pomba a descobrir terra. Permitta Deus que ella volte — *portans ramum olivae virentibus foliis in ore suo* — e vos traga o ramo de oliveira que é de paz e de concordia.

## III

Uma esperança a voar, minha delicada senhora, é a peior das esperanças. A felicidade, que foge nas pequeninas azas d'um pintarroxo, que pode ter—quem o diria!—um temperamento nervoso, extravagante e cheio de caprichos, é uma felicidade chimerica.

Assim o julgava Clara, que, para vergar os fados ao seu ardente querer, meditára, n'um momento de perversidade, um plano insidioso. Ella desejava caçar o pintarroxo e para isso espalhára no peitoril da janella, um farto celleiro de migalhas e de trigo. Se elle, provocado pelo alimento traiçoeiro, lhe entrasse em casa, Clarita pensava em fechar rapidamente as portas e tanto faria que o havia de apanhar. O avô notou o estratagema pueril, com um malicioso riso benevolo e quasi se arrependeu do que tinha feito; — via a neta com más côres, muitas vezes pensativa e sempre com o olhar distrahido. Desejando por isso a proximidade do casamento, construiu mais cacifres, para crescerem as probabilidades de se prender o rebelde.

E, o que lhes vou contar, deu-se n'uma famosa manhã de primavera. O ar tinha frescura, o sol alumiava, as rosas e mais flôres exhalavam os seus perfumes.

Adejava suspensa a vitalidade geradora dos grandes socegos e venturas.

Era d'uma originalidade graciosa o matiz da paisagem—combinação de muitas côres.

O bom cheiro das hervas, fresco e agreste, penetrava o organismo d'um modo saudavel.

Havia o sentir inebriante das bellas phantasias, o curioso e magnetico do espiritual, o esquecimento feliz das tristezas. A bafagem vespertina, tudo balouçava nas suas brandas ondulações. O sol altivo e sereno averiguava desdenhoso tanta felicidade. A natureza era—pantheisticamente—«a alma origem do ser.»

Clara tinha afastado as portas da janella e encostara-se, na languida somnolencia das Margaridas, com a fronte sobre a mão esquerda, na vulgar posição contemplativa.

A expressão vaga do seu olhar, que se não fixava em nenhum ponto, denunciava-o absorvido em pensamentos incertos. Os seus olhos, na phrase litteraria do celebre anatomico e physiognomista Gratiolet, «não se prendendo a nenhum objecto, associavam-se automaticamente á contemplação do espirito.». A physionomia de Clara, com esses olhos pasmadamente abertos e as linhas faciaes immoveis, apresentava a expressão de pouca intelligencia penetrante, muito peculiar nos contemplativos. No seu espirito infantil passavam grandes incertezas. Ella não tinha o pensamento fixo—divagava, agitando-se em pacifica desordem, em volta de certos factos, como uma borboleta escura ao redor d'uma luz.

A arvore que estava em frente, coberta de brancas flôres, era a mesma d'onde no tempo colhia cerejas. Alegre dos seus enfeites, não o parecia menos dos seus

hospedes, passaros divertidos e bons cantores. Clara poisou inconscientemente a vista sobre as flôres. Depois de ceremoniosas reluctancias, estabeleceu idealmente o seguinte dialogo:

—Para que me fazeis soffrer sendo minhas amigas? Porque me não prendeis esse rebelde?

—Senhora—retorquiram flôres e folhas—bem sabeis que não é de boa hospedagem. O nosso amigo, que tem a superior liberdade de voar, alegra-nos generosamente com as suas visitas...

—Mas eu não vol-o cubiço. Se m'o entregardes eu vol-o restituirei brevemente á vossa convivencia.

—Mas elle, vendo-se atraiçoado, não voltará mais aqui.

—E quando costuma vir?

—Não tarda. Estamol-o ouvindo na visinhança. Esperae se o quereis vêr. Mas deixae-nos calar, que elle não suspeite do que fallamos. Perderemos as suas caricias.

E logo que chegou, o pintarroxo, vendo a noiva na situação de amarga tristeza, parece que lhe disse n'um gorgeio:

—Tão cedo á janella?! Talvéz sejam cuidados.

E ella parece que lhe respondeu:

—É verdade. É que não sou tão feliz como essas flôres.

—E porque?

—Não tenho, como ellas, quem me venha cantar alegremente.

—E o Thomé Barbante? Escutei toda a conversa do cimo d'uma arvore.

Ella insinuou maliciosamente:

—Gosto d'um pintarroxo alegre e bom cantor.

—Não sei porque!—respondeu suspeitoso.

—Fui creada com o canto dos passaros. Até lhes d

xo comida na janella. Se quizeres, sempre é melhor que andar ao Deus dará.

—Nada. Para comer sempre se arranja. As sementeiras dão que farte.

—Sempre é andar ao tempo e á sorte. Aqui não falta comida.

—Que empenho em me sustentar, quando, nos vossos campos, me perseguem sem descanço.

—É tudo por causa dos teus companheiros, que são uns estragados.

—Antes quero voar e comer o que se encontra. Os vossos gatos são uns assassinos.

.....

E levantando o seu vôo, expoz á luz solar as suas azas furta-côres. E lá se foi a esperança e o pintarroxo de fita vermelha.

Tal foi o dialogo, que se não deu, da natureza muda, livre, ostentosa e aquella alma simples e honesta. Na attitude desoccupada Clara vagueava, como leve penna, por aquelle espaço infinito. Porém n'estas recriminações apaixonadas aos caprichos da sorte e ás phantasias do voador, não estava desacompanhada. Thomé, arrastado por eguaes motivos, veiu até perto da cerdeira, mas ao vêr o tio Sebastião, encobriu-se com uma sebe. Na verdade, o avô de Clara, aproveitando estes primeiros calores matutinos, aproximou-se da cerdeira curiosamente e dizia por entre dentes:

—Elle lá está. Canta, canta bregeiro, que se te apanho não voltarás á extravagancia. Eu te prenderei n'uma gaiola.

Era realmente singular! Nem o padre Clemente Carvalhosa, se furtou ao preceito humano da curiosidade! Na transparente intensão de saber alguma novidade agra-

davel, amiudava pela eira, tomando sempre grandes rodeios e propositos na conversa, para se não denunciar.

Elle e o velho Sebastião pareciam-se com duas donzellas amorosas do mesmo homem e que receiam descobrir-se reciprocamente. Não usavam franqueza de velhos, tinham as leves ondulações dos esgrimistas, que se guardam sem querer ferir—era o pudor na velhice.

Certo dia porém—era uma quinta feira—veio o cura conversar com o avô de Clara. Quem o encontrasse no caminho havia de notar-lhe as preoccupações: ia resmungando umas palavras confusas, que denunciavam trabalho de pensamento. Passaram alguns freguezes, que o saudaram e a quem não respondeu. Os desconsiderados, apreciando o facto, diziam que á salvação lhes tornára remoendo como um touro. A verdade, porém, é que o Carvalhosa não os ouvira.

Elle entrou na eira com estas palavras:

—Então, sr. Sebastião, essa saude?

—Como velho, senhor. Se não fossem estas soalheiras, não sei como se havia de viver.

—Certamente. Elle é bom para nós, que não temos o sangue na guelra, como a mocidade.

—O que me vale tambem, são os meus amigos, que por aqui me divertem.

—E hoje que é quinta feira, admira não os encontrar.

—E' que estão nos campos de baixo com os cacifres.

—Mas não apanham nada!

—Apanhar... sempre apanham. Armam os cacifres, antes de ir para o estudo, e quando vem sempre encontram algum passaro.

—E o que fazem elles aos pobres animaes?

—Tenho-lhe feito umas gaiolas; mas a maior parte deito-os á vida. Os pardaes não o merecem, senhor; olhe que não faz uma ideia... deixam as sementeiras todas estragadas.

—E que passaros caem?

—De tudo. Pardaes, piscos... é de tudo.

—E pintarroxos?—pergunta distrahidamente.

—Isso tem cahido que farte.

O bom cura constrangia-se vendo que o obrigavam a interrogações; queria ser adivinhado.

—Mas o *tal*, nada de novo?!

—Ora minha carapuça. Tem-se farto de caçoar comnosco; mas eu lhe farei o cabello, quando elle cair. Irá para uma gaiola, sim senhor.

N'este momento o padre, que tinha olhos mais novos, viu, ao longe, o Barbante revistando os cacifres, que ardilosamente tinha vindo armar no campo do tio. Dera ali uma chegada, furtando uns instantes ao trabalho de sachar, em que se occupava n'este dia. Tinha-lhe custado dolorosamente a sentença do avô de Clara.

Ao principio não a julgou tão impertinente; mas agora ia-se desesperando. Se lhe consentissem apanhar o passaro de qualquer modo, já teria pedido ao do Outeiro a caçadeira e com ella espingardeado o maldito. Porém não lhe era isto permittido.

Dentro do convencionado empregara todos os esforços. Fez cacifres ás escondidas e, ainda a manhã vinha longe, já os tinha armados. De vez em quando passava-lhes uma revista; mas nunca encontrou o pintarroxo desejado.

De combinação com a sua noiva elle fez muitas promessas a santos; mas a descrença veio com as desillusões. Chegaram a acreditar sériamente que o maldito, sabendo da sua importancia mundana, se obstinava em não apparecer, só para os atormentar. Julgaram, complexamente, todos os passaros uns desalmados e sem coração; a vontade do Barbante era comel-os.

O cura, vendo-o no pueril empenho de vigiar cacifres,

não pôde abafar uma expontanea exclamação. Disse risonho e surprehendido:

—Oh! quer ver o sr. Sebastião...

—O que, senhor...

—...que o Thomé anda a armar aos pintarroxos?— concluiu.

Levantou-se o velho sobre os calcanhares, dirigindo a vista á imitação do Carvalhosa. Porém como os seus olhos amortecidos não levassem longe, voltou a assentar-se dizendo baixinho estas palavras que denunciavam o seu fundo remorso:

—Coitado do rapaz! ora coitado do rapaz.

E o cura com um riso melancolico interrogava-se:

—E esta?! Ora... ora... ora...

Mas logo em seguida sentiram a costumada gritaria das creanças.

—É melro!—affirma o velho.—É sempre aquillo, senhor cura, quando caçam algum.

Elles, logo ao chegarem, dirigiram-se ao octogenario, prescindindo, n'este momento de expansibilidades, de respeitos para o sacerdote:

—Quer ver, tio Bastião, que bonito pintarroxo?! Tem uma fita vermelha ao pescoço.

Disse o Carvalhosa, n'uma curiosa suspensão, e com sinceridade ingenua:

—É a pomba que voltou á sua arca, meu amigo. Deus a quem promette...

—Não falta, senhor, não—conclue o velho, com um bom riso franco.

A alegria, que entrou em todos os corações, era da que revela as serenas felicidades invejaveis. Desde o cura e do octogenario, até á mais pequenina das creanças, não esquecendo Thomé e Clara, que tambem ali

se achavam, todos apresentavam o zig-zag da satisfação animada. Não será facil synthetisar em palavras, a côr, a linha, o movimento—a vida do quadro. Misturae, meus senhores, o prazer, o riso, o contentamento nas proporções que desejardes, e tereis, talvez, uma ideia perfeitissima.

Havia lagrimas nos olhos de Clara, pallidez boçal no rosto de Thomé, o padre Clemente affirmava casal-os brevemente e o velho Sebastião dizia tolices, fazendo largos promettimentos. Á vista do caso, as creanças desandaram, ás cabriolas, na diagonal da eira.

Os noivos conservaram o pintarroxo. Este caso tem com o da biblia a estreita similhança apontada pelo cura.

O velho Sebastião, completou o parallelo com o patriarcha Noé, quando no jantar da boda,

«*Bibensque vinum enebriatus est*»,

e dormiu dose horas seguidas sem lhe acontecer *a outra* fragilidade de comprometter a decencia, ficando

... *nudatus in tabernaculo suo.*

(GENESIS CAP. IX v. 21.)

# O CANTO DO GALLO

(A A. PIMENTA)

*Et continuo gallus cantavit.*
S. MATHEUS.

Tudo ridente e animador! Era para nós o dia das fantasias travessas, das canções hespanholas e do appetite insaciavel. A natureza-mãe infiltrava-nos deleites estremecedores, com seus elixires diabolicos. Dilatavamos o espirito, conversando verbosamente. O nosso corpo, em suave amplitude, estava para vencer distancias inglezas. Eu, principalmente, sentia-me abeberado em desejos, quando o meu famoso companheiro me fallava do succulento jantar, em casa de sua tia. As especialidades venatorias já eram o menos—eu, do que me lembrava era do jantar.

O sol, o pontual madrugador, levantava-se do seu leito de penedias, cruel e sarcastico, na petulancia do seu olhar insupportavel. Convencidos da nossa boa estrella, e desejosos de bom ar, respiravamos soffregamente.

Passadas horas, descobrimos o testada do nosso paraiso desejado. Era uma casa antiga, sem architectura caracteristica, respeitavel como senhora velha que não passára por castellã gentil. No telhado, algumas pombas, mordiam-se amorosamente, espanejando as lustrosas pennas, em lubricos requebros, por entre as hervas damninhas, que formavam uma cabelleira á vetusta morada, que apparecia escura e suavemente triste, por entre as ramagens das arvores frutiferas do pomar, e em concordancia com o melancolico e sombrio do monte, que lá no fundo se levantava com semblante severo. Esta casa parecia uma d'aquellas capellas armadas com ramos verdes e muitas flôres e hervas para festejar o popular Baptista.

Só duas janellas é que tinham o moderno conforto da vidraça. As outras, severas e reprehensivas, conservavam-se na antiga simplicidade, com as suas grossas portas de carvalho. A um lado da frontaria, trepava caprichosamente uma videira para engrinaldar as columnatas de uma varanda; em symetria com ella levantava-se um limoeiro, que tenazmente se amar,rava ás saliencias da parede, para esconder traiçoeiramente todas as cobras de qualquer ninhada.

Certamente que, alli dentro d'aquellas paredes, a vida não era agitada, nem mundana—tudo indicava exteriormente, que lá havia uma paz somnolenta e um silencio combinado.

Quando nos aproximavamos da porta da cosinha, absorvendo soffregamente, com as ventas muito dilatadas, os vapores culinarios, presentimos, aterradamente, uma ralhação levantada entre a tia Clementina e a criadas.

Estas primeiras nuvens fizeram escurecer os nossos vivos corações.

—Máu, meu amigo!—diz o meu companheiro, carregando o sobr'olho.—Vae torta, temos sermão!

—Pessimo!—considerei aterrado.—E talvez que isto faça demorar o jantar. Averiguemos, meu caro, averiguemos.

Averiguámos que a melhor gallinha, uma gallinha preta, que, pondo á razão de sete ovos na semana, symbolisava uma riqueza, desapparecera, havendo signaes positivos de que fora victima de ultrages raposinos.

Serenámos a inconsolavel senhora, affirmando aprumadamente, com muita resolução, como bons caçadores, que o damninho animal não resistiria ás nossas descargas.

—Os dias d'essa infame estão contados, tia Clementina. Deixe-a por nossa conta. Ella saberá o peso ao chumbo.

Isto diziamos nós com jactancia garbosa; e não se poderia duvidar da palavra de caçadores porque sempre foi palavra honrada. A excellente velhinha acreditou sinceramente n'estas empertigadas affirmações. O caso não era para menos. Ella nada sabia do Barão de Munchhausen.

D. Clementina era uma bondosa senhora e um magnanimo coração! D'aquillo ha muito pouco por esse mundo. Tinha uma figura magra e alta como deve ser a da castidade. Tinha olhar bondoso e maneiras suaves. O preço dos favores augmentava-o ella pela agradavel franqueza com que os fazia.

Para nós tinha cuidados extremosos de mãe. Mal nos viu, perguntou desassocegada e repetindo-o muitas vezes, se traziamos os pés humidos do orvalho e se queriamos vinho para não apanharmos alguma constipação.

Nós tambem lhe pagavamos tanta bondade e solicitude com o nosso aspecto pronunciadamente guerreiro.

Foi-lhe a nossa presença uma grande consolação e um grande animo em dia tão aziago.

Porque uma coisa é vel-o e outra ouvil-o. Nós tinhamos muito aprumo e não se poderia duvidar de que eramos para um exercito de raposas. Nas palavras energicas mostravamos coragem e firmeza. O que nós pediamos encarecidamente no fim do jantar com muitas palavras e muitos gestos, era que nol-a mostrassem— a infame raposa!

Dizia o meu companheiro, cheio de raiva e com os punhos cerrados:

—Ah! que se nós a vemos...

—Não tem duvida—tornava-lhe eu.—Esperamos o inimigo nas muralhas, aqui dentro de casa, á janella. Se fôr tão covarde que recuse, abriremos com elle em campo descoberto.

—Seja. Esperemos nas muralhas. Cairá no logar do delicto. Desgraçada raposa, com quem te metteste! Não se te aproveitará um pello, digo-t'o eu.

E gesticulava amplamente:

—Levaste a melhor gallinha da tia Clementina, traiçoeiro animal? Pois bem; morrerás—affirmava eu com a mão em gume.

—E olhae, meninos,—insinuava a bondosa senhora, —é tão desavergonhada que vem de dia. Não fazeis uma ideia. É mesmo ás escancaras. Hontem, se não chamo as criadas, era na minha cara. Uma coisa assim! Não tem mesmo respeito nenhum á gente. Eu nunca vi uma desavergonhada como esta!

—Pois esteja certa d'isto, minha tia—confirmava o meu amigo.—Não sairemos d'aqui sem que o feroz animal caia a nossos pés. Se ella apparece, muito temos que rir.

E eu então apopletico de raiva voltava-me para os campos, dizendo:

—Pois tu, infame raposa, não respeitaste a tia Clementina?! Tu ignoras que nós existimos!

—Havemos de lhe acabar com a casta. Não escapará uma raposa.

—E hoje que levou a melhor da capoeira,—lastimava a desditosa senhora—Era uma gallinha como um perú. Cada ovo, que era uma admiração. Já não acontecia isto se tivesseis vindo hontem.

—Não tem duvida, minha tia. Ella voltará... Ha-de-se-lhe seccar a pelle ao fumeiro. Pode ter a certeza d'isto.

E depois ouvimos a historia da assassinada, que, segundo a narrativa, viera, por arrematação, de Santo Antonio.

A tia Clementina era uma perdida por aves domesticas. Gostosamente se occupava em lhes dar comida, em lhes recolher os ovos, em as lançar, quando era tempo. Pelas gallinhas confessava extremos que não tinha pelos gallos, nem pelos perús, nem pelos patos. Conversava com ellas, ameigando-as umas vezes; e, quando prejudicavam as sementeiras esgaravatando na do cebolinho ou no couval, reprehendi-as severamente.

Diante da tia Clementina não se podia levar uma ao sacrificio da panela; porque ella exigia que a não matassem á sua vista.

Não comia gallinha nem por doença; ainda que a todas as pessoas que se lhe queixavam de fraquesa, aconselhava sempre, como remedio provado, comer uma gallinha gorda.

Tambem estimava os gallos, mas não os particularisava. Achava-os pimpões, farçantes e ridiculos. Defendia opinião accentuadamente contraria á de Mery, que deprime a fêmea para levantar o companheiro acima de todos os animaes conhecidos, não consentindo que se lhe compare sequer o leão. Entende elle que a belleza, a graça, a força, a corajem, todas as virtudes galantes, só este cantor popular as possue e em gráu que nin-

guem lh'as poderá questionar vantajosamente. Uma das tres coisas que o dominador dos bosques teme, mais talvez que o rugido do mar e a vista da serpente, é o canto do gallo. Mery, na sua fanatica idolatria, melindra-se assignando-lhe o titulo de *leão das aves*, indicado pelo naturalista Saavers. D. Clementina estava n'um estado de espirito contrario ao do risonho marselhez. Muitas vezes exprimia as suas convicções d'este modo:

—Ellas dão os ovos, menino, ellas tiram os pintos e criam-nos, ellas não estragam os telhados, esgaravatam para comer e são mansas que parecem cordeiros.

Dizia mais:

—E uma panela sem gallinha?! Tu nunca vistes medico que mande n'uma doença matar um gallo. Ellas tem a carne mais tenra e são mais gordas. Quando por ahi vem o gavião, o gallo não faz senão barulho. É um espantado. Principia... cócarácá... cócarácá... e mais nada. A gallinha recolhe os filhos debaixo das azas. Aquillo só lhes falta fallar; são amoraveis que parecem christãos.

E depois de enxotar um gallo com um gesto desdenhoso, concluia:

—A unica coisa bôa que *elles* tem é acordar de manhã estas preguiçosas, que ás vezes é uma matação para se levantarem.

Referia-se ás criadas.

Eu então, armando-me de perspicacia argumentadora, contestava:

—Esse merecimento é para mim o somenos valioso. N'esse ponto, em que se encontra com Mery, o apologista do gallo, eu separo-me de ambos. Por essa qualidade é um denunciante de faltas alheias, um fanfarrão, um despertador inconveniente. Lembra-se a tia Clementina de quem denunciou á consciencia de Pedro uma innocente culpa que elle chorou amargamente? Foi o gallo. Pedro caiu em fragilidade com tanta innocencia, que não

se lembraria de que peccára se o gallo não tivesse cantado.

—Não sei d'isso. Como vossês sabem todas essas coisas é que me admira. A gallinha sempre é a gallinha. Se não é pelo cantar, não entendo como acham melhor o gallo.

—Tem outros merecimentos, minha senhora. É um artista, alegre e valente. Tem pronunciadamente os grandes dotes da juventude. É um luctador decidido. A pugna entre dois gallos, quando incarniçadamente defendem os seus brios, é magnifica. É a luta mais gigante, mais porfiada, mais logica e digna de admiração de todas as que se podem presenciar. Aqui não se encontram as pequenas manhas com que se encobrem as fraquezas. Não ha as guardas como na esgrima, nem a traição como na facada. É briga peito a peito, bico a bico, golpe por golpe, até cairem prostrados.

—Ora, menino, deixa-te d'essas coisas—interrompeu com ar incredulo.—Vê se me arranjas gallos sem gallinhas...

E a verdade é que eu não podia arranjar. Era a questão do ovo e da gallinha, em que se perguntava qual tinha nascido primeiro, mas apresentada d'um modo claro e ingenuo.

O dia variou rapidamente, como varia a alma do homem. Tivera um começo de esplendida luz, porém depois algumas nuvens se foram encastellando. Ao fim de jantar affirmava-se que haveria chuva e até muita chuva.

O aspero canto dos pardaes, revoando em grandes caravanas para as arvores frondosas, predizia um forte chuveiro. A grimpa da torre tinha-se voltado decididamente para o norte. O sul batia com força na testada das janellas e todos contavamos com a fogueira da tarde. As gallinhas, como velhas beatas, dirigiam-se preguiçosamente, duas a duas, para a capoeira. O gallo,

sempre vigilante e esperto, acompanhava-as até á entrada. Prognosticavam noite tempestuosa occultando, ainda com dia, a cabeça sob a aza para dormirem n'um pé só. A crista roxa e as pennas brandamente irriçadas tambem annunciavam grande trovoada chuvosa e muito sul.

E na verdade, logo depois do jantar ouvia-se ao longe, um impertinente reholar de sons pelo declive dos montes. Entristeceu-nos esta rapida mudança. A conversa foi decaindo e entrámos num silencio morno — era o bom periodo da immobilidade digestiva.

Como os trovões assustavam a tia Clementina, que os julgava castigos do ceu, logo que sentiu aproximar-se o ennovelar de sons caracteristicos, foi para o oratorio com as criadas. O meu companheiro assentou que dormir um nadita não era máu. Eu fiquei na varanda recostado commodamente n'uma cadeira. Se Nosso Senhor não levasse d'ali a trovoada, nós tinhamos que ir fazer côro nas orações com as criadas e a tia do meu amigo. Disto fomos prevenidos por ella mesma, quando ia para a oração.

A tarde, com o seu pardacento, influiu poderosamente no meu espirito e na minha digestão. O meu semblante devia apresentar-se pouco animado e até embrutecido—dos angulos das minhas palpebras meio cerradas, sabiam-me umas rugas designativas de tristesa bronca. Nas commissuras labiaes prendiam-se-me umas linhas, de melancholia amarga, d'um curioso desdem *voltairiano*. Sentia a cabeça pesada, como se me tivessem posto um capacete romano. Entrava n'um d'esses momentos de felicidade vegetativa em que o homem é todo natureza.

Não estava no exterior analysando miudamente o que me cercava. Não estava tambem no interior decompondo-me como Descartes ou censurando-me como Judas

quando ia para a figueira tradicional. Andava n'um mundo intermedio, que nem é o do *ar* nem o do *espirito*. Não digo se era *eu*, se era o *outro*, quem tinha o governo; ambos desgovernavam, segundo me parece.

Principiei remexendo em muitas cousas. Ideias desencontradas e muito diversas me perpassavam no espirito. Faltava-me persistencia para desfazer pensamentos, e andáva como a folha secca, que, impellida pela ventania, esvoaça nas correntes incertas, e vae cahir em qualquer parte. Lembrava successivamente cousas contrarias. O riso de Rabellais misturava-se-me no espirito com a longa cadencia lamartiniana da ilha de Procida.

Pensei na immortalidade da alma, nas descargas electricas que produzem o raio e no modo como se explica o estampido do trovão. A piedade da tia Clementina e a caça da raposa não me esqueciam. E como vira o sinistro fogo azul do relampago, questionei commigo a existencia do inferno, segundo a versão catholica.

Ao mesmo passo seguia os vertiginosos movimentos das folhas dos carvalhos; descobria na parede famosas caras de velhos guerreiros; assistia a luctas portentosas de animaes; figurava quadros phantasiosos e lugubres como os de Edgar Poe. Desenhei mentalmente os magestaticos prophetas da Biblia, acordados por Sanzio, para logo os substituir pelos magros personagens de Gavarni e pelas situações humoristicas de Bertall.

Em frente de mim abria-se um espaço indefinido, immenso e insondavel! Eu estava quasi a dormir de olhos abertos. Durante este periodo somnolento de digestão, o meu espirito fluctuava sobre o meu cerebro.

Neste entretanto o feroz inimigo das gallinhas preparava ousadamente um assalto.

Vi-lhe perfeitamente apparecer por de sobre o muro a cabeça intelligente. Mostrou primeiro o focinho. Com as orelhas rijas e repuxadas para diante recolhia todos

os pequenos ruidos. Com os olhos fixos e penetrantes examinava attenciosamente o quintal, movendo a cabeça a proposito d'um modo conveniente. Alongava o pescoço para levar mais proximo o exame. O dorso rectilineo terminava pela cauda estendida horisontalmente.

Estava n'uma posição de sagacidade attenciosa. Os musculos conservavam-se n'um estado de rigidez propria. Todo o quintal foi examinado com escrupulo d'um modo cuidadoso; mas a minha insignificancia passou-lhe despercebida.

Foi avultando em todo o corpo e então vi que era um animal como um pequeno cão de coelhos. Tinha olho vivo e agudo; o focinho era comprido e penetrante; cabeça larga, leonina; a bocca rasgada como a do lobo; a lingua vermelha, cardinalicia; o pello era luzidio e d'um amarello côr de madeira; o corpo e a cauda extensos, muito esguios.

Saltou no quintal fazendo tão pouca bulha como se fôra uma folha secca. N'este momento agachou-se; parecia querer encobrir-se com a relva.

Depois andou, com movimentos de habilidade e precaução—media cuidadosamente todas as passadas.

Ao mesmo tempo que indagava com o olho afogueado, recolhia nas orelhas os sons que podiam denunciar algum inimigo. Porém o vento, juntando todos os ruidos e confundindo-os, tirava-lhe o valor d'este sentido.

Eu notava-lhe os reconditos medos do intrigante, que vae collar o ouvido na fechadura para denunciar um segredo. Ás vezes similhava tambem, nas pausas systematicas e nas ondulações serpentinas, o assassino covarde que vae ferir alguem pelas costas. Adelgaçava-se no corpo como a doninha, quando pretende passar um buraco estreito. Usava das finas manhas do *pick-poket* que procura roubar o annel de milord.

Em certos momentos abaixava o ventre sobre a terra, estendia as mãos para diante e pousava o focinho sobre ellas. Parecia resolver uma difficuldade; mas lo-

go em seguida levantava-se docemente, alongava o pescoço, tornava a aguçar as orelhas e apurava a vista.

A passos miudos, como se estivesse dorida dos pés, é que se adiantava.

Eu seguia todas estas miudezas com uma curiosidade nervosa, sem me lembrar de que tinha á vista aquella a quem tinha jurado morte cruel.

Via-lhe os dentes brancos e a lingua purpurina humedecendo os labios; mas estava tão subjugado que insensivelmente lhe imitava os graciosos *tics*, arreganhando tambem os dentes, lambendo os beiços e dando geitos particulares ao corpo, sempre em concordancia com os movimentos da rapoza.

Afinal, já era pequena a distancia que a separava da capoeira e então principiou a andar mais apressadamente.

Não sei o que se passava na familia gallinácea porque não via as innocentes *pennosas*. O gallo, porém, veiu á porta no momento solemne em que o perigo se aproximava.

A raposa mostrou-lhe os dentes e a lingua d'um modo sarcastico e feroz.

O *chevalier-galant*, como lhe chama o biographo Mery, vinha muito diverso do que se mostra ordinariamente. As pennas do pescoço, irriçadas, denotavam profunda colera, como observa o naturalista Darwin. Perpendiculares como setas, refulgentes, porque eram vermelhas e envolvendo uma crista congestionada, exprimiam raiva concentrada e apopletica.

O seu bico, arma terrivel, similhava a prompta lança dos antigos cavalleiros. No modo guerreiro, era magestoso e imponente.

Não ha duvida de que vinha dar um grande exemplo de abnegação, protegendo até ao sacrificio as que lhe tinham sido confiadas.

Trocára a notoria garridice de farçante de que o al-

cunham pela altivez do combatente. N'aquelle momento pareceu-me descobrir-lhe a tristeza desesperada do homem, que envelhece por motivo d'uma violenta impressão.

Pela minha parte ia, como automato curioso, apontando os principios da lucta. O gallo presistia na intenção de se oppôr, quando a raposa presistia na de atacar. Ella retesou a cauda, estendeu o ventre, espetou o pello do lombo, mostrou os dentes... e saltou. O defensor, habilidoso e presto, furtou o corpo, despedindo ao mesmo tempo um grito aspero e selvagem.

Com isto estremeci e despertei. Com desespero e enthusiamo gritei e, indo buscar a espingarda, quando vim com ella já a infame tinha fugido covardemente.

Oh! como eu fiquei repassado de colera!

E ella de longe ainda me mostrou os dentes com modo sarcastico. Era quasi uma provocação que me fazia, um repto que eu acceitava.

D. Clementina, depois que lhe contei miudamente este successo, explicou a minha casual intercurrencia, como inspiração vinda do alto, fomentada pelas suas rezas.

E dizia com uma voz desconsolada:

— Ora vejam que desavergonhada esta. Nem o dia lhe dá temor nem medo. Valha-me a Mãi Santissima Nossa Senhora, que nunca a gente está livre de canceiras. Seja tudo em desconto das minhas culpas e peccados. Foi por Santo Antonio estares aqui, menino. Quero que lhe rezem tres padre-nossos e tres ave-marias em acção de graças.

Nós asseveravamos com grande intimativa:

—Agora é que pode estar certa de que não volta; mas se vier, a coisa será fallada. Hade saber-lhe a brincadeira ao alho. Nós dormimos de arma á cabeceira e

ella que se atreva... A tia Clementina ainda não viu nada...

Nos tres dias subsequentes a chuva caiu desapiedadamente. Vivemos resignados a conversar em cousas pacificas, moderadamente, e com muita compostura, como se fossemos dois ambiciosos armando laços a uma herança. Uma vez por outra, tambem verberavamos com palavras energicas o damninho animal que veio alterar o socego respeitavel d'esta casa. Um dos divertimentos que melhores momentos nos prodigalisou foi o trabalhar em gaitas que nos serviam para imitar os passaros conterraneos.

Durante este tempo a raposa não appareceu. Um homem n'uma casa sempre é um respeito. Nós que éramos dois, mais valiamos que um só.

O valente gallo emplumava-se com galhardia, cantarolando sonoramente e passando revista ás fortificações. No cantar fresco e metalico annunciava grande resolução e coragem.

E o que é certo é que todo aquelle signal de respeito devia ser attribuido á fama das nossas pontarias. A tia do meu amigo acreditava-o cegamente.

A tarde do terceiro dia viu-nos com olhos mais alegres. Houve um sol de alegria, e as nuvens eram acossadas acintosamente por um norte secco.

Com alguma resistencia da parte da bondosa senhora designámos o dia seguinte para nos irmos embora. A sr.ª D. Clementina oppunha-se, dizendo:

—Se vós ides, lá se me vão as gallinhas. Não ter um homem em casa, é uma falta muito grande.

O meu amigo affirmava-lhe:

—Olhe, tia Clementina, nós vamos de manhã muito cedo. A raposa não o sabe, e, como nos suppõe aqui, não voltará com certeza.

—Estás enganado, menino. É fina como um alho. Aquillo parece que adivinha.

—Mande todas as noites fechar a capoeira com uma

pedra — aconselhava eu. — Ella assim não pode entrar.

—E lembras muito bem. Hade-se fechar a capoeira com uma pedra.

E depois accrescentou desconsoladamente:

—Ora... mas com estas criadas que se hade fazer? Por mais que se lhes pregue é só moer a paciencia.

E considerou ainda:

—Não ha remedio senão tomar um criado outra vez. Uma casa sem um homem não é nada. Mas n'uma casa de mulheres... isto de criados e criadas...

E ficou a olhar pensativamente para o chão.

Depois da ceia fomo-nos deitar.

Estava muito frio e ficámos invejosamente acobertados para lhe resistir. Beneficiados com o suavissimo torpor, que desce sobre os corpos fatigados, sobre as almas sem culpa, e sobre os conversadores narcoticos, adormecemos.

De manhã, quando o dia é roxo, o som duvidoso e o ar frio, eu que estava na modorra saborosa do ultimo somno, questionando interiormente para me levantar, ouvi o canto do gallo denunciando uma grande afflicção.

Não era a voz vibrante, sonora e fresca, com que elle costuma acordar os camponezes para o trabalho. Não era a do galanteador, amorosa e trémula, que o meu estimado Mery garganteava caprichosamente, o que era o desespero de todos os gallos parisienses e a admiração e enlevo de M.me de Girardin.

Foi antes um som curto, alto, agudo—voz desesperada de situação affiictiva. Eram uns gritos selvagens, intermittentes, offensivos, cortados, como já lh'os tinha ouvido em situação de aperto n'aquella tarde em que a raposa o atacou.

Quando ouvi isto senti a desagradavel impressão de um banho russo: acordei na plena consciencia da gravidade do caso. Era realmente certo que o famigerado

salteador, mais uma vez, punha em risco de assalto a capoeira da tia Clementina!

Despertando o meu companheiro, vestimo-nos á pressa e sahimos armados até aos dentes. A tia Clementina e as criadas tambem vinham confusamente, n'um grande desalinho, como quem presente um perigo, um fogo, por exemplo.

E n'este momento é que me lembrei de que n'uma situação apertada trez vezes cantou o gallo de Caifaz.

Devia ter sido um combate porfiado. Teve o ar sinistro das batalhas modernas: rapido e cruel. A julgar pelos cadaveres, foi uma luta de gigantes. As lagrimas, não sei se de desespero se de contentamento, saltavam dos olhos da bondosa senhora que tanto estimava as gallinhas.

Estava removida a pedra da entrada. As aves todas mortas e algumas despedaçadas. Nem uma só viva. Mais de doze tinham sido immoladas á voracidade impudica do feroz animal.

O valente defensor, o donairoso gallo, foi talvez o primeiro que morreu; porque só as pennas lhe reconhecemos.

Ao ver isto, as minhas faces enrubesciam de vergonha! Não respeitár a nossa presença! Desmentir as nossas jactancias vistosas! Nunca tão ferozmente desejei saborear sangue fresco. Sentia uma vontade diabolica de commetter um crime. Ter um motivo de enraivecer, era todo o meu desejo. Como eu appetecia um momento de loucura furiosa! Queria morder nos punhos, dar murros na cabeça, espernear como uma gallinha moribunda, e pôr toda aquella gente em sustos.

Porém nada! Eu não enlouquecia, não enraivecia, não estava com disposições de crime, não tinha sangue de raposa para beber. Restava-me ser pacifico espectador d'aquella scena triste e desconsoladora!

# O CASO DE MANOEL D'OEIDO

## I

O meu barbeiro não é o de Sevilha, não tem as saidas e momentos de Figaro, faltam-lhe gentilesas e travessuras, e não foi poeta na côrte.—Zé Maximo é um bonacheirão com algumas espertesas.

Sendo gordo e abacial, caia-lhe a barriga na suave curva dos velhos tempos. O seu famoso nariz vermelho e grande, á Bergerac, não o tornou celebre, como a este nobre poeta que se chamava Cyrano. Era um nariz grosso na extremidade, formado d'uma substancia molle, pastosa e com uma grande quantidade de verrugas salientes. Esta esquisitice anatomica, dominando com soberania uma face gorda e espessa, parecia uma pequena papoula doente espetada n'uma cabaça. Zé Maximo usava a sua barba, como todos os da juncta de parochia e como todas as pessoas de labio grosso e auctoritario: era uma barba grossa e rebelde, que nos dias solemnes elle subjugava n'um farto colleirinho en-

*esses senhores* não fazem outra cousa. É imposto sobre imposto e não querem saber de rasões.

Um dos ouvintes responde sinceramente:

—D'isso não me importa, o que nós não queremos são mais decimas.

—Venham outra vez os dizimos, que estamos melhor.

E outro observa recordando-se:

—Ainda me lembro do tio Joaquim da Santa, que os andava recebendo com um sacco ás costas!...

—Era no tempo dos frades. Isso é que era tempo!—recordam tristemente os mais velhos.

Zé Maximo, com as costas para o golpeado, volve n'um tom zombeteiro:

—Boa asneira! Ora não sejam tapados. Imposto e decima é tudo um, homens da breca.

—Não é tal—contestam uns poucos.

—E'—affirma o barbeiro desdenhoso e convincente. A quem o vem dizer!? A mim que leio os papeis tres vezes? Mettam-se com a enxada, que d'estas cousas de politica não pescam.

—Pois hei de perguntar ao senhor cura—diz um. —Ó Simão pergunta lá ao senhor cura, sim?

—Não tem que perguntar. E' o que eu lhes digo.

O Agrella appareceu no limiar da porta e cortou rapidamente com estas palavras:

—O que é que dizes tu, Zé Maximo? Hade ser asneira! oh! se hade! Quando abres a bocca...

—Ahi vem com as suas *aquellas*. A gente cá falla sério.

—Não te me faças chibante. Tu entenderás de barbas, no resto és um asno como eu. Avia-te que não tarda a missa. Mas afia-me essa navalha, que a cara da gente não é cepo de marchante.

E n'este momento o Simão do cura interrompeu a leitura do *Bracharense*, para dizer:

—Quérem ouvir?
—O quê, Simão?—voltaram-se alguns curiosamente.
—Vem aqui na gazeta o caso do tio Manoel do Eido.
—Ora lê, home—disseram muitos.
Leu:

*Phantasmas*—Dizem-nos que n'uma freguezia do concelho de... tem apparecido dois, que tem levado grande susto ás almas simples dos habitantes. Queira Deus que não sejam alguns ladrões, que usem d'este estratagema para conseguirem os seus fins.»

Esta local, d'uma simplicidade democratica e d'um juizo previdente, dando como ladrões dois phantasmas que traziam alterados os espiritos da aldeia, repugnou profundamente aos que a ouviram. Cada um se armou de gestos aggressivos e potentes, para se explicar; sentia-se uma grande confusão de vozes e palavras— o vossear das infimas sedicções, como diria cheio de elegancia e fortalesa realenga um certo orador que eu conheço. Por fim, vieram-se a entender palavras:

—Qual ladrão, nem meio ladrão? aquillo é do outro mundo.

—Ora esses fidalgos... de não sei de que diga,... que escrevem essas cousas e não acreditam nos mandamentos da lei de Deus!

Um disse com um grande desleixo superior:

—Vae tudo perdido. Nem religião nem nada!...

E o da Regueira, que tinha visto os phantasmas, intervem com um rapido gesto cortante:

—Eu só queria que esse amigo que ali pôz essas cousas na gazeta, que passasse no Eido ahi pela meia noute!... Eu te affianço que *as* não levava limpas p'ra casa.

Mas Zé Maximo, que era homem de vistas largas e acreditava cegamente nas gazetas, interrompeu com voz auctoritaria:

já eram velhos e tinham estado no cerco do Porto, affendidos pela falta de patriotismo de Zé Maximo, intervieram. Um, o mais velho, e que tinha sido ferido tres vezes, disse:

—O que é? O que dizes tu, ó meu asno! Reino pequeno! Reino pequeno Portugal?! Isso tó rola. Portugal é muito grande.

—É o *Commercio* que o diz. Vossês nunca viram mundo. O mundo tem muita somma de mil leguas.

—Isto parece um figurão que veio d'algures—aponta o Agrella para o barbeiro.—Ora que não hasde perder essas toleimas!

Zé Maximo, cheio de iras até a garganta, torna-lhe roucamente:

—Senhor Agrella, tenho dito. A casa d'uma pessoa é sua.

N'este momento uma voz, bem timbrada e modesta, fallou da porta.

—Homens, vossês parece que se matam uns aos outros. Eu julgava que tinhamos alguma revolução.

Todos se descobriram e houve uma rapida serenidade. O Agrella é que respondeu:

—Isto é a fallar, senhor cura. Cousas com este Zé Maximo, que anda sempre a ler as gazetas. V. S.ª não lhas deve emprestar, que elle treslê, senhor.

—Assim todos as soubessem lêr.—responde o cura com rosto bondoso.

—Eu cá, senhor, já estou burro velho—responde:

—E o Simão não está por ahi?

E ao vel-o, completou:

—Vamos lá, que são horas de missa. Levaste o vinho?

—Sim, senhor—responde o creado.

—Então vem d'ahi que é preciso ajudares.

E depois, voltando-se para os freguezes, completou:

—Venham, que não posso esperar muito por vossês.

Estiveram á palestra e não fizeram a barba; pois agora venham mesmo assim.

N'este momento tocava a segunda vez á missa. O cura ainda disse:

—E vou logo mandar tocar a terceira. Tenho hoje pressa, que vou para fóra.

## II

Para Manoel do Eido, foi a semana fatal de Balzac, aquella em que lhe morreu a mulher. Com esta grande infelicidade vieram outras—Ha uma sympathia inexplicavel, entre os máus successos, porque vem muitas vezes de infiada. Os arabes costumam chamar *bemdita* a infelicidade que vem só.

N'este caso, para explicarem todos os successos, as pessôas mais circumspectas, traziam a funesta influencia, que um *cometa*, apparecido n'esse anno no horisonto da aldeia, podia exercer.

Quem não acreditará no triste prenuncio d'este cycophanta, que annunciou a morte d'Augusto e outras calamidades celebres?!

Quantas vezes o homem o tem visto apparecer é para se lhe seguir a fome, a peste, a guerra ou — funerea cousa!—a morte de pessôa real.

Os lavradores vêem-no sempre cheios de intimo terror e antes desejariam diante dos olhos, estragando-lhe os seus campos, as sete vaccas magras de Pharaó!

N'esta occasião, porem, a chuva de fogo, prophetisada por essa luz, que tem em si o segredo dos terriveis successos, cahiu principalmente sobre Manoel do Eido. Como elle se arrependia, de não ter dado ouvidos sinceros ás palavras do padre Carvalhosa, quando elle o exhortava a fazer uma vida christã!...

Mas que poderia fazer este infeliz, se o diabo lhe estava no corpo? Elle talvez o não quizesse; mas o *inimigo*, conhecia-lhe o fraco... arrastava-o pelo coração, que é o calcanhar dos valentes. Em vez de executar as penitencias que lhe davam nas confissões, andava pelas feiras de taberna em taberna, cercado de amasias e de amigos, n'uma vida desgraçada, que, na opinião de espertos sacerdotes, o levaria com certesa ao inferno.

Ora o vicio é, na realidade, mais difficil de despegar que a virtude—prende-se bem á carne, nutre-se optimamente da substancia organica... Eu observo isto tão desconsoladamente, que ás vezes me chego a convencer, que o vicio é um facto natural e humano e a virtude uma violencia. Porque, a verdade é, que os viciosos, os mundanos, apresentam sempre uma grande ostentação corporal, um optimo riso de felicidade galhofeira, em quanto que os sublimes da Thebaida, que chegaram á mortificação do proprio corpo, eram uns magricelas, com um mediocre olhar doente, que cheiravam mesmo a bafio.

Mas a semana tinha sido fatal para Manoel do Eido; porque durante ella, lhe succederam os seus grandes infortunios.

Primeiramente morreram-lhe, n'um instante, atravessados por uma maldita dôr repentina, dando grandes mugidos lamentosos, a melhor junta de bois que elle tinha e até a melhor que havia na visinhança. Eram uns animaes vistosos, corpulentos como elephantes, ne-

deos como cosinheiros de convento e com umas grandes pontas retorcidas.

Depois estragaram-se-lhe todas as espigas que tinha no canastro. Foi durante umas tres noutes successivas de inverno despegado e borrascoso. Alagava-se tudo em agua, chegando muitos a affirmar, com um bom semblante admirado, que até os cães a bebiam de pé. Ficou muito damnificado o fructificar das arvores, que n'esse anno promettia ser abundante. Viam-se, com uma grande dôr d'alma, apodrecer sobre a terra humida as esperanças dos lavradores. Era uma grande calamidade, que esteve quasi a exigir uma procissão de penitencia. Todos perderam com este acontecimento; mas o do Eido é que principalmente foi prejudicado, porque as espigas que estavam nos seus canastros, appareceram todas estragadas, bolorentas, sem se poder aproveitar uma só.

E logo na sexta feira d'esta semana inclemente, succedeu que vindo Manoel de fora, cavalgando a sua egua a furta-passo, esteve para se afogar. Voltava elle d'uma feira, onde a beberronia tinha sido longa e questionada. Era talvez meia noute, quando o homem, com a cabeça avinhada, vinha macaqueando sobre o albardão.

N'um momento, sem saber porque, estremece, sente um estrondo como se lhe dessem com uma moca na cabeça, passa-lhe pelos olhos uma nuvem e, sem tempo para reflectir, sente-se chimpado na grossa corrente d'um ribeiro, d'onde sahiu vivo por um milagre, como toda a gente dizia.

Houve ainda, durante a semana, outros signaes que indicavam evidentemente um castigo celeste; mas no sabbado, como remate, é que succedeu o peor.

Cae repentinamente de cama a Alonsa com uma fatal *maligna*. A molestia, rompendo com grande violencia, não deu tempo a nada. Ainda veio o senhor cura, que vendo o caso serio, pediu immediatamente os soccorros da sciencia, mas tudo foi debalde; porque em me-

nos de treze horas, logo no primeiro accesso, Alonsa morreu!

E no momento de expirar, disseram que teve, no fim d'um forte delirio, uma grande illuminação no juizo, dizendo cousas taes, que muita gente que ouviu disse que parecia uma sancta a fallar. Pediu, com muitas palavras sensatas, um perdão geral das suas culpas e recommendou ao marido um futuro mais christão, para que salvasse a sua alma.

Manoel, penetrado da profunda violencia d'esta scena, verteu muitas lagrimas, com um soluçante choro de creança.

Depois d'isto principiou elle a sentir dentro do peito uma cousa que assimilhava a um novello, que o suffocava, que o fazia dar grandes *ais* expontaneos!.... Por esta comparação todos concordaram em que devia ser cousa má a roer-lhe as entranhas e que o homem precisava fazer sinceras confissões, dar muitas esmolas aos santos e cumprir resas e penitencias, em que estava em divida para com a divindade. Fez tudo isto, mas as resas e confissões tinham o valor dos para-raios—atrahiam a faisca. Manuel continuava a soffrer: ficava pasmado diante da comida, com uns grandes olhos fixos e mortiços e sem poder levar uma buxa ao estomago. Nem o vinho lhe prestava, o vinho que fôra a sua perdição e que o fizera um magnifico peccador.

Além d'isto passava muitas noites inteiras sem dormir, apresentando-se-lhe diante dos olhos quadros sombrios e carregados, que eram os factos da sua vida exageradamente deturpados pela falta de comparação e de realidade, durante a escuridade da noite. As suas faculdades tinham uma percepção doente e viam as culpas d'um modo atormentador.

O cerebro, com a sua impressionabilidade esquisita, apresentava-lhe n'um momento a morte como um termo benefico de seus dias e logo depois lh'a mostrava, como um castigo enorme.

E a final, quando uma restea de luz matutina, entrava indiscretamente pelas fendas da janella ou por entre as aberturas da telha vã de sua casa, vinha illuminar com a sua alegria infantil, um semblante macerado, d'onde se despediam as imagens sinistras da noite.

## III

Mas um facto, que se deu tempos depois, é que veio perturbar, ainda mais, o espirito do atribulado peccador.

Corria um verão de sêcca.

A cor dos campos não era o verde esperto e vivaz, entremeado de escuros; era o amarello resequido e doente, a côr do estiolamento mortal. As folhas do milho compridas, espalmadas, lenhosas e flexiveis, quando o orvalho em perolas buliçosas reflecte a luz solar, ou quando a agua da poça se vem embeber na terra; agora que fraco era o orvalho e não havia agua, enrolavam-se tristemente, e apontavam para o ceu. Apertadas nos dedos sentiam-se quebrar, estalavam de resequidas. E' que lhes faltava a brandura das cousas vivas; a seiva fecunda, não as repassava, nem amollecia.

Era triste, assombroso, e rasgava os seios d'alma o ver ir, assim para a morte, a novidade, que promettera. A gente sentia abater a terra sob os pés, como se estivesse minada pela toupeira. As lagrimas dos piedosos, apesar de sinceras, não davam para uma cotovia.

A chuva do ceu, ou o fio das nascentes, não vitalisava a natureza sequiosa e moribunda.

Todos relembravam com desespero e dôr o sanguinario cometa. Só elle, origem de desgraças, as podia trazer tamanhas.

Não apparece debalde! Todas as memorias o recordam como mensageiro implacavel. E' a expressão das iras celestes. Quando a espada chammejante do anjo exterminador tem que sahir da bainha, vem elle sarcasticamente vaticinal-o.

Pensou-se em pedir ao ceu misericordia e piedade. Um conselho de ecclesiasticos e de prudentes determinou fazer uma supplica á Senhora d'Abundancia, imagem, com bons motivos, catholicamente venerada. O programma, de antemão traçado, era d'uma procissão incarecteristica. Deram-lhe o nome de *cerco;* ainda que do cerco só tinha os altos pendões e os galhardos andores, faltando-lhe a cantoria alegre e festiva. A tristesa lacrimosa e o abatimento senil dos penitentes, antes a fariam julgar uma prece fervente de quem se vê subjugado pela influencia da adversidade. De mais na disposição e em todos os accidentes, parecia-se realmente com um cerco.

Abria o seguimento por uns homens com lenços atados na cabeça, caras de fera energia, peitos africanos e cerdosos, enquadrados nos folhos brancos da camisa de linho, e que, para sustentarem os seus pendões, faziam valorosos exercicios de força. Ondeava ao vento o panno de damasco vermelho, e a cruz, obedecendo ao colear incerto da vara, riscava no azul curvas caprichosas. Vencendo a resistencia do ar, o experimentado camponio supportava com denodo o peso do guião, em quanto que os companheiros, com meio riso invejoso, lhe chasqueavam a valentia.

Os andores são garridos e pittorescos. Têm a fórma

elegante e vistosa d'uma pyramide phantastica. São thronos ornamentados de pennas vermelhas, com innumero espelhos dispersos, nos quaes se vem reflectir os raios solares. De longe, podem tomal-os por creação do proprio cerebro embriagado. O effeito de surpresa é superior ao do famigerado assento de pedrarias do brilhante monarcha Nassr-ed-din.

Enchiam os vasios, as becas de cores vivas. Os confrades moviam-se docemente, compassadamente, n'uma grande distracção religiosa. Alguns pingos de cera, sem maldade sacudidos do brandão, foram salpicar a jaqueta de qualquer visinho, que, no momento, fez um picaresco gesto de colera.

No couce da procissão, o mulherio levantava a supplica clamorosa, que se ia apagar na immensidade dos abysmos celestes, depois de cortada pelas agulhas da penedia e de repercutida nos concavos da montanha.

Um troço de cleresia, acercando-se do andor festejado, formava a divisoria dos sexos. Os sacerdotes rouquejavam a ladainha, a que respondia o coro de profanos. No proprio suor das bentas frontes, iam ensopando seus lenços de paninho vermelho. E tanta era a copia do suor reçumado de suas amplas testas sagradas, que bem podemos comparar cada uma, ao rochedo tocado pela virtuosa vara.

Os penitentes, os julgados, no foro interior e no confissionario, negros criminosos, eram em numero. Carregavam os proprios hombros com ferros pesados, arrastavam grossas correntes com os pés cheios de sangue, sustentavam nos dentes elephantinos umas compridas espadas. Os rostos indignos iam cobertos.

Um d'estes era o Manuel do Eido. Não perdeu o instante da reconciliação celestial, e de certo não era dos que poupam as proprias carnes, disciplinando o visinho. Pelo contrario, elle dava no corpo tentador com energia frenetica, e soffria corajosamente o açoute d'um descuidado que o precedia.

pois que, segundo o Apostolo «*similis est fluctui maris, qui a vento movetur et circumfetur.*

Em toda a noute seguinte, o cerebro de Manoel, foi atormentado com visões terriveis. A solemnidade religiosa, com a sua imponencia melancolica, rasgara-lhe nas feridas.

Procurava debalde queda geitosa para dormir pacificamente; porem não conseguia chamar o benefico descanço. Na parede, aos pés, no tecto, no ar escuro, com os olhos fechados, com os olhos abertos... sempre quadros sombrios, sempre ideias antipathicas e perturbadoras. Todas as maguas que tinham atravessado os corações devotos, exhorando a misericordia celeste, elle recebeu no peito delinquente.

Burlescos personagens o ameaçavam com ardentes tenazes, e estalando risos mephistophelicos. Via-se perdido em escuros bosques, longos, sinistros, dantescos, onde se espalhavam as vozes infinitas do terror e onde se encontrava com todos os animaes, que popularmente significam a maldade, a infamia, a austucia e a traição—o lobo, a cobra, os ratos enormes e as raposas descommunaes; e com todos os que inspiram tristeza, repugnancia e medo—o mocho com seus pios, o sapo com a sua philosophia, a coruja com seus olhos magneticos.

Arripiavam-se-lhe as carnes ao ver do lobo os dentes vingadores; do rato, os movimentos subtis, nervosos, repelentes; do sapo, a bocca enorme, escancarada. Cahia no torpor animal dos moribundos, ouvindo os tristes e longos pios das aves agoureiras.

Com voz recondita e suffocada, chamou no meio d'esta febre o soccorro do ceu. Tomou-se de resolução, veio á janella, abriu os olhos para a noute e os polmões para o ar fresco.

A mudança foi benefica.

O movimento e a frialdade reduziam os limites das creações erradas. Sentia-se melhor; pois que lá estavam as estrellas para lhe dar o sentimento da realidade. As creações apocalypticas adelgaçavam-se, deixando o penoso sentimento de que tinham existido.

Na amplitude immensa espreguiçava-se vagarosamente a noute. Um traço de luz celeste, fêl-o estremecer, relembrando-lhe o cometa. Porém, o risco luminoso, sumiu-se no ceu escuro, e no espirito perturbado de Manuel só deixou a lembrança de que passara.

Esta luta contra o intangivel prostrara-o. Depois da fadiga, veio o somno desejado, ficando com a cabeça encostada na pedra fria da janella.

Não o logrou por muito tempo, porque os cães ladrando impetuosamente acordaram-no. Foi então que, com um grande sobresalto, viu uma figura estranha, que de candeia na mão, atravessava o quinteiro a largos passos, dirigindo-se para a porta da casa, onde principiou a bater impetuosamente. Era um homem em camisa. A fraca luz da candeia agitada pelo vento, não o deixava reconhecer. Os cães em breve se calaram.

— Santo nome de Jesus! — grita o doente fechando os olhos e cahindo de bruços sobre o enxergão.

Era este um dos phantasmas que provocou a cruel zombaria do periodico bracharense.

Nas povoações ruraes do Minho, entra-se, quasi sempre, nos dominios habitados por um lavrador, abrindo um portal, que se enquadra no muro, e logo é o quinteiro. O proprietario habita aristocraticamente, — bem que na tradicional simplicidade da velha Suissa — uma tosca morada d'um andar, com varanda rasgada na frente, para onde se sobe por uma escada de pedra. Os creados dormem no palheiro. Nas lojas d'este, estão os gados.

O tio Joaquim, creado de Manuel, e que já o fôra do pae, era homem velho e cuidadoso, amigo da casa, onde lhe tinham nascido os queixaes. Assim que ouvia o relinchar esfomeado da egua, vinha logo soccorrel-a, descendo pressurosamente á corte. Estendia a palhada na mangedoura, com movimentos peculiares e caracteristicos, calculando-os para enfofar a comida, avulumal-a, e fazel-a de melhor appetite cavallar.

Resentimentos de castigo immerecido, desespero pela tardança, ou finalmente o dianho da mosca, levaram o insensato quadrupede a carinhos extravagantes e menos extremosos para o seu amigo. N'um certo momento opportuno, que talvez fosse o psycologico, a traiçoeira besta abriu as queixadas famelicas, e entre ellas comprimiu descarinhosamente o braço bemfeitor. Se o offendido não tivera energia, habilidade e força, decerto que a gulodice impropria levaria a fataes consequencias. Porém, no caso presente, só teve que ver as estrellas no momento da crise, e que soffrer o curativo d'uma pisadura.

No corpo pacifico do camponio, com o desespero, desenvolveu-se a *fera*, e sem contemplações desancou a fueiro a ingrata.

Dorido e indignado, foi buscar no calor da cama alivios para a dor; porém, quando subia as escadas, viu alguma cousa que o aparvajou.

Era, na apparencia, um homem desconcertadamente vestido, com uma lumieira na mão. Estava sobre o telhado da casa, onde dormia Manuel e no ponto de maior risco.

O terror dominou o creado pelo assombro, o susto submergiu-o e não cuidando de averiguações, foi metter a cabeça entre as mantas, para se esquecer do caso. É este o segundo phantasma, que, tão viva significação, déra ao signal que nesse anno apparecera no ceu.

## IV

Ha muito quem não acredite em phantasmas. Chamam-lhes creações populares, fundamentadas em ideias supersticiosas; desprezam-nas sêccamente, sem reflexão e com o nobre riso dos espertos.

Tolice.

Os phantasmas existem. O que falta é a boa crença arreigada nestas entidades aerias, subtis, maravilhosas e divertidas. E, faltando a crença, não ha olhos para ver, porque ella é o grande olho do espirito para a verdade.

Se vossa excellencia—que me lê no tepido ambiente do seu quarto perfumado, para matar o tempo, este grande tyranno d'alegria—se vossa excellencia quizer ver phantasmas graciosos ou terriveis, cousas d'um mundo extraordinario, não tem mais do que acreditar. O seu espirito transparente, minha senhora, atravessado por essa luz, terá a segunda vista milagrosa, que nunca possuirão os incredulos.

E verá depois, minha senhora, que apparecem cousas más. Monstruoso e abominavel seria o contrario, pois que notaveis pensadores affirmam, que só pela

comprehensão do mal chegaremos á do bem; e senão houvesse nem bem nem mal o que seria de nós, miseros e mesquinhos!

O assombroso, o magnetico podem surprehender-nos! Nós somos deleitosamente felizes por acreditarmos no impossivel.

É sabido que a concorrencia de alvitres aprimora os casos imperfeitos; cinzela-os como estatuas, anima-os alegremente, dá-lhes movimento e significação.

No presente, o cometa, de tudo era culpado. Votavam-se todos os odios áquelle que fôra excommungado por Calisto III; que produzira o diluvio de Noé, segundo resa o sabio Whiston; e que trouxera tantas desventuras á freguezia pastoreada pelo padre Carvalhosa.

Os phantasmas eram seus immediatos, seus escravos e servidores, e explicavam todos os successos relativos a Manuel do Eido. Os que vou referir, simples na apparencia, mas na realidade significativos, não podiam deixar de ser obra d'uma potencia sobrenatural.

Certa manhã, a egua que, segundo todas as previsões, devia estar esmoendo a palhada na manjadoura, foi encontrada presa á argola do portal, arreada cuidadosamente, como para jornada.

Ninguem de casa a tinha albardado; mas os seus ilhaes feridos denunciavam que o animal fizera jornada, com violencia de esporadas. As ferraduras dianteiras, foram encontradas a meia legua de distancia, no adro da egreja da freguezia proxima.

Quem tinha aparelhado a besta, para fazer jornada, esporeando até ao sangue?!...

Tal reflexão vinha a todos os espiritos.

Nos seus temores reconditos, Manuel, para dormir, fechava-se de noite com precauções estudadas; porem as extravagancias succediam-se.

Umas vezes encontrava o dinheiro fóra do escaninho

da caixa, encastelado sobre a mesa. Não lh'o tinham roubado, divertiam-se em lhe mudar o poiso. Não era inimigo de carne e osso; devia ser algum incorporeo gracejador.

Outras vezes encontrava todo o vestuario da fallecida consorte, em desordem pela casa. Era offensivo o modo irreverente como tinham sido tractadas estas reliquias do passado. Aquillo só prepotencia d'um espirito vingador.

E ainda outras cousas se diziam, para certificar que as dignações do alto vinham particularmente contra este infeliz.

Era invisivel a intenção celeste; medir a grandeza do castigo pela grandeza dos crimes. Os conselhos da gente assisada votavam por francas promessas de missas, e isto, ainda que necessario fosse, vender a camisa do corpo.

Nem Zé Maximo, o primeiro entre os philosophos conterraneos, deixou de se convencer. Não ha livres pensadores em face dos successos importantes. A fraquesa humana reconhece-se nos momentos espinhosos. Outros de mais poder intellectual, se curvariam como Zé Maximo. Fossem ouvir as narrativas commentadas, e ficariam parvos para dois annos.

N'um dia, escanhoando o senhor Cerqueira, que lhe emprestava o *Commercio*, apostrophou o convertido:

—Pois que ha de ser aquillo, meu illustrissimo senhor? Eu não sou, como esse povo, rustico; não cômo balelas; mas quando vejo as cousas ás claras, não posso duvidar, meu illustrissimo senhor.

Ao que o ex-commerciante respondia com voz tremente e irresolucta sob a influencia do cutello famigerado.

—Deixa-te de carambolas, Zé Maximo. Não engulas tudo que te mettem na bocca. Olha que são carambolas arranjadas por esses padres.

—Não, meu illustrissimo senhor; não. Custa-me a

acreditar que sejam carambolas, como diz o senhor Cerqueira. Eu tenho uma religião, e carambolas é que não me pode entrar que sejam.

E no caminho de casa ia resmungando:

—Nada, senhor Cequeira; carambolas é que não são.

—Ora carambolas! Carambolas! isso não pode ser.

—Deixemo-nos de carambolas, meu illustrissimo senhor.

Porem, mens credulos amigos, os factos são o que são e não o que nós desejamos que sejam. Se, nem o *Bracharense* com as suas rasoaveis vistas policiaes, nem o senhor Cerqueira, tinham absolutamente razão, devemos comtndo confessar que eram justas as desconfianças que manifestavam.

O final d'estes acontecimentos singulares é desesperado, é de obrigar a roer nos punhos, com ferocidade agulina. Quando m'o affirmaram, quando—na ardencia d'um enthusiasmo nervoso, eu seguia as vibrações da opinião—me foi dicto, que devia renunciar aos dois phantasmas; o meu gosto, o meu prazer, o meu desejo... não o digo por causa da seriedade de tal resolução.

E devia renunciar. O *acaso*, o miseravel acaso, forneceu os meios de se chegar á insipida verdade. Este palhaço das ensosas comedias de cordel, o desmanchador dos prazeres ideaes, é que devia annuncial-o. Não se pode formar um castello caprichoso, enfeitado, chimerico... sem que o sacerdote da pasmaceira, não venha, esfregando os olhos como dorminhoco, desmanchal-o com uma sopradella de sachrista.

Principia-se a ver no horisonte um acontecimento novo, com risonhas apparencias de impossivel, com geitos para intrigar espertos...

A gente prepara a lente do espirito, limpa as facul-

dades de observação, não admitte outros divertimentos aos sentidos, embrulha-se no melhor cobertor, e começa a divagar e a gozar com mais realidade que o senhor de Maistre.

Vem um amigo, diz; vem o jornal, conta: vem creado, accrescenta. Nós assistimos ao nascer do caso, seguimol-o no crescimento, admiramol-o nas graças juvenis com que se vai enriquecendo. Estamos risonhos, satisfeitos, consolados. Achamos que o mundo á bello, e não nos arrependemos de ter nascido.

Pois bem, tudo isto se dá, tudo isto se concebe, tudo isto se goza, quando as ultimas noticias são adversas.

O mais antipathico dos nossos amigos acaba de nos affirmar que tudo é mentira! Vemos a meio corpo, saido da terra, o terrivel personagem do quadro de Goya com o secco e pasmado semblante do morto, estendendo a mão ossea para escrever o repellente—*nada*!—

Que fazer?!

Voltaremos a seguir a monotonia dos successos repetidos. Não ha motivos sérios, para levar o homem ao suicidio.

Quem tem passado tempos na provincia, no campo especialmente, pode avaliar como estas cousas exaltariam as imaginações populares. A massa vivia crente, assustada, e satisfeita. Não faltava assumpto para conversa; nem nos trabalhos do campo, nem nas eiras, ao anoitecer, na volta da sachada; nem no adro da egreja, depois da missa; nem em casa de Zé Maximo; nem na taberna do Agrella.

Era tal a impetuosidade da opinião acceita, que os que tinham a contraria, davam um nó na lingua; pois que não julgavam garantida a integridade do costado. Apesar dos profundos terrores, não era bem visto quem

impugnasse a existencia dos *médos*: porque tal negação offendia profundamente a orthodoxia popular, em materia de bruxedos. O corrente lançava-os n'um bello mundo, onde havia peripecias, commentarios, alvitres, discussões; fazia contrahir a mais intima fibra d'aquelles corações musculosos, mostrava a exuberancia do camponez. Porque a verdade é, que o homem do campo ama, adora o seu romance, a sua litteratura fallada, como não amam a sua propria as outras classes.

Negar-lhes a existencia dos prosonagens que lhes custaram muito pensamento, muito terror, é offendel-os no que tem de mais vital e arreigado.

É por isso que a alma lhes cahiu aos pés, quando se espalhou, que os phantasmas sinistros não eram mais que dois somnambulos, e que esses dois somnambulos eram Manuel do Eido e o seu creado Joaquim.

Opposeram resistencias e contradictas. Custou-lhes o melhor do coração esta descoberta, feita pelo Agrella, n'uma noite em que recolhendo tarde d'uma festa, onde tinha ido por convite tocar clarinete, encontrou o viuvo de Alonsa cavalgando denodadamente a egua e passando-lhe rente sem o conhecer e sem dar ouvidos ao chamamento que lhe fizera, em voz alta. Ficou suspeitoso e continuou no caminho de casa. Porém, ao passar no Eido topou com o velho Joaquim em sensivel apparencia de nudez, com a candeia na mão, a dormir encostado ao portal.

Relatado o caso ao padre Clemente, facil lhe foi explicar tudo com esta chave.

É um dos actos do Carvalhosa que nem eu, nem muitos freguezes lhe podemos levar a bem. Devia ter mais caridade para comnosco, e não nos matar os dois phantasmas.

Porem a explicação, teve pelo menos a vantagem de garantir a Manoel do Eido um bem estar de melhor somno. Depois disto elle dormiu algumas noutes ron-

cando largamente d'um modo atrevido e insolente. Em outras noutes levantava-se para fazer as excursões noturnas de somnambulo; mas um sobrinho que lhe veio fazer companhia, dormindo junto d'elle, livrava-o d'estas peripecias divertidas.

FIM

53. 78 — Typ. Editora, Rocio, 67

# INDICE


Historia vulgar ..... 7
Vingança do morto (a J. Vaz) ..... 45
O brinco de Ermelinda ..... 61
A cobra ..... 85
O criado do cura ..... 103
O tio Agrella ..... 139
O ramo d'oliveira (a J. M. da Cunha) ..... 153
O canto do gallo (a A. Pimenta) ..... 177
O caso de Manoel do Eido ..... 195

# BENTO MORENO

# COMEDIA DO CAMPO

## (SCENAS DO MINHO)

### VOLUME I

Historia vulgar—Vingança do morto
O brinco d'Ermelinda—A cobra—O criado do cura—O tio Agrella—O ramo d'oliveira
O canto do gallo—O caso do Manuel de Eido

### VOLUME II

# AMOR DIVINO

## (ESTUDO PATHOLOGICO D'UMA SANTA)

### VOLUME III

(No prélo)

Antonio Fogueira—A morte Negra—O rei Absoluto—O enterro d'um cão
Os ovos do Recebedor da comarca

NOTA. — Todos os volumes da *Comedia do Campo* são independentes e vendem-se separadamente. Os dous publicados, podem ser pedidos, em Lisboa, á livraria de Pacheco & Carmo, rua do Ouro; e no Porto, á livraria de Magalhães & Moniz d'onde serão remettidos *francos de porte*, quando seja enviada a quantia de 500 reis, importancia de cada volume.

## DO MESMO AUCTOR

(A publicar)

# OS NOIVOS